UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Flavia Fernandes Benini

Estudo narratológico dos discursos de Nícias nos livros 6 e 7 de Tucídides

Versão Corrigida

São Paulo
2019

FLAVIA FERNANDES BENINI

Estudo narratológico dos discursos de Nícias nos livros 6 e 7 de Tucídides

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Área de concentração: Letras
Orientador: Prof. Dr. Breno Battistin Sebastiani

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B467e Benini, Flavia Estudo narratológico dos discursos de Nícias nos livros 6 e 7 de Tucídides / Flavia Benini; orientador Breno Sebastiani. - São Paulo, 2019. 98 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Historiografia. 2. Tucídides. 3. Narratologia. 4. Análise narrativa. 5. Focalização. I. Sebastiani, Breno, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE TERMO DE
CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO (A) ORIENTADOR (A)**

Nome do (a) aluno (a): Flavia Fernandes Benini

Data da defesa: 11/04/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Breno Battistin Sebastiani

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR**
CORRIGIDO elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na
sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu
encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 20/05/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: BENINI, Flavia Fernandes

Título: Estudo narratológico dos discursos de Nícias nos livros 6 e 7 de Tucídides

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha família pela compreensão, sem a qual hoje eu não teria chegado onde cheguei. A todos os professores de Língua e Literatura Grega que dividiram zelosamente comigo os seus conhecimentos e parte do seu tempo. Dentre os professores, em especial ao Prof. Dr. Breno Battistin Sebastiani, pela cuidadosa e extrapaciente orientação durante o processo de preparação desta dissertação. Dedico aos colegas de graduação Henrique e Jota, ambos preciosos: o primeiro, companheiro de erros, tropeços, acertos e gargalhadas, o segundo, companheiro no interesse pela Língua Grega e sempre presente desde o primeiro momento.

ΕΠΙΓΡΑΦΕ

"πάντα χωρεῖ καὶ οὐδὲν μένει" (Ἡράκλειτος)
"Nada é permanente, salvo a mudança" (Heráclito)

AGRADECIMENTOS

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado.

RESUMO

Benini, Flavia Fernandes. **Estudo narratológico dos discursos de Nícias nos livros 6 e 7 de Tucídides**. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019

Nos livros 6 e 7 das Histórias, Tucídides narra a expedição de Atenas à Sicília, que terminaria com a desastrosa derrota ateniense diante dos siracusanos e seus aliados. O relato engloba desde a assembleia em Atenas na qual os preparativos são discutidos até a derrota final do exército ateniense. Nota-se o destaque que a personagem Nícias, um dos generais atenienses que comandavam a expedição, tem no relato, pois muitas das suas ações e dos seus discursos são destacados pelo narrador. O objetivo desta dissertação é investigar a construção da personagem ao longo da narrativa e compreender o motivo do seu destaque. Para isso, utilizamos o instrumental da Narratologia, enfatizando o nível da narrativa (narradores primário e secundário) e as diferenças ou semelhanças entre a focalização primária representada pelo narrador primário (que relata a história principal) e a focalização secundária representada por Nícias. Depois de fazer a comparação entre os narradores, pode-se perceber que um narrador valida as informações transmitidas pelo outro, ou seja, as palavras e ações de Nícias ratificam o relato primário e vice-versa. Além disso, funcionam como um fio condutor no efeito interno no relato, proporcionando ao narrador primário a continuidade na sequência lógica do relato, ou seja, a derrota ateniense na Sicília. A caracterização da personagem Nícias é definida pelo seu modo de ação caracterizado como inação e o medo que demonstra diante da opinião pública desde o livro 6 e se intensifica no livro 7. Nícias, tal como retratado por Tucídides, desempenha uma função proléptica, pois, desde o início, o seu comportamento e os seus discursos já sinalizavam a sua dificuldade diante da liderança do exército. A importância de Nícias está no fato de que é por meio da sua focalização que o narrador indica a mudança da sorte ateniense, ao longo dos dois livros, ante a derrota do exército ateniense. A comparação entre o teor dos discursos de Nícias a medida em que a situação ateniense vai se tornando cada vez mais prejudicada, acompanha e intensifica o desânimo representado pela narrativa primária, corroborando assim com o objetivo do narrador primário de narrar, mais do que a expedição, a derrota.

Palavras-chave: Tucídides, Narratologia, Análise narrativa, Focalizador.

ABSTRACT

Benini, Flavia Fernandes. **Narratological study about Nicias' speeches in Thucydides' books 6 and 7.** 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019

In books 6 and 7 of *Histories*, Thucydides recounts the expedition of Athenas to Sicily, which would end after the disastrous Athenian defeat before the Siracusans and their allies. The report includes from the assembly in Athens in which the preparations are discussed until the final defeat of the Athenian army in Sicily. It is noteworthy the prominence that the character Nicias, one of the Athenian generals who commanded the expedition, has in the story, since many of his actions and his speeches are highlighted by the narrator. The objective of the dissertation is to investigate the character's presentation throughout the narrative of the books 6 and 7 and to understand the reason for its prominence in the narrative. For this, we use the Narratological instruments, emphasizing the narrative level (primary and secondary narrators) and the differences or similarities between the primary focalizer represented by the primary narrator (which reports the main story) and the secondary represented by Nicias. After comparing the narrators, it can be seen that one narrator validates the information transmitted by the other, that is, the words and actions of Nicias ratify the primary narrative and vice versa. Nicias also has the function as a guiding thread in the internal in the narrative, providing the primary narrator with continuity in the logical sequence of the account, that is, the Athenian defeat in Sicily. The construction of the character Nicias, his mode of action characterized as inaction and the fear he proves before public opinion define the performance of the Athenian general since book 6 and intensifies in the book 7. Nicias, as portrayed by Thucydides, plays a proleptic function, since from the beginning his behavior and his speeches already signaled his difficulty before the leadership of the army. The importance of Nicias lies in the fact that it is through his focalization that the narrator indicates the change in Athenian fortunes over the two books of the defeat of the Athenian army. The comparison between the content of the discourses of Nicias as the Athenian situation becomes increasingly impaired, accompanies and intensifies the discouragement represented by the primary narrative, thus corroborating with the primary narrator's purpose of narrating, besides the expedition, the defeat.

Key words: Thucydides, Narratology, Narrative analysis, Focalizer.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
EPÍGRAFE	6
AGRADECIMENTOS	7
RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
SUMÁRIO	10
1. INTRODUÇÃO	11
2. ASPECTOS DA NARRATIVA EM TUCÍDIDES	14
2.1. O NARRADOR PRIMÁRIO TUCIDIDIANO	14
2.2. O NARRADOR SECUNDÁRIO TUCIDIDIANO.....	18
2.2.1. Nícias como narrador secundário	21
3. TRADUÇÃO E ESTUDO NARRATOLÓGICO	25
3.1. DISCURSOS DO LIVRO 6	25
3.1.1. Th.6.9-14	25
3.1.2. Th.6. 19-23	43
3.1.3. Th.6.68.....	51
3.2. DISCURSOS DO LIVRO 7	57
3.2.1. Th.7.8-15	57
3.2.2. Th.7.48-50	68
3.2.3. Th.7.60.5-64; 69	78
3.2.4. Th.7.76-77	89
4. CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

1. INTRODUÇÃO

Nos livros 6 e 7 das *Histórias* de Tucídides, a caracterização da personagem Nícias, um dos generais atenienses, no desenrolar da expedição à Sicília, é fundamental para a construção do desenvolvimento do relato do narrador, desde a assembleia relatada no início do livro 6, na qual os atenienses planejaram detalhes da expedição, até a sua derrota no final do livro 7. A focalização e a caracterização do general são prolépticos de algo maior que se torna cada vez mais claro à medida que a narrativa avança.

Desde a sua apresentação no livro 5, o narrador primário apresenta indícios de qual seria o teor das ações e oferece vestígios da caracterização da personagem secundária Nícias, o que gera de antemão aos leitores a perspectiva de uma antecipação do resultado adverso da atuação dele diante dos atenienses e do seu cargo de general na expedição à Sicília:

Ἐπειδὴ δὲ καὶ ἡ ἐν Ἀμφιπόλει ἦσσα τοῖς Ἀθηναίοις ἐγεγένητο καὶ ἐτεθνήκει Κλέων τε καὶ Βρασίδας, οἵπερ ἀμφοτέρωθεν μάλιστα ἠναντιοῦντο τῇ εἰρήνῃ, ὁ μὲν διὰ τὸ εὐτυχεῖν τε καὶ τιμᾶσθαι ἐκ τοῦ πολεμεῖν, ὁ δὲ γενομένης ἡσυχίας καταφανέστερος νομίζων ἂν εἶναι κακουργῶν καὶ ἀπιστότερος διαβάλλον, τότε δὴ ἑκατέρω τῇ πόλει σπεύδοντες τὰ μάλιστα τὴν ἡγεμονίαν Πλειστοάναξ τε ὁ Πausανίου βασιλεὺς Λακεδαιμονίων καὶ Νικίας ὁ Νικηράτου, πλεῖστα τῶν τότε εὖ φερόμενος ἐν στρατηγίαις, πολλῶ δὴ μᾶλλον προθυμοῦντο, Νικίας μὲν βουλόμενος, ἐν ᾧ ἀπαθὴς ἦν καὶ ἡξιούτο, διασώσασθαι τὴν εὐτυχίαν, καὶ ἔς τε τὸ αὐτίκα πόνων πεπαῦσθαι καὶ αὐτὸς καὶ τοὺς πολίτας παῦσαι καὶ τῷ μέλλοντι χρόνῳ καταλιπεῖν ὄνομα ὥς οὐδὲν σφήλας τὴν πόλιν διεγένετο, νομίζων ἐκ τοῦ ἀκινδύνου τοῦτο ξυμβαίνειν καὶ ὅστις ἐλάχιστα τύχη αὐτὸν παραδίδωσι, τὸ δὲ ἀκίνδυνον τὴν εἰρήνην παρέχειν, [...]
(Th.5.16.1)¹

Quando os atenienses foram derrotados em Anfípolis e Cleão e Brásidas morreram – ambos os homens que mantinham uma postura contrária à paz – o último porque o seu sucesso e sua reputação eram provenientes da guerra e o primeiro porque acreditava que, se houvesse paz, sua conduta perversa estaria às claras e as suas calúnias não teriam credibilidade, – então os principais sucessores na condução das duas cidades eram Pleistoanax, filho de Pausânias, rei dos lacedemônios, e Nícias, filho de Nicerato, o mais afortunado do seu tempo nas ações militares – homens que apoiavam com afincos a paz. Nícias desejava, enquanto ainda era honrado e estimado, manter a sua boa-sorte intacta e evitar aflições a si mesmo e aos cidadãos, além de legar o seu nome à posteridade como alguém que, toda a vida, viveu sem prejudicar a cidade. Ele acreditava que quem se afastasse do perigo e menos se expusesse ao acaso, alcançaria tal feito, e que a manutenção da paz o manteria em segurança [...]
(Th.5.16.1)

Não é fortuito que a focalização em Nícias seja central no relato da expedição e da consequente derrota na Sicília, pois, como ficará evidente ao longo da argumentação, a

¹ Todas as traduções dos textos de Tucídides presentes nesta pesquisa foram realizadas pela autora e têm como base o texto estabelecido por Henry Stuart Jones para a edição da Oxford.

personagem tem dificuldade em expor suas opiniões devido ao medo nutrido pela opinião pública e em perder a sua fama de boa-sorte, o que dificulta a sua compreensão do caráter dos seus concidadãos e interfere em sua influência diante dos atenienses, o que, constantemente, ocasiona a falha em obter da sua audiência os resultados que espera em seus discursos devido ao medo que o paralisa e que, em essência, é o que causa sua inação.

Outro aspecto central na narrativa de Tucídides, ligado à focalização de Nícias, é o de o leitor “enxergar” os acontecimentos através dos olhos do focalizador no momento da ação, mas, ao mesmo tempo, possuir o conhecimento retrospectivo que lhe permite compreender como os focalizadores não poderiam prever as consequências de suas ações e percepções.

A narratologia foi a metodologia proposta para a investigação desta dissertação justamente por proporcionar uma análise mais detalhada dos aspectos textuais por meio de conceitos instrumentais que auxiliam nessa tarefa.

Rood (1998, p. 9) oferece uma clara definição da importância da narratologia na análise textual:

A narratologia é o estudo das constantes da narrativa: o porquê e o como, a estória e a sua apresentação, além do contexto da narrativa. A sua forma de abordagem não é um fim em si mesma, mas como um extenso instrumental hermenêutico incisivo com a estrutura baseada em análise sistemática de aspectos tais como voz narrativa, variações de tempo e perspectiva, caracterização das personagens e apresentação de discurso de pensamento, pode ser aplicada com o intuito de auxiliar a análise de textos da relação entre textos.²

Trata-se de uma das abordagens possíveis pelas quais é exequível dissertar e compreender a forma como um texto é apresentado.

Para este estudo, uma outra abordagem possível seria a análise retórica. Nesse caso, os livros 6 e 7 podem ser pensados como um grande entimema cujas premissas são as advertências de Nícias contra a expedição à Sicília e cuja conclusão é a derrota final. Cada discurso, por sua vez, pode ser entendido como outras tantas premissas menores, todas a se acumular rumo à conclusão única. Os termos “premissa” e “entimema” são aqui entendidos conforme Arist.*Ret.*1.2.1360b-1363b.

A abordagem especificamente retórica não será usada nesta dissertação, pois acreditamos que estudar os livros acima citados pelo viés da narratologia, com ênfase na

² Narratology is the study of the constants of narrative: the what and the how, the story and its presentation, and the instance of the narration itself. Its Theoretical turn need not be an end itself; as a broad but incisive hermeneutic tool, with the framework provided by its systematic analysis of aspects such as the narrator's voice, variations of time and perspective, character, and the presentation of speech and thought, it can helpfully be applied to the analysis of texts and relations between texts.

focalização no general ateniense Nícias, nos permite estudar mais detalhadamente a caracterização da personagem e da direção de sua perspectiva presentes na narrativa, o que nos permite entender mais profundamente e com mais precisão a sua construção e caracterização ao longo do texto.

A narratologia foi formulada tendo em vista a ficção, contudo pode ser aplicada à historiografia, pois o tratamento dedicado à subjetividade da escrita histórica deve ser cauteloso e realizado de modo a atingir o seu objetivo de esclarecer as interpretações. O que distingue os textos históricos dos textos de ficção é a suposição do leitor de que, enquanto nos primeiros está relatado o que “realmente aconteceu”, no segundo caso trata-se de uma narrativa imaginária ou irreal. Justifica-se, então, o uso dos conceitos narratológicos no estudo da obra de Tucídides, pois foi por meio da exploração das características comuns da narrativa que o historiador ateniense estava explicando não apenas o curso da guerra, mas também relatando de modo mais amplo como indivíduos e cidades se comportaram. (ROOD, 1998, p. 9-10)

O nível de narração (primária e secundária) e como ela ocorre na *História da Guerra do Peloponeso* nos livros 6 e 7 no que diz respeito à interação do narrador primário e do narrador secundário Nícias foi um dos focos da presente pesquisa. De Jong (2004, p. 2) explica que o narrador primário é aquele que relata a história principal e cuja voz é a que ouvimos logo no início do relato, enquanto o narrador secundário é aquele a quem o narrador primário permite a apresentação dos eventos. O mesmo ocorre com relação aos narratários, pois para cada narrador primário há um narratário primário correspondente, para cada narrador secundário há um narratário correspondente e assim por diante.

Narratário é o destinatário do ato narrativo. Trata-se do tipo prototípico de leitor que o narrador tem em mente ao produzir seu discurso.

Outro conceito central e complementar ao de narrador é o de focalizador. Irene de Jong define focalizador como a pessoa (narrador ou personagem) que, por meio de seu intermédio, os eventos e as personagens de uma narrativa são filtrados na narrativa e chegam aos narratários.

A fim de auxiliar a compreensão da importância que tal conceito tem na presente pesquisa, enfatizamos o fato de que todo narrador é um focalizador. O conceito de focalização foi formulado por Gérard Genette para escapar à falta de clareza entre as categorias de ponto de vista e de voz narrativa, pois Genette considerava que “quem vê” era uma questão separada de “quem fala” (ROOD, 1998, p. 11-12).

2. ASPECTOS DA NARRATIVA EM TUCÍDIDES

2.1. O NARRADOR PRIMÁRIO TUCIDIDIANO

O parágrafo inicial (Th.1.1-3) da *História da Guerra do Peloponeso* indica que o primeiro evento narrado na obra de Tucídides é o próprio ato narrativo (“Tucídides, um ateniense, relatou a guerra entre peloponésios e atenienses”). Logo a seguir, conforme o parágrafo continua, há a alteração para a apresentação do narrador em primeira pessoa ao fazer a sua afirmação metodológica acerca da grandiosidade da guerra que pretende narrar em comparação com as guerras anteriores. Pode-se perceber que Tucídides narra o seu próprio ato de composição, assim como narra a Guerra do Peloponeso (ROOD, 2004, p.115-116):

Θουκυδίδης Ἀθηναῖος ξυνέγραψε τὸν πόλεμον τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων, ὥς ἐπολέμησαν πρὸς ἀλλήλους, ἀρξάμενος εὐθὺς καθισταμένου καὶ ἐλπίσας μέγαν τε ἔσεσθαι καὶ ἀξιολογώτατον τῶν προγεγενημένων, τεκμαιρόμενος ὅτι ἀκμάζοντές τε ἦσαν ἐς αὐτὸν ἀμφοτέρω παρασκευῇ τῇ πάσῃ καὶ τὸ ἄλλο Ἑλληνικὸν ὄρων ξυνιστάμενον πρὸς ἑκατέρους, τὸ μὲν εὐθύς, τὸ δὲ καὶ διανοούμενον. κίνησις γὰρ αὕτη μεγίστη δὴ τοῖς Ἑλλήσιν ἐγένετο καὶ μέρει τινὶ τῶν βαρβάρων, ὥς δὲ εἰπεῖν καὶ ἐπὶ πλεῖστον ἀνθρώπων. τὰ γὰρ πρὸ αὐτῶν καὶ τὰ ἔτι παλαιότερα σαφῶς μὲν εὐρεῖν διὰ χρόνου πλῆθος ἀδύνατα ἦν, ἐκ δὲ τεκμηρίων ὧν ἐπὶ μακρότατον σκοποῦντί μοι πιστεῦσαι ξυμβαίνει οὐ μεγάλα νομίζω γενέσθαι οὔτε κατὰ τοὺς πολέμους οὔτε ἐς τὰ ἄλλα. (Th.1.1-3)

Tucídides, um ateniense, relatou a guerra entre os peloponésios e os atenienses, tal como lutaram uns contra os outros. Começou a tarefa logo no início da guerra, acreditando que esta seria a maior e mais digna de nota do que as anteriores, dando-se conta que ambas as potências estavam, em todos aspectos, no auge da preparação e porque via todo o restante dos povos helênicos se aliando a um ou a outro lado; alguns de imediato, outros após ponderação. Esta era a maior movimentação que já havia acontecido entre os gregos, atingindo também alguns dos bárbaros, e pode-se dizer, até mesmo uma grande parte da humanidade. Era impossível, devido ao longo tempo decorrido, definir com clareza os acontecimentos anteriores e os ainda mais antigos. Contudo, a partir das evidências, investigadas com mais afinco, nas quais considero poder confiar, acredito que não foram tão grandes no que se refere às guerras anteriores, nem quanto aos outros fatos ocorridos. (Th.1.1-3)

Tucídides é um narrador externo contemporâneo à história narrada, contudo também se porta como narrador interno quando no livro 4 cita a si mesmo na terceira pessoa em Th.4.104.4 (“eles enviaram Tucídides, o filho de Oloro, aos outros generais na Trácia, que escreveu esta história”). Rood (2004, p.116-118) explica a diferença entre as formas nas quais Tucídides se apresenta variando entre Tucídides, filho de Oloro e Tucídides, um ateniense: usar o patronímico juntamente com a forma de terceira pessoa quando ele próprio é um personagem na narrativa é uma maneira de tratar a si mesmo da mesma forma como trata as outras

personagens, ou seja, como agente de ação. Além disso, usar o nome que o liga a um dos lados envolvidos na guerra narrada tem a função metodológica de conferir autoridade ao relato e que o seu acesso a fontes era amplo.

Tucídides também se refere a si mesmo citando apenas o seu nome, sem patronímico ou gentílico, nas frases formulares que encerram seções menores da obra, por exemplo, em Th.6.93.4 (“E o inverno acabou, assim como o décimo sétimo ano desta guerra sobre a qual Tucídides escreveu”). Apesar de apresentar o enquadramento narrativo distante, mostra a sua atividade como narrador por meio das variações acima explicadas e também por meio da expressão de opiniões ou inclusão de detalhes na narrativa primária (mesmo que não seja na primeira pessoa), tais como: passagens de alcance temporal e intelectual maior nas quais analisa a derrota de Atenas (Th.2.65), a complexidade da relação de Alcibíades com os atenienses (Th.6.15.2-4) e por outros julgamentos explícitos sobre personagens antes de desses fazer discursos.

As personagens se tornam narradores secundários na obra de Tucídides quando lhes é permitido pelo narrador primário fazer uso de discursos diretos ou indiretos dentro da narrativa primária. A afirmação anterior é importante porque, segundo Morrison (2006, p. 251-253), em seu estudo sobre a interação entre discurso e narrativa nas *Histórias* de Tucídides, a interação discursiva na obra se dá pela tensão entre o que é dito nos discursos dos narradores secundários e o que “de fato” acontece no relato do narrador primário. A narrativa primária pode confirmar o que é dito nos discursos e pode tanto oferecer uma ilustração da ideia geral quanto corrigir os discursos dos narradores secundários ao mostrar o quanto uma previsão ou afirmação não se realizou; sendo assim, a dinâmica da estrutura das *Histórias* faz o leitor se tornar participante da análise histórica, usando a interação entre discurso e narrativa como um meio de envolvê-lo. O leitor deve tomar essa função para si e fazer a comparação, pois Tucídides não diz claramente se a sequência dos eventos confirma ou corrige os discursos. Morrison (2006, p. 252-253) indica alguns usos do discurso e da narrativa por parte de Tucídides, entre eles destacamos um que trata da importância do leitor:

Um modo de pensar discurso e narrativa é em termos das incumbências enfrentadas pelos leitores. Tucídides estruturou sua obra de modo a convidar e desafiar o seu leitor a se tornar participante no seu projeto de análise histórica, usando discurso e narrativa como meios de envolver o leitor. Previamente, argumentei que o melhor modelo de leitor engajado de Tucídides é encontrado em sua descrição dos historiadores e homens envolvidos na política que possuem alguma capacidade de perceber semelhanças, extrapolar os fatos a partir de evidências e circunstâncias e ainda olhar para o passado e pressupor o provável desenrolar de eventos. Por Tucídides raramente nos dizer em termos explícitos para comparar dois episódios ou perceber se uma sequência particular de eventos confirma ou corrige uma pressuposição anterior, o

leitor deve intervir, justapor e comparar o que é afirmado com o que realmente ocorre na narrativa.³

Morrison (2006, p. 255) afirma que Tucídides alinha discurso e narrativa dentro de um mesmo episódio e entre episódios contíguos de modos diferentes a fim de guiar a experiência do leitor e, para tanto, Morrison (2006, p. 256) analisa o padrão estrutural dos episódios na obra de Tucídides e propõe nomeá-lo *nestled speeches* (discursos aninhados). Esta estrutura é composta pelo alinhamento entre discurso e narrativa: há uma breve narrativa que precede o discurso e um breve epílogo logo após o mesmo. Quando há mais de uma declaração no mesmo episódio, Morrison aponta a presença de uma “ponte narrativa”, que funciona como epílogo para o discurso anterior e como introdução para o discurso seguinte.

Tucídides emprega um alinhamento relativamente simples entre discurso e narrativa, no entanto deixa ao leitor a tarefa complexa de analisar o material. Por meio da disposição narrativa-discurso o autor ateniense mostra motivação, argumentação e resposta – ora alinhada com o argumento, outrora em desacordo com o discurso do narrador secundário. Conforme a estrutura proposta, resta ao leitor a tarefa de verificar interação entre discurso e narrativa, por exemplo: (i) se a introdução interage com o argumento do discurso; (ii) se houve eficácia ou ineficácia no argumento do discurso ao promover a motivação do orador; (iii) se o caráter do orador fica evidente com o tipo de discurso proferido; (iv) a interação entre discurso e epílogo; (v) a aceitação positiva ou negativa do argumento do discurso; (vi) se a ação resultante do discurso segue ou não a proposta do discurso proferido.

Morrison (2006, p. 265-266), também chama a atenção para o que chama de conexões entre discurso e narrativa nas *Histórias*: os discursos podem antecipar eventos posteriores por meio de previsões, avisos e estratégias propostas:

Em certa medida, os discursos também antecipam eventos posteriores, avisos e estratégias propostas. Uma incumbência óbvia para o leitor é avaliar a precisão de tais pressuposições ao testá-las contra a narrativa dos eventos relatados posteriormente. As pressuposições podem ter um alcance curto em termos de espaço temporal (e extensão narrativa). Por exemplo, no Diálogo Mélio, os atenienses predizem com

³ One way of thinking about speech and narrative is in terms of tasks facing the reader. Thucydides has structured his history in such a way as to invite and challenge his reader to become a participant in the project of historical analysis, using speech and narrative as a means to engage the reader. I have previously argued that the best model for the engaged reader is found in Thucydides' description of historians and statesmen who have the capacity to see likenesses, extrapolate from present evidence and circumstances, and either look to the past or foresee the probable course of events. Because Thucydides only rarely tells us *in explicit terms* to compare two episodes or to notice whether a particular sequence of events confirms or corrects an earlier prediction, the reader must step in to juxtapose and compare what is argued for in speech with what actually happens in narrative.

precisão a cautela espartana, antecipando o fato dentro do trecho Th.5.105.3-4; a relutância espartana em retaliar é percebida na narrativa no trecho Th.5.115.2.

As pressuposições também podem dizer a eventos mais distantes no tempo (e distante também na narrativa). Em seus discursos sobre a expedição à Sicília (Th.6.9-14, 6.20-23), Nícias faz várias previsões e avisos que a narrativa que são confirmados na narrativa dos dois anos seguintes. Ele antecipa o perigo de dividir o poder ateniense, a dificuldade em controlar a Sicília, o risco de que as cidades sicilianas venham a se aliar, a provável necessidade de reforços e o isolamento precário das forças atenienses em um local distante e hostil. [...] ⁴

Em uma análise mais detalhada do modo como o narrador primário insere discursos secundários na narrativa, Pavlou (2013, p. 410-415) acredita que o prólogo (acima nomeado de introdução) pode oferecer informações quanto a três componentes: o contexto no momento de proferir o discurso, o orador e o público, e isto mostra como se dá a interação entre o público e o orador. O prólogo pode incluir “informações que dizem respeito à estrutura do espectador, a relação entre orador-público (a sua predisposição de um em relação ao outro) e o seu estado de espírito durante a comunicação”. Os discursos na obra de Tucídides estão inseridos em um contexto pragmático predeterminado pelo narrador no que diz respeito às suas intenções. Deste ponto de vista, a informação incluída no prólogo e no epílogo é essencial para a interpretação dos discursos na medida em que esclarecem a intenção do orador e o contexto em que ele está inserido, ao mesmo tempo que possibilita a avaliação dos fatores que tornaram o discurso persuasivo ou não. A autora sugere que, além de toda esta contribuição, a informação que Tucídides opta por incluir leva o leitor a perceber o discurso de um ponto de vista específico e a fixar a atenção para um aspecto particular: cada discurso específico tem um propósito e as informações que o cercam garantem que o leitor perceba tal propósito e para possa dirigir a sua reflexão.

Pavlou (2013, p. 413) argumenta mais detalhadamente quando a isso da seguinte maneira:

⁴ In varying degrees of specificity, speeches also anticipate later events by means of predictions, warnings, and proposed strategy. Na obvious task for the reader is to evaluate the accuracy of such predictions by testing them against the subsequent course of events recounted in narrative. Predictions may be relatively short range in terms of time (and length of narrative). For example, in the Melian Dialogue, the Athenians accurately foretell Spartan caution, anticipating it in speech at 5.105.3-4 (cf. 5.107; 5.109); Spartan reluctance to retaliate is then noted in the narrative at 5.115.2.

Predictions may also concern events more distant in time (and removed by a great length of narrative). In his speeches regarding the proposed Sicilian Expedition (6.9-14, 6.20-23), Nicias makes various predictions and warnings that the narrative of the following two years confirms. He anticipates the danger of dividing Athenian power, the difficulty of rule in Sicily (6.10-11), the risk that Sicilian cities may join together, the likely need for reinforcements, and the precarious isolation of an Athenian force in a distant, hostile locale (6.20-21). [...]

[...] Os discursos não eram proferidos *in vácuo*, mas dentro de um contexto, para um público, por um orador, em momento e local específicos. Deste modo, o seu significado não pode e não depende apenas do aspecto semântico, mas também depende nas condições nas quais ele é proferido, ou seja, a quem, por quem, onde e como foram executados. Vistas a partir desses aspectos, as informações incluídas no prólogo e no epílogo não são subsidiárias ou secundárias, mas essenciais para a interpretação dos discursos como atos comunicativos na medida em que esclarecem a intenção do orador, do seu registro estilístico e da sua postura diante do público. Ao mesmo tempo, possibilita a avaliação dos fatores que tornaram o discurso persuasivo, não persuasivo ou sem sentido.

Além do papel crucial que desempenham na abordagem pragmática dos discursos, o prólogo e o epílogo têm outro propósito significativo, ainda que negligenciado. A partir do que foi argumentado até o momento, pode ser inferido que, aos menos tematicamente, o alcance das informações incluídas na sua configuração é mais ou menos a mesma. Um exame detalhado revela que a configuração difere em termos de extensão e focalização. Assim sendo, enquanto em algumas ocasiões uma frase introdutória consiste em uma única sentença simples, outras vezes pode ser mais longa e elaborada. Da mesma forma, a luz narrativa, por vezes, foca no orador e nos seus motivos, e outras, no assunto do discurso ou no estado psicológico do público ou no procedimento de voto/tomada de decisões.⁵

2.2. O NARRADOR SECUNDÁRIO TUCIDIDIANO

A autoridade do narrador tucididiano, de acordo com Rood (2004, p. 123), fica evidente ao examinar o modo como a narrativa primária se relaciona com as narrativas nela embutidas, ou seja, como o narrador primário permite a inclusão do narrador secundário. O narrador primário tucididiano cria um forte sentido de controle narrativo ao se mostrar crítico não expondo versões conflitantes de um evento e, desse modo, mostra-se seletivo ao permitir a

⁵ [...] The speeches were not delivered in *vacuo* but within a specific context, to a specific audience, by a specific speaker, at a specific time and place. Accordingly, their meaning cannot and does not depend merely on semantics, but also on the conditions of delivery, that is to whom, by whom, when, where and how they were delivered. Seen from this aspect, the information included in the preamble and postscript is not merely subsidiary or secondary but essential for the interpretation of the speeches as communicative acts, in so far as it sheds light upon a speaker's intended aims, his stylistic registers and his stance towards his audience. At the same time, it enables the evaluation of the factors which rendered a speech persuasive, non-persuasive or pointless.

In addition to the crucial role they play in the pragmatic approach of the speeches though, the preamble and the postscript seem to serve another significant, yet neglected purpose. From what has been said so far, it can be inferred that, thematically at least, the range of information included in the settings is more or less the same. Whereas this is true, a closer examination reveals that the settings do differ in terms of extension and focalisation. Therefore, while on some occasions an introductory phrase may consist of a single sentence and the bare minimum, at other times it may be lengthier and more elaborate. Likewise, the narrative lens sometimes focuses on the speaker and his motives, and some others on the subject-matter of the speech or the audience's psychological state or the decision/voting procedure.

presença de narradores secundários. Na sua argumentação, Rood (2004, p. 124) explica que, em algumas ocorrências em que o narrador primário permite a inclusão dos discursos dos narradores secundários, estes podem também ter a função de desenvolver um evento ou preencher uma lacuna da narrativa da primária. O autor cita como exemplo a detalhada carta de Nícias presente na narrativa do livro 7 (ROOD, 2004, p. 124):

Enquanto a carta enviada pelo rei persa aos espartanos acrescenta detalhes não encontrados na narrativa principal, outra muito mais longa que o general ateniense Nícias escreve aos atenienses em casa sobre seus problemas crescentes na Sicília (Th.7.11-15) já trata de assuntos abordados da narrativa primária. A extensão da repetição enfatiza a confiabilidade de Nícias - especialmente quando ele escreveu a carta para que sua mensagem não fosse distorcida e para que pudessem deliberar sobre a verdade (7.8.2). (Tucídides relata a carta como se ela estivesse sendo lida para a assembleia ateniense: daí a narrativa na carta é duplamente embutida). Nícias fornece alguns detalhes não encontrados na narrativa primária ao mesmo tempo em que encobre sua própria responsabilidade por alguns desenvolvimentos recentes. É preciso explorar o contraste entre a carta de Nícias e a narrativa que a enquadra, pois revela características importantes sobre ele e, especialmente, sobre sua interação com seus narratários secundários. O tom defensivo tomado por Nícias ao contar sua história aos atenienses é uma contribuição reveladora à análise de Tucídides da conturbada relação entre os atenienses e seus líderes. A lacuna entre a apresentação dele em sua narrativa secundária e a narrativa primária de Tucídides também poderia ser interpretada como uma crítica ao conhecimento democrático - ou pelo menos como um comentário sobre as dificuldades envolvidas em qualquer forma de tomada de decisão.⁶

Gribble (2006, p. 448-449) argumenta que na historiografia, há outra questão importante quando se trata da função dos indivíduos ou episódios apresentados: a quem é permitido aparecer para falar ou focalizar em primeiro lugar, ou quais episódios são recordados. A seletividade rigorosa dos episódios na obra de Tucídides é particularmente evidente quando se trata dos indivíduos apresentados na narrativa, pois apesar da ausência da “história de vida completa” dos indivíduos, a narrativa tende a se concentrar em poucos atores chave, ao redor de quem se aglomeram discurso, focalização e descrição da ação. Os eventos podem ser estruturados por meio da apresentação de indivíduos que funcionam como atores de foco e nos

⁶ Whereas the letter sent by the Persian king to the Spartans adds details not found in the primary narrative, the much longer letter that the Athenian general Nícias writes to the Athenians at home about their growing problems in Sicily (7.11–15) covers ground already familiar from the primary narrative. The extent of the repetition focuses attention on Nícias’ reliability—especially as he wrote the letter so that his message would not be distorted, and the Athenians could deliberate about the truth (7.8.2). (Thucydides reports the letter as it is read out to the Athenian assembly: hence the narrative in the letter is doubly embedded.) Nícias gives some details not found in the earlier narrative; and he glosses over his own responsibility for some recent developments. Exploring the contrast between Nícias’ letter and the surrounding narrative is important for what it reveals about Nícias, and especially about his interaction with his secondary narratees. The defensive tone taken by Nícias as he tells his story to the Athenians is a telling contribution to Thucydides’ analysis of the troubled relation between the Athenians and their leaders. The gap between Nícias’ presentation in his secondary narrative and Thucydides’ primary narrative could also be interpreted as a critique of democratic knowledge—or at least as a comment on the difficulties involved in any form of decision-making.

quais se concentram os discursos e a focalização. É o caso de Nícias, pois grande parte do relato da expedição à Sicília se estrutura ao redor da sua focalização.

2.2.1. Nícias como narrador secundário

Os indivíduos das narrativas históricas em Tucídides, para Gribble, fazem parte da estrutura narrativa e, deste modo, o desdobramento das suas ações e de seus discursos está intimamente ligado à técnica narrativa (GRIBBLE, 2006, p. 447):

Isso é mais evidente, talvez, quando se trata da questão da ‘voz’ (quem fala?). A historiografia de Tucídides se centra no discurso e, em particular, na comparação constante e complexa de discurso e ação, plano e realidade. Esse uso do discurso é claramente um aspecto da técnica narrativa e está intimamente relacionado tanto ao papel do indivíduo nas condições reais do final do quinto século (refletindo o papel do discurso na ação inspiradora, e a base da reputação individual e no aconselhamento eficiente) como também às origens literárias da historiografia tucidiana. No entanto, isso não implica necessariamente um papel histórico importante para as pessoas que proferem os discursos - caso contrário, teríamos de atribuir um importante papel para Teutiaplo da Élida, cuja única função na *História* é emitir um discurso curto a Alcidas expondo a pobreza da imaginação deste último no Livro III (Th.3.29.2), ou, mesmo, para Diodoto que se opõe a Cleão no Debate em Mitilene (Th.3.3.41). Tais figuras são os veículos para ideias e pontos de vista contextualizados. No entanto, discursos como esses, apresentados por pessoas sem real posição e que não se repetem em outras partes das *Histórias*, são raros. Mais tipicamente, a identidade do orador também é importante, de modo que, por exemplo, o discurso desencorajando a ação imediata no primeiro debate em Esparta no Livro I é crucialmente entregue por Arquidamo, um dos reis, “um homem com reputação de inteligência e virtude” (Th.1.79.2), e o homem que irá liderar a invasão da Ática, ao tentar persuadir os espartanos contra discurso de Arquidamo. A análise que ele apresenta deve ser confrontada com os outros discursos do livro e com os eventos que se desdobram, mas também nos ajuda a entender o porquê do Arquidamo individual nesses eventos. Nesse sentido, a metodologia narrativa centrada na fala de Tucídides claramente encoraja uma forma de concentração no indivíduo. Se pudéssemos imaginar as ideias do discurso de Arquidamo apresentadas pelo narrador, o efeito teria sido muito diferente. Onde os discursos contêm ataques e defesas de um indivíduo (como no debate da Sicília ou de Mitilene), o próprio indivíduo se torna um tema do “diálogo retórico” das *Histórias*.⁷

⁷ This is most evident perhaps when it comes to the question of “voice” (who speaks?). Thucydidean historiography is centered on speech, and in particular the constant, complex comparison of speech and action, plan and reality. This use of speech is clearly an aspect of narrative technique, and one that is closely related both to the role of the individual in the real conditions of the late fifth century (reflecting the role of speech in inspiring action, and the foundation of individual reputation on the giving of effective advice), and also to the literary origins of Thucydidean historiography. But it does not necessarily imply an important historical role for the people who give the speeches—otherwise we would have to posit an important role for Teutiaplos the Elean, whose only role in the *History* is to give a short speech to Alcidas exposing the poverty of the latter’s imagination in Book III (29.2), or for that matter for Diodotos who opposes Cleon in the Mytilenean Debate (3.41). Such figures are the vehicles for contextualized ideas and points of view. Nevertheless, speeches such as these, delivered by people with no real position, and who do not recur elsewhere in the *History*, are rare. More typically the identity of the speaker is important too, so that, e.g., the speech discouraging immediate action in the first debate at Sparta in Book I is crucially delivered by Archidamos, one of the kings, “a man with a reputation for intelligence and virtue” (1.79.2), and the man who will go on to lead the invasion of Attica, which he tries to persuade the Spartans against in this speech. The analysis he puts forward is one that is to be set against the other speeches in the book, and with the unfolding events, but it also relates to and helps us to understand the role of the individual Archidamos in those events. In this sense, Thucydides’ speech-centered narrative methodology clearly encourages a form of concentration on the individual. If we could imagine the ideas in Archidamos’ speech presented by the narrator, the effect would have been very different. Where speeches contain attacks on, and defenses by, an individual (as

No ponto de vista narratológico, a focalização centrada nos discursos e ações de Nícias nos livros 6 e 7, assim como a forma e o conteúdo de cada discurso, dependendo do contexto no qual está inserido, tal como elaborados por Tucídides, é uma estratégia que confere autoridade ao narrador primário e proporciona o efeito interno de conduzir o relato da derrota ateniense na Sicília. Em Th.2.65 o narrador primário já fez menção a proléptica derrota ateniense na Sicília, logo o leitor já espera que nos livros 6 e 7, em que há o relato da expedição, o resultado seja desfavorável aos atenienses. É justamente no processo de como ocorre a derrota que a focalização em Nícias é imprescindível, tal como se verá ao longo da análise dos discursos nos próximos capítulos.

Gribble (2006, p. 440) afirma que há três características que definem o tratamento tucididiano em relação aos indivíduos em sua narrativa: (i) a ausência de detalhes particulares ou pessoais: detalhes pessoais ocorrem apenas em relação ao seu papel público ou social na narrativa e o mesmo ocorre em relação ao aspecto da descrição moral; (ii) a ausência da história de vida: por ausência da história de vida, o autor quer dizer que cada personagem cumpre o seu papel e então desaparece, sem muitos detalhes sobre a sua vida anterior ou sobre o seu destino; (iii) e a ausência da descrição moral: a descrição da moral individual ocorre quando está ligada à atividade política do indivíduo ou à sua atuação militar cruciais para o desenvolvimento da narrativa, ou seja, quando se relaciona com a sua função de ator na história relatada e ao seu compromisso no contexto do relato. A caracterização de Nícias nas *Histórias* se adequa em todos os itens acima, como ficará evidente na análise dos discursos propostas nesta dissertação.

Apesar de se adequar, ainda há um destaque que o narrador primário confere à personagem ao incluir em Th.7.86.5 o seu epitáfio, tal como havia a feito Péricles em Th.2.65.6-11. O fato do narrador primário atribuí-lo (o epitáfio) aos generais atenienses relembra ao leitor atento o contraste da adequação à posição de liderança que ambos ocuparam diante da tropas. Em um trecho do epitáfio de Péricles, o narrador primário critica a condução dos assuntos da cidade após a sua morte, e ante Nícias estão os sucessores de Péricles criticados.⁸

[...] ἐπεβίω δὲ δύο ἔτη καὶ ἑξ μῆνας: καὶ ἐπειδὴ ἀπέθανεν, ἐπὶ πλέον ἔτι ἐγνώσθη ἢ πρόνοια αὐτοῦ ἢ ἐς τὸν πόλεμον. ὁ μὲν γὰρ ἡσυχάζοντάς τε καὶ τὸ ναυτικὸν θεραπεύοντας καὶ ἀρχὴν μὴ ἐπικτωμένους ἐν τῷ πολέμῳ μηδὲ τῇ πόλει κινδυνεύοντας ἔφη περιέσεσθαι: οἱ δὲ ταῦτά τε πάντα ἐς τοῦναντίον ἔπραξαν καὶ ἄλλα ἔξω τοῦ

in the Mytilenean or Sicilian Debates), the individual himself becomes a theme of the “rhetorical dialogue” of the *History*.

⁸ A análise da comparação com Péricles está no capítulo desta dissertação que trata do discurso direto de Nícias presente em Th.6.9-4.

πολέμου δοκοῦντα εἶναι κατὰ τὰς ἰδίας φιλοτιμίας καὶ ἴδια κέρδη κακῶς ἔς τε σφᾶς αὐτοὺς καὶ τοὺς ξυμμάχους ἐπολίτευσαν, ἃ κατορθούμενα μὲν τοῖς ἰδιώταις τιμὴ καὶ ὠφελία μᾶλλον ἦν, σφαλέντα δὲ τῇ πόλει ἐς τὸν πόλεμον βλάβη καθίστατο. αἴτιον δ' ἦν ὅτι ἐκεῖνος μὲν δυνατὸς ὦν τῷ τε ἀξιώματι καὶ τῇ γνώμῃ χρημάτων τε διαφανῶς ἀδωρότατος γενόμενος κατεῖχε τὸ πλῆθος ἐλευθέρως, καὶ οὐκ ἤγετο μᾶλλον ὑπ' αὐτοῦ ἢ αὐτὸς ἦγε, διὰ τὸ μὴ κτώμενος ἐξ οὐ προσηκόντων τὴν δύναμιν πρὸς ἡδονήν τι λέγειν, ἀλλ' ἔχων ἐπ' ἀξιώσει καὶ πρὸς ὀργὴν τι ἀντειπεῖν. ὅποτε γοῦν αἰσθητό τι αὐτοὺς παρὰ καιρὸν ὕβρει θαρσοῦντας, λέγων κατέπλησεν ἐπὶ τὸ φοβεῖσθαι, καὶ δεδιότας αὖ ἁλόγως ἀντικαθίστη πάλιν ἐπὶ τὸ θαρσεῖν. ἐγίγνετό τε λόγῳ μὲν δημοκρατία, ἔργῳ δὲ ὑπὸ τοῦ πρώτου ἀνδρὸς ἀρχή. οἱ δὲ ὕστερον ἴσοι μᾶλλον αὐτοὶ πρὸς ἀλλήλους ὄντες καὶ ὀρεγόμενοι τοῦ πρώτος ἕκαστος γίγνεσθαι ἐτράποντο καθ' ἡδονὰς τῷ δήμῳ καὶ τὰ πράγματα ἐνδιδόναι. ἐξ ὧν ἄλλα τε πολλὰ, ὥς ἐν μεγάλῃ πόλει καὶ ἀρχὴν ἐχούσῃ, ἡμαρτήθη καὶ ὁ ἐς Σικελίαν πλοῦς, ὃς οὐ τοσοῦτον γνώμης ἀμάρτημα ἦν πρὸς οὓς ἐπῆσαν, ὅσον οἱ ἐκπέμπαντες οὐ τὰ πρόσφορα τοῖς οἰχομένοις ἐπιγινώσκοντες, ἀλλὰ κατὰ τὰς ἰδίας διαβολὰς περὶ τῆς τοῦ δήμου προστασίας τά τε ἐν τῷ στρατοπέδῳ ἀμβλύτερα ἐποίουν καὶ τὰ περὶ τὴν πόλιν πρῶτον ἐν ἀλλήλοις ἐταράχθησαν. [...] (Th.2.65.6-11)

[...] Péricles viveu mais dois anos e seis meses após o início da guerra, e, depois de seu falecimento, suas previsões [em relação à guerra] tornaram-se mais evidentes. Ele disse aos atenienses que se mantivessem sob uma política defensiva, cuidassem da frota e não buscassem aumentar o império durante a guerra ou colocassem a cidade em perigo, sairiam vitoriosos diante dos inimigos. Contudo, os atenienses fizeram o oposto do que Péricles os aconselhara, inclusive em assuntos que pareciam não ter conexão com a guerra. Foram levados pelas ambições e vantagens particulares a adotar políticas prejudiciais a si mesmos e aos aliados - políticas que, se bem-sucedidas, seriam honrosas e proveitosas aos cidadãos e, se malsucedidas, seriam danosas à cidade na condução da guerra. A razão para isso era que Péricles, por obter influência devido à sua reputação e à sua competência, além de ser claramente incorruptível, restringia a multidão livremente, e não era guiado por ela, mas a guiava, porque a sua habilidade não estava ligada ao prazer em dizer algo, mas era capaz, em virtude de sua reputação, de se opor à ela provocando sua ira. Em geral, quando os percebia excessivamente confiantes e arrogantes, falava para lhes incutir medo, mas se estivessem temerosos, falava de modo a lhes incutir coragem. Atenas era, na teoria, uma democracia, mas na prática, era o governo do homem mais proeminente. Os seus sucessores [de Péricles], sendo iguais uns aos outros e buscando cada um ser o mais proeminente, dispuseram-se a agradar e entregaram a condução dos assuntos da cidade ao *demos*. A partir disso, uma vez que o fato ocorreu em uma grande cidade imperial, muitos erros foram cometidos, em especial a expedição à Sicília, que não foi apenas um erro de julgamento, considerando o inimigo contra o qual se lançaram, mas também os que a enviaram, não tomaram decisões adequadas aos expedicionários. Pelo contrário, se entregaram a intrigas privadas para obter posição política de chefia do povo e, assim, tornaram o exército mais fraco e pela primeira vez promoveram a discórdia entre os cidadãos. [...] (Th.2.65.6-11)

Na obra de Tucídides, Nícias é introduzido como narrador secundário ora através do discurso direto e, outrora, indireto. A característica predominante nos discursos que mais chama a atenção é o fato de o conteúdo da argumentação de Nícias não contradizer o narrador primário, mas ser constantemente um espelho deste. As opiniões de Nícias poderiam ser todas inseridas no texto em forma de narrativa indireta, no entanto, o narrador primário optou por inserir também longos discursos de Nícias em discurso direto. Tal forma de inserção dos discursos do

general ateniense indica a intenção de conferir maior destaque e representatividade à personagem de Nícias e ao que ele representava na narrativa.

Rood (1998, p. 184-185) explica a focalização em Nícias por meio do destaque que o narrador primário confere a ele na narrativa siciliana. Os seus discursos no livro 6 ilustram o seu julgamento lúcido e a sua inabilidade de imprimi-lo aos outros; no livro 7, o foco pessoal se intensifica, pois tanto antes como após a chegada de Demóstenes, é a focalização de Nícias acerca do desespero dos atenienses, transmitido por meio dos seus pensamentos, da carta que escreve aos atenienses em casa, dos discursos que faz antes e após a derrota decisiva de Atenas, que complementa a descrição narrativa das causas do desespero deles. A argumentação a seguir mostrará que Nícias é apresentado pelo narrador primário como em general inadequado ao contexto da expedição à Sicília e como causador de grande parte dos erros que buscava evitar.

3. TRADUÇÃO E ESTUDO NARRATOLÓGICO

3.1. DISCURSOS DO LIVRO 6

3.1.1. Th.6.9-14

Após a assembleia aprovar a invasão da Sicília, para que os preparativos necessários para equipar os navios e as demais solicitações feitas pelos generais atenienses escolhidos para liderar a expedição fossem, uma outra assembleia foi convocada. Entre esses, Nícias, eleito contra a sua vontade, busca convencer os seus ouvintes sobre a imprudência de enviar a expedição com o discurso a seguir.

Th.6.9 - Ἡ μὲν ἐκκλησία περὶ παρασκευῆς τῆς ἡμετέρας ἦδε ξυνελέγη, καθ' ὅτι χρὴ ἐς Σικελίαν ἐκπλεῖν· ἐμοὶ μέντοι δοκεῖ καὶ περὶ αὐτοῦ τούτου ἔτι χρῆναι σκέψασθαι, εἰ ἄμεινόν ἐστιν ἐκπέμπειν τὰς ναῦς, καὶ μὴ οὕτω βραχείᾳ βουλῇ περὶ μεγάλων πραγμάτων ἀνδράσιν ἄλλοφύλοις πειθομένους πόλεμον οὐ προσήκοντα ἄρασθαι. [2] καίτοι ἔγωγε καὶ τιμῶμαι ἐκ τοῦ τοιούτου καὶ ἦσσαν ἐτέρων περὶ τῷ ἐμαυτοῦ σώματι ὀρρωδῶ, νομίζων ὁμοίως ἀγαθὸν πολίτην εἶναι ὃς ἂν καὶ τοῦ σώματός τι καὶ τῆς οὐσίας προνοῇται· μάλιστα γὰρ ἂν ὁ τοιοῦτος καὶ τὰ τῆς πόλεως δι' ἑαυτὸν βούλοιοτο ὀρθοῦσθαι. ὅμως δὲ οὔτε ἐν τῷ πρότερον χρόνῳ διὰ τὸ προτιμᾶσθαι εἶπον παρὰ γνώμην οὔτε νῦν, ἀλλὰ ἢ ἂν γινώσκω βέλτιστα, ἐρῶ. [3] καὶ πρὸς μὲν τοὺς τρόπους τοὺς ὑμετέρους ἀσθενὴς ἂν μου ὁ λόγος εἴη, εἰ τά τε ὑπάρχοντα σώζειν παραινοίην καὶ μὴ τοῖς ἐτοίμοις περὶ τῶν ἀφανῶν καὶ μελλόντων κινδυνεύειν· ὥς δὲ οὔτε ἐν καιρῷ σπεύδετε οὔτε ῥαδιὰ ἐστὶ κατασχεῖν ἐφ' ἃ ὥρμησθε, ταῦτα διδάξω.

Th.6.9 – Esta assembleia foi convocada para tratar dos nossos preparativos, em vista do que se faz necessário à expedição contra a Sicília. Parece-me que ainda temos de refletir sobre isto: se de fato é melhor enviar os navios e não, com uma deliberação assim tão breve, persuadidos por estrangeiros, iniciarmos uma guerra que não nos diz respeito. [2] No entanto, disse eu próprio recebo honras e temo menos por minha própria integridade física do que os outros, e, da mesma forma, acreditando que um bom cidadão é que se previne tanto quanto à sua integridade física quanto com os seus bens, pois para o seu próprio bem, vai desejar ainda mais que os interesses a cidade prosperem. [3] Também nunca, a fim de obter honra, eu disse o contrário do que pensava, nem agora o farei, mas falarei daquilo que considero ser o melhor. Contra a vossa

conduta, o meu discurso seria débil, se eu vos aconselhasse a conservar o que tendes e não arriscar o que possuíis em troca do desconhecido, de modo que eu mostrarei que vos apressais em um momento inadequado e que não é fácil controlar aquilo contra o que vos lançais.

Th.6.10 - 'Φημί γὰρ ὑμᾶς πολεμίους πολλοὺς ἐνθάδε ὑπολιπόντας καὶ ἐτέρους ἐπιθυμεῖν ἐκεῖσε πλεύσαντας δεῦρο ἐπαγαγέσθαι. [2] καὶ οἶσθε ἴσως τὰς γενομένας ὑμῖν σπονδὰς ἔχειν τι βέβαιον, αἱ ἡσυχάζοντων μὲν ὑμῶν ὀνόματι σπονδαὶ ἔσονται (οὕτω γὰρ ἐνθένδε τε ἄνδρες ἔπραξαν αὐτὰ καὶ ἐκ τῶν ἐναντίων), σφαλέντων δέ που ἀξιοχρεῶ δυνάμει ταχεῖαν τὴν ἐπιχείρησιν ἡμῖν οἱ ἐχθροὶ ποιήσονται, οἷς πρῶτον μὲν διὰ ξυμφορῶν ἢ ξύμβασις καὶ ἐκ τοῦ αἰσχίονος ἢ ἡμῖν κατ'ἀνάγκην ἐγένετο, ἔπειτα ἐν αὐτῇ ταύτῃ πολλὰ τὰ ἀμφισβητούμενα ἔχομεν. Ζεῖσι δ' οἱ οὐδὲ ταύτην πῶ τὴν ὁμολογίαν ἐδέξαντο, καὶ οὐχ οἱ ἀσθενέστατοι· ἀλλ' οἱ μὲν ἄντικρυς πολεμοῦσιν, οἱ δὲ καὶ διὰ τὸ Λακεδαιμονίους ἔτι ἡσυχάζειν δεχημέροις σπονδαῖς καὶ αὐτοὶ κατέχονται. τάχα δ' ἂν ἴσως, εἰ δίχα ἡμῶν τὴν δύναμιν λάβοιεν, ὅπερ νῦν σπεύδομεν, καὶ πάνυ ἂν ξυνεπιθοῖντο μετὰ Σικελιωτῶν, οὓς πρὸ πολλῶν ἂν ἐτιμήσαντο ξυμμάχους ὕστερον ἐν τῷ πρὶν χρόνῳ. ὥστε χρὴ σκοπεῖν τινὰ αὐτὰ καὶ μὴ μετεώρῳ τε <τῇ> πόλει ἀξιοῦν κινδυνεύειν καὶ ἀρχῆς ἄλλης ὀρέγεσθαι πρὶν ἢν ἔχομεν βεβαιωσώμεθα, εἰ Χαλκιδῆς γε οἱ ἐπὶ εἰσι καὶ ἄλλοι τινὲς κατὰ τὰς ἡπείρους ἐνδοιαστῶς ἀκροῶνται. ἡμεῖς δὲ Ἐγεσταίοις δὴ οὔσι ξυμμάχοις ὥς ἀδικουμένοις ὀξέως βοηθοῦμεν· ὑφ' ὧν δ' αὐτοὶ πάλαι ἀφεστώτων ἀδικούμεθα, ἔτι μέλλομεν ἀμύνεσθαι.

Th.6.10 - Digo-vos que deixais para trás muitos inimigos e que, por desejardes partir em expedição, trazeis para cá outros de lá [da Sicília]. [2] Talvez pensais que os tratados firmados por vós são seguros. Serão tratados apenas no nome, enquanto vos conservardes inativos (pois, dessa forma, agiram os homens daqui e os que estão entre os inimigos), mas, se vós, com forças consideráveis falhardes, os nossos inimigos nos atacarão rapidamente. Eles foram forçados a celebrar o tratado, desde o início, sob o peso do desastre e em circunstâncias mais vergonhosas do que para nós; e há no tratado muitos pontos controversos. [3] Existem algumas cidades que ainda não aceitaram o tratado, e estas não são fracas; mas, enquanto umas guerreiam abertamente, outras, são impedidas de guerrear devido aos tratados renovados a cada dez dias uma vez que os lacedemônios permanecem inativos. [4] Talvez, se elas encontrarem o nosso poder cindido, precisamente o que agora nos apressamos em fazer, poderiam certamente nos atacar com os sicilianos, os quais há tempos, preferindo-os aos outros, teriam estimado tornarem-se seus aliados. [5] Assim, é necessário consideramos estes fatores e não arriscarmos nossa cidade que se encontra em uma posição delicada, nem desejar outro império antes que asseguremos o que já possuímos, pois os calcidenses na Trácia, rebelados contra nós há muitos anos, ainda não estão dominados e alguns outros no continente nos obedecem de modo duvidoso. Nós prontamente auxiliamos os segestanos, nossos aliados, porque estão sendo

desrespeitados; mas aqueles revoltosos por quem há muito tempo temos sido desrespeitados, ainda hesitamos em puni-los.

Th.6.11-καίτοι τοὺς μὲν κατεργασάμενοι κἂν κατάσχοιμεν· τῶν δ' εἰ καὶ κρατήσαιμεν, διὰ πολλοῦ γε καὶ πολλῶν ὄντων χαλεπῶς ἂν ἄρχειν δυναίμεθα. ἀνόητον δ' ἐπὶ τοιούτους ἰέναι ὧν κρατήσας τε μὴ κατασχῇσαι τις καὶ μὴ κατορθώσας μὴ ἐν τῷ ὁμοίῳ καὶ πρὶν ἐπιχειρῆσαι ἔσται. [2] Σικελιῶται δ' ἂν μοι δοκοῦσιν, ὥς γε νῦν ἔχουσι, καὶ ἔτι ἂν ἦσσαν δεινοὶ ἡμῖν γενέσθαι, εἰ ἄρξειαν αὐτῶν Συρακόσιοι· [3] ὅπερ οἱ Ἐγεσταῖοι μάλιστα ἡμᾶς ἐκφοβοῦσιν. νῦν μὲν γὰρ κἂν ἔλθοιεν ἴσως Λακεδαιμονίων ἕκαστοι χάριτι, ἐκείνως δ' οὐκ εἰκὸς ἀρχὴν ἐπὶ ἀρχὴν στρατεῦσαι· ᾧ γὰρ ἂν τρόπῳ τὴν ἡμετέραν μετὰ Πελοποννησίων ἀφέλονται, εἰκὸς ὑπὸ τῶν αὐτῶν καὶ τὴν σφετέραν διὰ τοῦ αὐτοῦ καθαιρεθῆναι. [4] ἡμᾶς δ' ἂν οἱ ἐκεῖ Ἕλληνες μάλιστα μὲν ἐκπεληγμένοι εἶεν εἰ μὴ ἀφικοίμεθα, ἔπειτα δὲ καὶ εἰ δείξαντες τὴν δύναμιν δι' ὀλίγου ἀπέλθοιμεν· τὰ γὰρ διὰ πλείστου πάντες ἴσμεν θαυμαζόμενα καὶ τὰ πεῖραν ἥκιστα τῆς δόξης δόντα. [5] εἰ δὲ σφαλεῖν μὲν τι, τάχιστ' ἂν ὑπεριδόντες μετὰ τῶν ἐνθάδε ἐπιθοῖντο. ὅπερ νῦν ὑμεῖς ὧς Ἀθηναῖοι ἐς Λακεδαιμονίους καὶ τοὺς ξυμμάχους πεπόνθατε· διὰ τὸ παρὰ γνώμην αὐτῶν πρὸς ἃ ἐφοβεῖσθε τὸ πρῶτον περιγεγενῆσθαι, καταφρονήσαντες ἤδη καὶ Σικελίας ἐφίεσθε. [6] χρὴ δὲ μὴ πρὸς τὰς τύχας τῶν ἐναντίων ἐπαίρεσθαι, ἀλλὰ τὰς διανοίας κρατήσαντας θαρσεῖν, μηδὲ Λακεδαιμονίους ἄλλο τι ἡγήσασθαι ἢ διὰ τὸ αἰσχροὺν σκοπεῖν ὅτῳ τρόπῳ ἔτι καὶ νῦν, ἣν δύνωνται, σφίλαντες ἡμᾶς τὸ σφέτερον ἀπρεπὲς εὖ θήσονται, ὅσω καὶ περὶ πλείστου καὶ διὰ πλείστου δόξαν ἀρετῆς μελετῶσιν. ὥστε οὐ περὶ τῶν ἐν Σικελίᾳ Ἐγεσταίων ἡμῖν, ἀνδρῶν βαρβάρων, ὁ ἀγὼν, εἰ σωφρονοῦμεν, ἀλλ' ὅπως πόλιν δι' ὀλιγαρχίας ἐπιβουλεύουσιν ὁξέως φυλαξόμεθα.

Th.6.11 - E, na verdade, se os controlarmos [os calcidenses], os conquistaremos, mas os sicilianos, se os dominarmos, os governaríamos com dificuldade porque estão muito longe e são numerosos. Trata-se de tolice alguém atacar tais homens, pois, mesmo depois de dominá-los, não os controlaríamos e, se não formos bem-sucedidos, não haverá uma situação semelhante à de antes do ataque. [2] Também me parece que os sicilianos, em sua condição atual, seriam menos perigosos para nós se os siracusanos os governassem, justamente com o que os segestanos buscam nos assustar. [3] Talvez eles nos atacassem individualmente, mas não é provável que um poder imperial ataque outro semelhante; assim, se eles nos despojassem do nosso poder junto com os peloponésios, é provável que também fossem destituídos do seu próprio poder por eles. [4] Os gregos da Sicília temeriam ainda mais se não aparecêssemos, e, em tempo, se depois de mostrarmos o nosso poder, partíssemos sem demora, uma vez que todos sabemos que o que mais impressiona é o que está distante e o que não permite prova da sua reputação; se falharmos de alguma forma, rapidamente seremos desprezados e eles nos atacariam aqui com os nossos inimigos. [5] Exatamente a experiência que vós, atenienses,

tendes com relação aos lacedemônios e aos seus aliados, quando contra as vossas expectativas os ultrapassastes naquilo que a princípio temíeis. Agora, vós os menosprezais e enviais uma expedição à Sicília. [6] Não deveis vos alegrar com o desastre dos adversários, mas apenas após dominardes os seus desígnios, ter confiança. Também não deveis presumir que os lacedemônios, por causa da situação desonrosa em que estão, consideram qualquer outra solução que não seja derrotar-nos, mesmo agora se puderem, corrigindo o que não é característico deles, pois valorizam intensamente e há muito tempo a sua reputação de virtude, de modo que, [7] se formos prudentes, a batalha diante de nós não é sobre os segestanos na Sicília, homens bárbaros, mas sobre como controlaremos uma cidade que, por ser oligárquica, está sempre a conspirar perigosamente contra nós.

Th.6.12 - 'Καὶ μεμνησθαι χρὴ ἡμᾶς ὅτι νεωστὶ ἀπὸ νόσου μεγάλης καὶ πολέμου βραχύ τι λελωφήκαμεν, ὥστε καὶ χρήμασι καὶ τοῖς σώμασιν ἠϋξῆσθαι· καὶ ταῦτα ὑπὲρ ἡμῶν δίκαιον ἐνθάδε εἶναι ἀναλοῦν, καὶ μὴ ὑπὲρ ἀνδρῶν φυγάδων τῶνδε ἐπικουρίας δεομένων, οἷς τό τε ψεύσασθαι καλῶς χρήσιμον καὶ τῷ τοῦ πέλους κινδύνῳ, αὐτοὺς λόγους μόνον παρασχομένους, ἢ κατορθώσαντας χάριν μὴ ἀξίαν εἰδέναι ἢ πταίσαντάς που τοὺς φίλους ξυναπολέσαι. [2] εἴ τί τις ἄρχειν ἄσμενος αἰρεθεὶς παραινεῖ ὑμῖν ἐκπλεῖν, τὸ ἑαυτοῦ μόνον σκοπῶν, ἄλλως τε καὶ νεώτερος ὢν ἔτι ἐς τὸ ἄρχειν, ὅπως θαυμασθῇ μὲν ἀπὸ τῆς ἵπποτροφίας, διὰ δὲ πολυτέλειαν καὶ ὠφελήθῃ τι ἐκ τῆς ἀρχῆς, μηδὲ τούτῳ ἐμπαράσχητε τῷ τῆς πόλεως κινδύνῳ ἰδίᾳ ἐλλαμπρύνεσθαι, νομίσατε δὲ τοὺς τοιούτους τὰ μὲν δημόσια ἀδικεῖν, τὰ δὲ ἴδια ἀναλοῦν, καὶ τὸ πρᾶγμα μέγα εἶναι καὶ μὴ οἷον νεωτέρῳ βουλευσασθαί τε καὶ ὀξέως μεταχειρίσαι.

Th.6.12 - E devemos lembrar que, recentemente nos recuperamos um pouco de uma grande peste e de uma guerra, de modo que estamos refazendo o nosso patrimônio e o nosso contingente. É conveniente utilizar tais recursos aqui e não com estes fugitivos que estão precisando do nosso auxílio, para os quais é interessante mentir habilmente e que nos oferecem apenas palavras que põem em perigo o vizinho. Caso sejam bem-sucedidos, não demonstram gratidão digna, e, caso sejam malsucedidos, envolvem os amigos no desastre. [2] Se alguém, contente por ter sido escolhido comandante, vos aconselha a enviar uma expedição buscando apenas o próprio interesse, especialmente sendo ainda muito jovem para o comando, para que seja admirado devido à sua criação de cavalos, atividade onerosa, beneficiado de algum modo pela sua posição de comando, não permitais que ele obtenha distinção individual, arriscando assim a cidade. Contudo, refleti que, aqueles que agem assim prejudicam os interesses da cidade e também desperdiça os seus bens particulares. Isso é um assunto sério e não deve ser decidido por alguém jovem e nem administrado de modo precipitado.

Th.6.13 -'Οὓς ἐγὼ ὁρῶν νῦν ἐνθάδε τῷ αὐτῷ ἀνδρὶ παρακελευστοὺς καθημένους φοβοῦμαι, καὶ τοῖς πρεσβυτέροις ἀντιπαρακελεύομαι μὴ καταισχνθῆναι, εἴ τώ τις παρακάθηται τῶνδε, ὅπως μὴ δόξει, ἐὰν μὴ ψηφίζεται πολεμεῖν, μαλακὸς εἶναι, μηδ', ὅπερ ἂν αὐτοὶ πάθοιεν, δυσέρωτας εἶναι τῶν ἀπόντων, γνόντας ὅτι ἐπιθυμία μὲν ἐλάχιστα κατορθοῦνται, προνοία δὲ πλεῖστα, ἀλλ' ὑπὲρ τῆς πατρίδος ὡς μέγιστον δὴ τῶν πρὶν κίνδυνον ἀναρριπούσης ἀντιχειροτονεῖν, καὶ ψηφίζεσθαι τοὺς μὲν Σικελιώτας οἷσπερ νῦν ὄροις χρωμένους πρὸς ἡμᾶς, οὐ μεμptoῖς, τῷ τε Ἰονίῳ κόλπῳ παρὰ γῆν ἣν τις πλέη, καὶ τῷ Σικελικῷ διὰ πελάγους, τὰ αὐτῶν νεμομένους καθ' αὐτοὺς καὶ ξυμφέρεσθαι· [2] τοῖς δ' Ἐγεσταίοις ἰδίᾳ εἰπεῖν, ἐπειδὴ ἄνευ Ἀθηναίων καὶ ξυνῆψαν πρὸς Σελινουντίους τὸ πρῶτον πόλεμον, μετὰ σφῶν αὐτῶν καὶ καταλύεσθαι· καὶ τὸ λοιπὸν ξυμμάχους μὴ ποιεῖσθαι ὥσπερ εἰώθαμεν, οἷς κακῶς μὲν πράξασιν ἀμυνοῦμεν, ὠφελίας δ' αὐτοὶ δεηθέντες οὐ τευξόμεθα.

Th. 6.13 – Quando vejo esses homens aqui sentados, partidários desse homem, eu temo e aconselho aos mais velhos a não terem receio de passar por covardes caso não voteis pela guerra (se alguns de vós estiverdes sentados ao lado de um desses); aconselho também, a não vos deixardes afetar perdidamente pelo que está longe, exatamente o que os afeta [aos mais jovens], cientes de que poucas coisas são bem-sucedidas pelo desejo, mas muitas pela precaução. Contudo, quanto à nossa pátria, que está lançada no maior perigo que já ocorreu, rejeitai a proposta e votai para que os sicilianos, quanto ao uso das fronteiras não disputadas conosco – o golfo Jônio, se alguém navegar ao longo da costa, e o Siciliano quando se atravessa o alto mar – partilhem o que lhes pertence e que resolvam suas questões entre si. [2] Quanto aos segestanos, disse em particular que uma vez que iniciaram a guerra contra os selinúncios sem os atenienses, que a cessem entre si próprios e, no futuro, não façamos aliados como estamos acostumados, que defendemos quando atravessam dificuldades, mas que não oferecem auxílio quando necessitamos.

Th.6.14 - 'Καὶ σύ, ὦ πρύτανι, ταῦτα, εἴπερ ἡγεῖ σοι προσήκειν κήδεσθαί τε τῆς πόλεως καὶ βούλει γενέσθαι πολίτης ἀγαθός, ἐπιψήφισε καὶ γνώμας προτίθει αὖθις Ἀθηναίοις, νομίσας, εἰ ὀρρωδεῖς τὸ ἀναψηφίσαι, τὸ μὲν λύειν τοὺς νόμους μὴ μετὰ τοσῶνδ' ἂν μαρτύρων αἰτίαν σχεῖν, τῆς δὲ πόλεως <κακῶς> βουλευσαμένης ἱατρὸς ἂν γενέσθαι, καὶ τὸ καλῶς ἄρξαι τοῦτ' εἶναι, ὅς ἂν τὴν πατρίδα ὠφελήσῃ ὥς πλεῖστα ἢ ἐκὼν εἶναι μηδὲν βλάβῃ.

Th.6.14 - E tu, prítane, se pensas ser tua função zelar pela cidade e se desejas tornar-te um cidadão bom, ordena e coloca em votação novamente entre os atenienses as minhas opiniões. Se receias pô-las a voto, pensa que violar as leis entre tantas testemunhas não acarreta acusação, mas tornar-te-á o médico para uma cidade mal aconselhada. Um bom governante age de modo que auxilie a pátria o máximo possível ou que voluntariamente não a lese em nada.

A narrativa siciliana se inicia desde o seu primeiro parágrafo (Th.6.1) com a ênfase que o narrador primário confere à ambição ateniense, à continuidade da guerra contra os peloponésios e à ignorância dos atenienses acerca da vastidão da Sicília e do grande número de seus habitantes (ROOD, 1998, p. 3).

Τοῦ δ' αὐτοῦ χειμῶνος Ἀθηναῖοι ἐβούλοντο αὖθις μείζονι παρασκευῇ τῆς μετὰ Λάχης καὶ Εὐρυμέδοντος ἐπὶ Σικελίαν πλεύσαντες καταστρέψασθαι, εἰ δύναιτο, ἄπειροι οἱ πολλοὶ ὄντες τοῦ μεγέθους τῆς νήσου καὶ τῶν ἐνοικούντων τοῦ πλήθους καὶ Ἑλλήνων καὶ βαρβάρων, καὶ ὅτι οὐ πολλῶ τινὶ ὑποδεέστερον πόλεμον ἀνηροῦντο ἢ τὸν πρὸς Πελοποννησίου. [...] (Th.6.1.1)

“Durante o mesmo inverno, os atenienses desejaram navegar novamente para a Sicília com um armamento maior do que o conduzido por Laques e Eurímedon, e subjuga-la, se pudessem. A maior parte deles era ignorante quanto ao tamanho da ilha e ao grande número dos seus habitantes, gregos e bárbaros, e que eles estavam empreendendo uma guerra não muito inferior do que já empreendiam contra os peloponésios. [...]” (Th.6.1.1)

A arqueologia da Sicília (Th.6.2-5) está presente na narrativa de modo a esclarecer a formação do caráter dos sicilianos por meio de sua história, sua geografia e sua etnografia, imediatamente após o narrador para enfatizar o insensato anseio da decisão ateniense em atacar a ilha supracitada, o que também enfatiza a postura contrária que Nícias adota em seu primeiro discurso na assembleia. O narrador primário fornece a uma descrição detalhada da colonização, da migração, da expulsão de diversos povos e das cidades que formavam a ilha, ou seja, o narrador primário apresenta a formação social e bélica da ilha, definindo-a como difícil de ser controlada ou subjugada sobre a arqueologia siciliana. A relevância que Tucídides confere à esta arqueologia parece familiarizar os leitores da sua obra com o tamanho da ilha e a quantidade de povos que a formam. O leitor deve estar ciente do engano ateniense em relação à grandeza da Sicília e às dificuldades que a invasão à ilha poderia apresentar, o que enfatiza a tolice representada pelo envio da expedição. A mesma exposição pode ser encontrada parcialmente na longa argumentação de Nícias no seu primeiro discurso em Th.6.11.1, ocasião na qual buscava convencer a assembleia a revogar a decisão de enviar uma expedição:

E, na verdade, se os controlarmos [os calcidenses], os conquistaremos, mas os sicilianos, se os dominarmos, os governaríamos com dificuldade porque estão muito longe e são numerosos. Trata-se de tolice alguém atacar tais homens, pois mesmo depois de dominá-los, não os controlaríamos e, se não formos bem-sucedidos, não haverá uma situação semelhante à de antes do ataque. [...].

O envio de sessenta navios à Sicília fora aprovado em assembleia anterior em relação à assembleia em que os discursos de Nícias são apresentados. É interessante notar que a assembleia em que a decisão foi tomada foi brevemente citada em Th.6.8, enquanto o narrador primário opta por focar nos longos discursos de Nícias e Alcibíades que ocorreram durante a

segunda assembleia em que seriam votadas as preparações necessárias para a expedição. A decisão de inserir a opinião de Nícias em discurso direto pode ser um indicativo que Tucídides, além de destacar o discurso, pretende destacar a opinião de Nícias de que era uma empreitada temerária e é nessa ocasião que Nícias foi introduzido na narrativa como narrador secundário interno fazendo o seu primeiro discurso no livro 6 a fim de demonstrar o seu descontentamento em relação à decisão tomada e tentar mudá-la. Conforme Rood (1998, p. 160), o uso seletivo dos discursos da personagem Nícias e as suas motivações são enfatizados no debate do livro 6 e ao longo da narrativa dos livros 6 e 7:

Tucídides confere proeminência a Nícias por seu uso seletivo de discursos: ele não relata o debate no qual os atenienses votam a invasão da Sicília, apenas aquele em que Nícias tenta persuadi-los a rescindir seu decreto, primeiro duvidando da prudência da expedição, então enfatizando seus riscos. Os dois discursos que ele confere a Nícias são frequentemente repetidos ao longo da narrativa. [...] ⁹

Rood (1998, p. 163-164) também indica detalhes em que a focalização de Nícias se assemelha à da arqueologia da Sicília. A conclusão enfática em Th.6.6 (“Tais eram os povos helenos e bárbaros que habitavam a Sicília e tamanha era a magnitude da ilha contra a qual os atenienses queriam lançar uma expedição [...]”) justifica a percepção de Nícias de que conquistar a ilha seria uma empreitada temerária, e justifica também a argumentação do general de que mesmo se os atenienses vencessem haveria dificuldades para controlá-los devido à multidão e à distância. Outra comparação entre a narrativa primária em Th.6.6.2 e entre o parágrafo Th.6.8.4, ocasião em que o narrador apresenta a opinião de Nícias como focalizador secundário, mostra que o general ateniense é retratado como um personagem que é respaldada pela opinião narrativa:

[...] ἐφιέμενοι μὲν τῇ ἀληθεστάτῃ προφάσει τῆς πάσης ἄρξαι, βοηθεῖν δὲ ἅμα εὖπρε πῶς βουλόμενοι τοῖς ἑαυτῶν ζυγγενέσι καὶ τοῖς προσγεγεννημένοις ξυμμάχοις. [...] (Th.6.6.1)

[...] Para oferecer a opinião veríssima, eles [os atenienses] estavam ansiosos em possuir toda a Sicília, mas desejavam ao mesmo tempo ter como pretexto a necessidade de socorrer os seus parentes e aliados. [...] (Th.6.6.1)

⁹ Thucydides gives prominence to Nikias by his selective use of speeches: he does not report the debate at which the Athenians vote to invade Sicily, only that at which Nikias tries to persuade them to rescind their decree, first by doubting the expedition’s wisdom, then by stressing its risks; and the two speeches he gives Nikias are frequently echoed in the narrative. Closer analysis of the function of these echoes, and the expectations Nikias’ rethoric creates, will resolve the contradiction that has been seen in Thucydides’ presentation of him: earlier he played the role of tragic warner who was gifted by the historian with an amazing long-term clairvoyance, he then becomes the source of missed opportunities and fatal error in the actual expedition. [...]

[...] Nícias, que contra a sua vontade fora escolhido [para comandar], acreditando que a cidade não tinha deliberado corretamente, mas com um motivo precipitado e nobre na aparência, tomar toda a Sicília, um feito enorme, quis dissuadi-los, e se dirigiu a eles e os aconselhou com as seguintes palavras: [...] (Th.6.8.4)

Tucídides, conforme Lamari (2013, p. 297-300), ao inserir a sua opinião sobre o reais motivos dos atenienses em Th.6.6.1 em atacar a Sicília antes mesmo de narrar a tomada de decisão por parte da assembleia e, posteriormente, atribuir opinião similar à sua também a Nícias, adiciona uma explicação análoga entre focalizadores diferentes, partilhada entre os narradores primário e secundário, e dessa forma induz os seus leitores a pensar retrospectivamente usando a nova apresentação dos mesmos eventos para enfatizar a autoridade do comentário narrativo primário. As referências cruzadas das diversas focalizações são usadas para lembrar aos narratários do foco do autor. Em termos de validação recíproca, as referências cruzadas permitem que as interpretações anteriores dos eventos sejam endossadas pelas seguintes, enquanto as últimas sejam confirmadas pelas primeiras. Ao fim da narrativa, o leitor não tem dúvidas sobre qual o significado dos eventos semelhantes que foram apresentados por uma série de diferentes focalizadores. Para a autora, talvez a característica mais interessante seja que o narrador primário Tucídides não permite que a sua própria interpretação narrativa seja a mais longa, pois o comentário narrativo primário é apenas um vislumbre dos fatos que as personagens da narrativa vão cobrir na íntegra.

Mesmo sendo o discurso de Nícias semelhante ao da narrativa primária, não se trata de um narrador secundário em harmonia com a disposição da assembleia. O primeiro discurso está embasado em argumentos derrotistas (Th.6.9) de quem sabe que está contrário à disposição geral, pois o próprio general ateniense afirma não ser capaz de dissuadir a sua audiência em relação à ambição que motivou o envio da expedição, então prefere indicar as dificuldades que podem encontrar se atacarem a ilha. Isso pode ser um indício de que os discursos de Nícias, tal como foram inseridos pelo narrador primário, não visavam convencer o narratário secundário representado pela assembleia, mas visavam mostrar ao narratário primário como a abordagem de Nícias não atingiria o seu objetivo devido à cupidez da assembleia ateniense. Rood (2016, p. 167-168) afirma que a caracterização das personagens na obra de Tucídides também se dá também por meio de comparações e contrastes intratextuais, o que não seria diferente com o general Nícias. Para Rood, Péricles, general ateniense tal como é caracterizado nos livros 1 e 2, supera, no relato primário de Tucídides, os seus sucessores e é apresentado de forma isolada por parte do autor, que foca nos seus conflitos com o *demos* (povo) ateniense em vez de focar na rivalidade política. Em Th.2.65.6-13, Tucídides detalha a diferença entre Péricles e os outros

líderes atenienses, introduzindo ao mesmo tempo uma prolepse de como os líderes que o sucederiam representariam a ruína da condução de Atenas:

Péricles viveu mais dois anos e seis meses após o início da guerra, e, depois de seu falecimento, suas previsões [em relação à guerra] tornaram-se mais evidentes. Ele disse aos atenienses que se mantivessem sob uma política defensiva, cuidassem da frota, não buscassem aumentar o império durante a guerra ou colocassem a cidade em perigo, sairiam vitoriosos diante dos inimigos. Contudo, os atenienses fizeram o oposto do que Péricles os aconselhara, inclusive em assuntos que pareciam não ter conexão com a guerra. Foram levados pelas ambições e vantagens particulares a adotar políticas prejudiciais a si mesmos e aos aliados - políticas que, se bem-sucedidas, seriam honrosas e proveitosas aos cidadãos e, se malsucedidas, seriam danosas à cidade na condução da guerra. A razão para isso era que Péricles, por obter influência devido à sua reputação e à sua competência, além de ser claramente incorruptível, restringia a multidão livremente, e não era guiado por ela, mas a guiava, porque a sua habilidade não estava ligada ao prazer em dizer algo, mas era capaz, em virtude de sua reputação, de se opor à ela provocando sua ira. Em geral, quando os percebia excessivamente confiantes e arrogantes, falava para lhes incutir medo, mas se estivessem temerosos, falava de modo a lhes incutir coragem. Atenas era, na teoria, uma democracia, mas na prática, era o governo do homem mais proeminente. Os seus sucessores [de Péricles], sendo iguais uns aos outros e buscando cada um ser o mais proeminente, dispuseram-se a agradar e entregaram a condução dos assuntos da cidade ao povo. A partir disso, uma vez que o fato ocorreu em uma grande cidade imperial, muitos erros foram cometidos, em especial a expedição à Sicília, que não foi apenas um erro de julgamento, considerando o inimigo contra o qual se lançaram, mas também os que a enviaram, não tomaram decisões adequadas aos expedicionários. Pelo contrário, se entregaram a intrigas privadas para obter posição política de chefia do povo e, assim, tornaram o exército mais fraco e pela primeira vez promoveram a discórdia entre os cidadãos. Após a derrota na Sicília, onde perderam suas tropas e grande parte da frota, além de já espalhada a revolta pela cidade, mesmo assim resistiram por dez anos aos inimigos que tinham antes, aos sicilianos, aos que eram seus aliados e que tinham se virado contra eles e, também, contra Ciro, filho do rei, que seu uniu aos peloponésios fornecendo armas e dinheiro para a frota. Os atenienses não se renderam antes de, devido às intrigas particulares, caírem uns contra os outros e se arruinarem. Para Péricles havia tantos recursos na cidade, em sua época, que ele próprio julgou que muito facilmente a cidade de Atenas seria vitoriosa em uma guerra contra os peloponésios. (Th.2.65.6-13)

Rood (2016, p. 167-168) explica que, quando se trata do embate entre os generais Alcibíades¹⁰ e Nícias há, além do modo individualizado como cada um lida com o *demos*, a presença da rivalidade política, e neste ponto é interessante notar a comparação com a figura de Péricles: a apresentação do discurso e da ação de ambos sugere que Alcibíades possui a habilidade de Péricles em controlar o povo, mas não possui a sua honestidade nem seu patriotismo. Enquanto Nícias possui a prudência dele, mas não a sua habilidade em influenciar a multidão. Rood considera adequado ver a diferença da abordagem da técnica de caracterização das personagens como uma forma de sanção estilística no enredo: os indivíduos e o

¹⁰ Alcibíades também toma a palavra na assembleia logo após o discurso de Nícias e reforça o desejo do público pela expedição, o que evidencia antagonismo entre os generais.

individualismo se tornam mais importantes na sua narrativa porque isso se torna crucial para explicar a sequência dos eventos na medida em que a guerra prossegue.

Rood (2016, p. 168-169) explica também a manifestação dos personagens fazendo uso da caracterização metonímica. Temmerman e Boas (2016, p. xiv) definem caracterização metonímica como uma forma indireta de caracterização que se baseia na “inferência de disposições de aspectos que são relacionados a essas disposições, tais como a inferência da natureza violenta de um personagem a partir de suas ações violentas, o personagem se torna inteligente a partir da inteligência do seu discurso, etc”. Tal tipo de caracterização é encontrada sobretudo em relação às personagens atenienses: nos estágios iniciais da guerra, Tucídides opõe a figura ideal do líder firme e racional representado por Péricles, como está acima mencionado, aos temores e esperanças dos atenienses, pois nos estágios finais os seus desejos e esperanças estão perigosamente sem controle e os líderes representados não são aptos a controlá-las. Por meio da focalização é possível atingir o aumento da caracterização, sendo Nícias um exemplo marcante do que está dito acima: desde o livro 5 (Th.5.16.1) o narrador primário relata o desejo de Nícias em prol da manutenção da paz, tendo por objetivo preservar a sua boa reputação e poupar a si mesmo e aos outros atenienses das perturbações da guerra:

Quando os atenienses foram derrotados em Anfípolis e Cleão e Brásidas morreram, - ambos homens que mantinham uma postura contrária à paz - o primeiro porque o seu sucesso e sua reputação eram provenientes da guerra e o segundo porque acreditava que se houvesse paz, sua conduta perversa estaria às claras e as suas calúnias não teriam credibilidade - então os principais sucessores na condução das duas cidades eram Pleistoanax, filho de Pausânias, rei dos lacedemônios, e Nícias, filho de Nicerato, o mais afortunado do seu tempo nas ações militares - homens que apoiavam com afinco a paz. Nícias desejava, enquanto ainda era honrado e estimado, manter a sua boa-sorte intacta e evitar aflições a si mesmo e aos cidadãos, além de legar o seu nome à posteridade como alguém que viveu toda a vida sem prejudicar a cidade. Ele acreditava que quem se afastasse do perigo e menos se expusesse ao acaso, alcançaria tal feito, e que a manutenção da paz o manteria em segurança [...] (Th.5.16.1)

A partir desse ponto, Rood (2016, p. 169) argumenta que Tucídides oferece indícios da caracterização de Nícias, incluindo o seu modo de agir, pois a perspectiva privilegiada do narrador primário externo passa a moldar tanto a compreensão do narratário primário em relação ao desastre ateniense na Sicília como também revela combinação de sentimento patriótico e de falhas estratégicas na ação de Nícias. No caso de Nícias, tal focalização leva à expectativa de que o general ateniense seguiria o padrão dos políticos centrados nas questões individuais (em detrimento dos assuntos da cidade) analisados no parágrafo Th.2.65 e que isso o levaria a optar pela proposta de inação diante da assembleia ateniense.

Para Gribble (2006, p. 459-460), a postura de Nícias, apesar de estar ligada à preocupação com os cidadãos, visa primeiramente a sua própria reputação e a manutenção de

sua boa fortuna. Além disso, a evidente incapacidade do general em transmitir a sua mensagem de prudência ou qualquer outra que seja diante do público formado por atenienses em busca de aventuras torna-se um agravante a partir do momento em que essa resignação fatalista ao seu cargo de general de um povo ingovernável o levou a aumentar o risco da cidade ao forçar o aumento do tamanho da expedição no segundo discurso do livro 6 (como será visto no discurso a ser analisado a seguir). A habilidade de um homem que tem aversão ao risco em repetidamente colocar a cidade em perigo por meio de julgamentos falhos acerca dos seus concidadãos e a sua irresponsabilidade política é um padrão que se repete constantemente ao longo do relato da expedição à Sicília, na ação e nos discursos de Nícias, nos livros 6 e 7. Para Tsakmakis (2006, p. 171-172), os homens de estado que aspiravam ao controle da opinião pública precisavam saber quando e como deveriam apresentar as suas ideias diante do seu público. Nícias, neste sentido, padecia de sérios problemas de comunicação. Apesar do seu bom senso, a sua intervenção se mostrou tardia ao tentar impedir a expedição à Sicília quando todos a favor dela já haviam arranjado a situação para que ela ocorresse, o que resultou em uma luta por causas perdidas; ele permitia que os eventos se desenvolvessem e, quando tentava intervir, já era demasiado tarde.

Enquanto outros oradores, ainda segundo Gribble (2006, p. 459-460), têm capacidade de usar as circunstâncias a seu favor, as circunstâncias estão sempre contra ele. Alcibíades era ambicioso e oportunista e nisto as colocações de Nícias estavam corretas (Th.6.12.2-6.13), entretanto era tarde para impedir a expedição e ele próprio, involuntariamente, contribui com a acusação que logo ocorreria contra Alcibíades, mesmo sendo este último um dos líderes da expedição. O afastamento dele (Alcibíades), após sua condenação, contribuiria de modo decisivo para a falha da expedição.¹¹

Conforme Nichols (2015, p. 110-111), Tucídides caracteriza a expedição à Sicília como uma liberação do desejo (*éros*) de lucro, vantagens e expansão territorial que leva ao desastre. O desejo conferia um caráter energético aos atenienses, mas também poderia levá-los ao excesso no que dizia respeito às tomadas de decisões. Nícias exorta os mais velhos que se

¹¹ No 17º ano da guerra, após a sua condenação e subsequente fuga, Alcibíades se encontrava em Esparta e, durante uma assembleia fez um longo discurso (Th.6.89-92), estimulou os espartanos a enviar reforço ao siracusanos (Th.6.89-93), forneceu informações em como prejudicar Atenas e afirmou ser necessário enviar um general espartano para liderar a tropa espartana. Como consequência disso, Gilipo, foi enviado e, a partir da sua chegada à Sicília, Nícias passa a sofrer mais revezes e derrotas e os próprios siracusanos passaram a lutar com mais afinco. No início do livro 7 (Th.7.2.2), o narrador primário afirma que os siracusanos estavam a ponto de capitular, mas a chegada dos espartanos os encorajou a continuar a guerra.

oponham a Alcibíades e aos seus seguidores em seu desejo (*duserós*) pelo que está ausente em Th.6.13:

Quando vejo esses aqui, agora sentados, partidários desse homem, eu sinto medo, temo e aconselho aos mais velhos não ter receio de passar por covardes caso não voteis pela guerra, se alguns de vós estiverdes sentados ao lado de um desses. Aconselho também a não vos deixarem afetar perdidamente pelo que está longe, cientes de que poucas coisas são bem-sucedidas pelo desejo, mas muitas pela precaução. [...]

Em resposta à arenga de Nícias, Alcibíades toma a palavra assim que o general ateniense concluiu o seu discurso. É notável como são constituídos de formas distintas os discursos dos narradores secundários. Nícias buscava admoestar a população em relação a uma decisão que considerava precipitada, mas que, no entanto, agradava aos presentes na assembleia por estar alimentada pelo *éros* do caráter popular. O próprio Nícias admitiu que seria difícil se opor ao ânimo da assembleia, em Th.6.9.3. Por outro lado, o discurso de Alcibíades (Th.6.16-18) não soou desagradável aos ouvintes. Em sua arenga, Alcibíades se aproveitou da disposição da assembleia e do *éros* exaltado para bajular a fim de obter vantagens. Enquanto Nícias, em seu discurso desagradável, admoesta, Alcibíades se mostra agradável.

As proposições de Nícias eram impopulares e, no entanto, mais cautelosas, enquanto as de Alcibíades enfatizavam a busca pela glória, aconselhavam a iniciativa da guerra e agradava ao ânimo dos ouvintes. Tucídides deixa claro em sua narrativa da expedição à Sicília como poder e riqueza eram aspectos centrais nas tomadas de decisões: muitos atenienses, ao decidirem se arriscar, aprovaram o envio da expedição, alguns pelo entusiasmo de uma grande aventura, outros pela perspectiva de recompensa financeira complementada pelos saques em terras estrangeiras. O narrador destaca a tomada da decisão de Alcibíades; este acreditava que obteria vantagens pessoais e financeiras ao assumir a posição de general na expedição. No entanto, não levou em consideração as dificuldades da empreitada: os atenienses não tinham aliados na ilha, não possuíam cavalaria, a distância da viagem e a grande despesa. Vale notar que o próprio discurso de Nícias, no qual ele ataca Alcibíades, serve de motivação e argumento para que esse último construa o seu discurso logo em seguida, estimulando ainda mais os atenienses a enviar a expedição.

Quando Alcibíades inicia o discurso direto em Th.6.16.1, afirma o seguinte:

Καὶ προσήκει μοι μᾶλλον ἐτέρων, ὃ Ἀθηναῖοι, ἄρχειν (ἀνάγκη γὰρ ἐντεῦθεν ἄρξασθαι, ἐπειδὴ μου Νικίας καθήψατο) , καὶ ἄξιός ᾗμα νομίζω εἶναι. ὧν γὰρ πέρι ἐπιβόητός εἰμι, τοῖς μὲν προγόνοις μου καὶ ἐμοὶ δόξαν φέρει ταῦτα, τῇ δὲ πατρίδι καὶ ὠφελίαν. [...]

Compete a mim mais do que aos outros atenienses, comandar (é necessário iniciar assim, pois Nícias me atacou), e também penso ser digno do comando. Os fatos pelos

quais eu sou atacado trazem fama aos meus ancestrais e a mim, além de vantagem para a nossa pátria. [...]

Nichols (2015, p. 110) argumenta que as motivações apresentadas por Nícias em seu primeiro discurso atuam como um contraste para as preocupações de Alcibíades:

[...] As preocupações de Nícias servem de contrapartida para as de Alcibíades. Alcibíades acusa Nícias de uma política de “inércia” que arruinará uma cidade ativa como Atenas (Th.6.18.3, Th.6.18.6–7). Ele pode soar como Péricles, que elogia uma cidade e um cidadão ativos (Th.2.40.2, Th.2.63.2–3), mas Péricles recomenda que a cidade não realize novas conquistas durante a guerra e, nesse sentido, “permaneça imóvel” ou “em paz” (Th.2.65.7). Alcibíades, por outro lado, aconselha que Atenas estenda seu domínio à Sicília, embora a cidade ainda possa ser considerada em estado de guerra. Ele mostra desprezo pela paz uma vez que é inconsistente com a excelência humana (Th.6.18.6). A reivindicação anterior dos Coríntios de que Atenas não tem paz nem permite a outros (Th.1.70.9) é realizada em Alcibíades. [...]

Alcibíades afirma que não há limite para até onde os atenienses poderiam “desejar governar” (Th.6.18.3). O desejo dirigido ao infinito, sem um objeto específico, não tem para onde ir. Apropriadamente, Tucídides descreve a expedição à Sicília como mais uma demonstração de opulência do que uma força com o propósito de conquistar um inimigo (Th.6.31.4-6). [...] ¹²

A característica primária da opinião pública, segundo Tsakmakis (2006, p. 172-173), é a instabilidade, e a atitude de Nícias apenas reforça essa polarização ao dividir os presentes na assembleia em jovens e velhos e também ao colocar uns contra os outros. A própria falha na comunicação de Nícias, em seu discurso direto, condiciona o relato do narrador primário e leva à derrota do general na assembleia e ao aumento da motivação dos atenienses pelo envio da expedição. Um aspecto que chama a atenção no discurso de Nícias e que tem a ver com a sua responsabilidade do orador é a política adequada não é compatível com a discórdia.

A divisão do público em grupos de mais velhos que seriam favoráveis a ele e de mais jovens que seriam favoráveis a Alcibíades oferece a este último a oportunidade de defender a sua ideia de unidade de concórdia entre ousadia representada pela sua juventude e a reputação

¹² [...] Nicias's concerns serve as a foil for those of Alcibiades. Alcibiades accuses Nicias of a “do-nothing” policy (*apragmosune*) that will ruin an active city such as Athens (6.18.3, 6.18.6–7). He may sound like Pericles, who praises an active city and citizen (2.40.2, 2.63.2–3), but Pericles recommends that the city not undertake any new conquests while at war, and in this sense to “remain still” or “at peace” (2.65.7). Alcibiades, in contrast, advises that Athens extend its rule to Sicily, even though the city can still be considered at war. He shows contempt for “peace” as inconsistent with human excellence (6.18.6). The Corinthians' earlier claim that Athens has no peace nor allows any to others (1.70. 9) is realized in Alcibiades. [...]

Alcibiades proclaims that that there is no limit to how far Athenians might “wish to rule,” (6.18.3). Desire directed to the infinite, without a specific object, has nowhere to go. Appropriately, Thucydides describes the Sicilian expedition as more like a display of brilliance than a force for the purpose of conquering an enemy (6.31.4–6). [...]

de possuidor de boa-sorte por parte de Nícias, aumentando assim a certeza ateniense de que a expedição poderia obter sucesso em seus objetivos:

Καὶ ταῦτα ἢ ἐμὴ νεότης καὶ ἄνοια παρὰ φύσιν δοκοῦσα εἶναι ἐς τὴν Πελοποννησιῶν δύναμιν λόγοις τε πρέπουσιν ὠμίλησε καὶ ὀργῇ πίστιν παρασχομένη ἔπεισεν. καὶ νῦν μὴ πεφόβησθε αὐτήν, ἀλλ' ἔως ἐγὼ τε ἔτι ἀκμάζω μετ' αὐτῆς καὶ ὁ Νικίας εὐτυχῆς δοκεῖ εἶναι, ἀποχρήσασθε τῇ ἑκατέρου ἡμῶν ὠφελίᾳ. [...] (Th.6.17.1)

Desse modo, a minha juventude e a minha grande estultice foram capazes de lidar com o poder dos peloponésios com argumentos apropriados e de alcançar com ardor a sua confiança. Agora não a receeis, mas enquanto ainda estou na flor da juventude e Nícias parece dotado de boa-sorte, utilizai o benefício de cada um de nós. [...] (Th.6.17.1)

A tentativa de Nícias de obter apoio entre os mais velhos em torno da sua proposta de reconsiderar o envio da expedição causa ainda mais empecilhos ao enfatizar a divisão que o orador criou e ao acrescentar ainda mais temor aos mais velhos se votassem a favor de sua proposta, pois eles seriam malvistas diante da ávida assembleia se o fizessem. A fala de Nícias apenas enfatizou o temor que eles já possuíam, mesmo que concordassem com Nícias.

O discurso direto do general, tal como inserido pelo narrador primário, não apenas enfatiza o seu medo diante *demos*, como também mostra que os presentes na assembleia poderiam partilhar do mesmo temor que ele. Com isso, Alcibíades, adotando uma falsa aparência de conciliação e fazendo uso desse artifício, convida Nícias a colaborar e, ao mesmo tempo, incita o público a tirar proveito da sua habilidade guerreira em Th.6.18.5-7:

[...] τὸ δὲ ἀσφαλές, καὶ μένειν, ἦν τι προχωρῇ, καὶ ἀπελθεῖν, αἱ νῆες παρέξουσιν: ναυκράτορες γὰρ ἐσόμεθα καὶ ξυμπάντων Σικελιωτῶν. καὶ μὴ ὑμᾶς ἢ Νικίου τῶν λόγων ἀπραγμοσύνη καὶ διάστασις τοῖς νέοις ἐς τοὺς πρεσβυτέρους ἀποτρέψει, τῷ δὲ εἰωθότι κόσμῳ, ὥσπερ καὶ οἱ πατέρες ἡμῶν ἅμα νέοι γεραιτέροις βουλευόντες ἐς τὰδε ἦσαν αὐτά, καὶ νῦν τῷ αὐτῷ τρόπῳ πειρᾶσθε προαγαγεῖν τὴν πόλιν, καὶ νομίσατε νεότητα μὲν καὶ γῆρας ἄνευ ἀλλήλων μηδὲν δύνασθαι, ὁμοῦ δὲ τό τε φαῦλον καὶ τὸ μέσον καὶ τὸ πάνυ ἀκριβές ἂν ξυγκραθὲν μάλιστ' ἂν ἰσχύειν, καὶ τὴν πόλιν, ἐὰν μὲν ἡσυχάζῃ, τρίψεσθαι τε αὐτὴν περὶ αὐτὴν ὥσπερ καὶ ἄλλο τι, καὶ πάντων τὴν ἐπιστήμην ἐγγηράσσεσθαι, ἀγωνιζομένην δὲ αἰεὶ προσλήψεσθαι τε τὴν ἐμπειρίαν καὶ τὸ ἀμύνεσθαι οὐ λόγῳ ἀλλ' ἔργῳ μᾶλλον ξύνηθες ἔξειν. παράπαν τε γινώσκω πόλιν μὴ ἀπράγμονα τάχιστ' ἂν μοι δοκεῖν ἀπραγμοσύνης μεταβολῇ διαφθαρῆναι, καὶ τῶν ἀνθρώπων ἀσφαλέστατα τούτους οἰκεῖν οἱ ἂν τοῖς παροῦσιν ἦθεσι καὶ νόμοις, ἦν καὶ χεῖρῳ ἢ, ἥκιστα διαφόρως πολιτεύουσιν.

[...] A segurança, seja em caso de permanência, seja em caso de retirada, os nossos navios oferecerão, pois seremos senhores do mar se comparados aos siceliotas. Que a proposta de inação de Nícias e a divisão entre jovens e mais velhos não vos distraia, mas na ordem habitual, tal como nossos pais na juventude, deliberando com os mais velhos, ergueram o nosso poder até este ponto, tentai conduzir neste momento a cidade. Considerai que a juventude e a maturidade, uma sem a outra, não têm poder, mas juntos o simples, o mediano e o altamente capaz unidos entre si seriam muito fortes; e que a cidade, se permanecer inativa, assim como ocorre às demais situações, vai se enfraquecendo e a habilidade de todos se defasaria, enquanto se ela estiver em constante conflito, sempre estará adquirindo experiência, não de modo abstrato, mas de fato, adquirindo principalmente o hábito de afastar o inimigo. Eu tenho firme opinião que a cidade acostumada a agir rapidamente, a meu ver, se arruinaria com a

mudança para a inação e que os homens que vivem em maior segurança são aqueles que respeitam hábitos e instituições já existentes, mesmo que não sejam os melhores e mesmo que, estes homens, apresentem alguma divergência com a forma como são governados.

3.1.2. Th.6. 19-23

Alcibíades apresentou o seu discurso a fim de se contrapor à tentativa de dissuasão de Nícias, que em resposta discursa novamente para tentar reforçar o efeito da dissuasão do primeiro discurso que proferiu na assembleia.

Th.6.19 - Τοιαῦτα μὲν ὁ Ἀλκιβιάδης εἶπεν· οἱ δ' Ἀθηναῖοι ἀκούσαντες ἐκείνου τε καὶ τῶν Ἑγεσταίων καὶ Λεοντίνων φυγάδων, οἱ παρελθόντες ἐδέοντό τε καὶ τῶν ὀρκίων ὑπομιμνήσκοντες ἰκέτευον βοηθῆσαι σφίσι, πολλῶ μᾶλλον ἢ πρότερον ὥρμηντο στρατεύειν. [2] καὶ ὁ Νικίας γνοὺς ὅτι ἀπὸ μὲν τῶν αὐτῶν λόγων οὐκ ἂν ἔτι ἀποτρέψειε, παρασκευῆς δὲ πλήθει, εἰ πολλὴν ἐπιτάξειε, τάχ' ἂν μεταστήσειεν αὐτούς, παρελθὼν αὐτοῖς αὖθις ἔλεγε τοιάδε.

Th.6.19 - Assim falou Alcibíades. Os atenienses, depois de ouvirem a ele e aos exilados segestanos e leontinos que pediram para se apresentar e, lembrando-lhes os juramentos, suplicaram para que os ajudassem, se sentiram ainda mais estimulados do que antes em partir em expedição. [2] Nícias estava ciente de que não poderia dissuadi-los com os mesmos argumentos, mas pensando que ao requerer uma grande quantidade de preparativos, poderia fazê-los mudar de opinião rapidamente, se dirigiu novamente a eles e disse o seguinte:

Th. 6.20 - Ἐπειδὴ πάντως ὁρῶ ὑμᾶς, ὦ Ἀθηναῖοι, ὀρμημένους στρατεύειν, ξυνενέγκοι μὲν ταῦτα ὡς βουλόμεθα, ἐπὶ δὲ τῷ παρόντι ἃ γινώσκω σημανῶ. [2] ἐπὶ γὰρ πόλεις, ὡς ἐγὼ ἀκοῇ αἰσθάνομαι, μέλλομεν ἰέναι μεγάλας καὶ οὐθ' ὑπηκόους ἀλλήλων οὔτε δεομένας μεταβολῆς, ἧ ἂν ἐκ βιαίου τις δουλείας ἄσμενος ἐς ῥάω μετάστασιν χωροίη, οὐδ' ἂν τὴν ἀρχὴν τὴν ἡμετέραν εἰκότως ἀντ' ἐλευθερίας προσδεξαμένας, τό τε πλῆθος ὡς ἐν μιᾷ νήσῳ πολλὰς τὰς Ἑλληνίδας. [3] πλὴν γὰρ Νάξου καὶ Κατάνης, ἃς ἐλπίζω ἡμῖν κατὰ τὸ Λεοντίνων ξυγγενὲς προσέσεσθαι, ἄλλαι εἰσὶν ἑπτὰ, καὶ παρεσκευασμέναι τοῖς πᾶσιν ὁμοιοτρόπως μάλιστα τῇ ἡμετέρᾳ δυνάμει, καὶ οὐχ ἥκιστα ἐπὶ ἃς μᾶλλον πλέομεν, Σελινοῦς καὶ Συράκουσαι. [4] πολλοὶ μὲν γὰρ ὀπλῖται ἔννεισι καὶ τοξόται καὶ ἀκοντισταί, πολλὰ δὲ τριήρεις καὶ ὄχλος ὁ πληρώσων αὐτάς. χρήματά τ' ἔχουσι τὰ μὲν ἴδια, τὰ δὲ καὶ ἐν τοῖς ἱεροῖς ἐστὶ Σελινουντίοις, Συρακοσίοις δὲ καὶ ἀπὸ βαρβάρων τινῶν ἀπαρχὴ ἐσφέρεται· ὧ δὲ μάλιστα ἡμῶν προύχουσιν, ἵππους τε πολλοὺς κέκτηνται καὶ σίτῳ οἰκείῳ καὶ οὐκ ἐπακτῷ χρῶνται.

Th.6.20 - Por ver a vós, atenienses, tão decididos a enviar a expedição, que tal feito ocorra como desejamos! Eu explicarei o que sei sobre a presente situação. [2] Conforme ouço falar, as cidades que vamos atacar são grandes e não são submissas umas às outras e tampouco precisam de mudança por meio da qual alguém ficaria contente em passar de uma servidão forçada para uma forma de governo mais agradável; e, provavelmente, não aceitariam nosso império em detrimento de sua liberdade. Para uma única ilha, é grande o número de cidades helênicas. [3] Exceto Naxos e Catana, que espero que se juntem a nós devido ao parentesco com os leontinos, há outras sete cidades que são tão equipadas quanto a nossa potência, principalmente as que vamos atacar, Selinunte e Siracusa. [4] Há nessas cidades muitos hoplitas, arqueiros e lanceiros, além de muitas trirremes e uma multidão para tripulá-las. Eles têm dinheiro tanto privado como nos templos dos selinúncios, e os siracusanos recebem tributos de alguns bárbaros. Eles nos superam principalmente pelo fato de possuírem muitos cavalos e o próprio cultivo de trigo, que não precisam importar.

Th.6.21 - Ἐπὶ οὖν τοιαύτην δύναμιν οὐ ναυτικῆς καὶ φαύλου στρατιᾶς μόνον δεῖ, ἀλλὰ καὶ πεζὸν πολὺν ξυμπλεῖν, εἴπερ βουλόμεθα ἄξιον τῆς διανοίας δρᾶν καὶ μὴ ὑπὸ ἱππέων πολλῶν εἴργεσθαι τῆς γῆς, ἄλλως τε καὶ εἰ ξυστῶσιν αἱ πόλεις φοβηθεῖσαι καὶ μὴ ἀντιπαράσχουσιν ἡμῖν φίλοι τινὲς γενόμενοι ἄλλοι ἢ Ἐγεσταῖοι ὧν ἀμυνούμεθα ἱππικόν (αἰσχροὺς δὲ βιασθέντας ἀπελθεῖν ἢ ὕστερον ἐπιμεταπέμπεσθαι, τὸ πρῶτον ἀσκέπτως βουλευσαμένων). αὐτόθεν δὲ παρασκευῇ ἀξιόχρεω ἐπιέναι, γνόντας ὅτι πολὺ τε ἀπὸ τῆς ἡμετέρας αὐτῶν μέλλομεν πλεῖν καὶ οὐκ ἐν τῷ ὁμοίῳ στρατευσόμενοι καὶ ὅτε ἐν τοῖς τῆδε ὑπηκόοις ξύμμαχοι ἦλθετε ἐπὶ τινα, ὅθεν ῥάδια αἱ κομιδαὶ ἐκ τῆς φιλίας ὧν προσέδει, ἀλλ' ἐς ἄλλοτρίαν πᾶσαν ἀπαρτίσοντες, ἐξ ἧς μηνῶν οὐδὲ τεσσάρων τῶν χειμερινῶν ἄγγελον ῥάδιον ἐλθεῖν.

Th.6.21 - Contra tamanhas forças, faz-se necessário não um exército e uma frota pequenos, mas também uma enorme infantaria, se de fato desejamos realizar algo à altura da nossa intenção e se não quisermos ser impedidos de adentrar no território deles pela numerosa cavalaria; especialmente se as cidades, temerosas, se reunirem e, algumas outras além da dos segestanos, não se tornarem nossas aliadas e, com isso, não nos fornecerem cavalaria com a qual nos defenderemos. [2] Seria uma vergonha sermos forçados a partir ou solicitarmos reforços posteriormente, por termos deliberado de modo precipitado. É necessário partirmos daqui com o armamento suficiente, cientes de que navegamos para longe de nossa terra em uma expedição diferente do que seria se vos dirigísseis contra um inimigo na condição de aliados aos povos a vós sujeitos, de onde os mantimentos seriam facilmente solicitados do território aliado. Estareis longe, em uma terra estrangeira, de onde durante os quatro meses de inverno não é fácil enviar um mensageiro.

Th.6.22 - ὀπλίτας τε οὖν πολλοὺς μοι δοκεῖ χρῆναι ἡμᾶς ἄγειν καὶ ἡμῶν αὐτῶν καὶ τῶν ξυμμάχων, τῶν τε ὑπηκόων καὶ ἦν τινα ἐκ Πελοποννήσου δυνώμεθα ἢ πεῖσαι ἢ μισθῶ προσαγαγέσθαι, καὶ τοξότας πολλοὺς καὶ σφενδονήτας, ὅπως πρὸς τὸ ἐκείνων ἵππικὸν ἀντέχωσι, ναυσί τε καὶ πολὺ περιεῖναι, ἵνα καὶ τὰ ἐπιτήδεια ῥᾶον ἐσκομιζώμεθα, τὸν δὲ καὶ αὐτόθεν σῆτον ἐν ὀλκάσι, πυροὺς καὶ πεφυγμένας κριθάς, ἄγειν, καὶ σιτοποιοὺς ἐκ τῶν μυλώνων πρὸς μέρος ἡναγκασμένους ἐμμίσθους, ἵνα, ἦν που ὑπὸ ἀπλοίας ἀπολαμβανώμεθα, ἔχη ἡ στρατιὰ τὰ ἐπιτήδεια (πολλὴ γὰρ οὕσα οὐ πάσης ἔσται πόλεως ὑποδέξασθαι), τὰ τε ἄλλα ὅσον δυνατόν ἐτοιμάσασθαι, καὶ μὴ ἐπὶ ἑτέροις γίγνεσθαι, μάλιστα δὲ χρήματα αὐτόθεν ὡς πλεῖστα ἔχειν. τὰ δὲ παρ' Ἑγεσταίων, ἃ λέγεται ἐκεῖ ἐτοῖμα, νομίσατε καὶ λόγῳ ἂν μάλιστα ἐτοῖμα εἶναι.

Th.6.22 - Parece-me necessário então levar muitos hoplitas: nossos, dos nossos aliados e das cidades sujeitas a nós e a também alguns do Peloponeso. Se pudermos atraí-los mediante persuasão ou pagamento; levar também muitos arqueiros e fundibulários, a fim de que resistam à cavalaria do inimigo; temos de ter superioridade naval para que possamos transportar provisões mais facilmente e, em navios de carga, trigo e grãos tostados, além de padeiros contratados de moinhos na devida proporção, a fim de que, se formos impossibilitados de navegar, o exército tenha as provisões necessárias (como o nosso exército será grande, nem todas as cidades poderão nos receber). Todo o resto, na medida do possível, devemos nós mesmos preparar sem recorrer a outros e, acima de tudo, levar o máximo possível de dinheiro daqui. Quanto aos segestanos, o [dinheiro] que se diz estar disponível lá, acreditai que é mais em teoria que estaria disponível.

Th.6.23 - ἦν γὰρ αὐτοὶ ἔλθωμεν ἐνθένδε μὴ ἀντίπαλον μόνον παρασκευασάμενοι, πλήν γε πρὸς τὸ μάχιμον αὐτῶν, τὸ ὀπλιτικόν, ἀλλὰ καὶ ὑπερβάλλοντες τοῖς πᾶσι, μόλις οὕτως οἰοί τε ἐσόμεθα τῶν μὲν κρατεῖν, τὰ δὲ καὶ διασῶσαι. [2] πόλιν τε νομίσαι χρή ἐν ἄλλοφύλοις καὶ πολεμίοις οἰκιοῦντας ἰέναι, οὕς πρέπει τῇ πρώτῃ ἡμέρᾳ ἢ ἂν κατάσχωσιν εὐθὺς κρατεῖν τῆς γῆς, ἢ εἰδέναι ὅτι, ἦν σφάλλωνται, πάντα πολέμια ἔξουσιν. [3] ὅπερ ἐγὼ φοβούμενος, καὶ εἰδὼς πολλὰ μὲν ἡμᾶς δεόν εὖ βουλευσασθαι, ἔτι δὲ πλείω εὐτυχῆσαι (χαλεπὸν δὲ ἀνθρώπους ὄντας), ὅτι ἐλάχιστα τῇ τύχῃ παραδοὺς ἑμαυτὸν βούλομαι ἐκπλεῖν, παρασκευῇ δὲ ἀπὸ τῶν εἰκότων ἀσφαλῆς ἐκπλεῦσαι. [4] ταῦτα γὰρ τῇ τε ξυμπάσῃ πόλει βεβαιότατα ἡγοῦμαι καὶ ἡμῖν τοῖς στρατευσομένοις σωτήρια. εἰ δέ τῳ ἄλλως δοκεῖ, παρήμι αὐτῷ τὴν ἀρχήν.

Th.6.23 - Se partíssemos daqui tendo à disposição um armamento que não apenas rivalize com o dos nossos inimigos – exceto em relação a sua tropa de hoplitas – mas também superior em todos os aspectos, dificilmente seremos capazes de dominá-los e garantir a nossa segurança. [2] É preciso admitir que vós ocupareis uma cidade em território estrangeiro, e é necessário que os invasores dominem o território logo que desembarquem, ou que saibam que, caso sejam derrotados, haverá muita hostilidade. [3] Por temer tal resultado e por saber que devemos deliberar bem, e ainda por cima ter muito boa sorte – conjunção difícil para os seres humanos – desejo partir o menos possível dependente do acaso, mas com preparativos seguros de modo razoável. [4] Creio que isso é o mais seguro para toda a cidade e para nós que participaremos da expedição. Se alguém tem parecer diferente, entrego a essa pessoa o comando.”

Em resposta ao discurso de Alcibíades, Nícias é novamente inserido como narrador secundário interno ao retomar a palavra e faz uma estimativa enorme da quantidade de preparativos e equipamentos necessários para a expedição a fim de assustar os atenienses. Percebendo que a sua primeira abordagem não fora convincente o suficiente para dissuadir os atenienses, se dirige aos ouvintes no segundo discurso de forma diferente, argumentando de modo que acredita ser mais contextualizado com a disposição da assembleia.

No seu segundo discurso, Nícias retrata a Sicília como uma ilha com organização política e bélica semelhante à de Atenas e afirma que um ataque mal planejado ou débil não seria eficaz. Sobre isto, Rood (1998, p. 164) afirma que o segundo discurso, assim como o primeiro, é validado pela narrativa primária, principalmente no que diz respeito à arqueologia da Sicília abordada pelo narrador primário e pelas dificuldades que seriam encontradas pelos atenienses em território siciliano ao longo da narrativa subsequente do narrador primário nos livros 6 e 7. O segundo discurso do general ateniense evidencia a sua caracterização como orador incapaz de persuadir a sua audiência tanto devido ao seu equívoco ao avaliar a disposição dela como pela sua falha em emular a capacidade que Péricles possuía de assustá-la ou estimulá-la livremente, reforçando a ideia de que não mais eram os oradores que guiavam a opinião da assembleia, mas o oposto.

Nesse discurso em particular, a imperícia do orador foi além de obter o efeito contrário, chegou ao ponto de prejudicar a cidade de Atenas financeira e socialmente devido à tentativa frustrada de assustar os atenienses com o aumento dos preparativos para expedição, uma vez que em vez de assustá-los apenas os estimulou mais ao passar a impressão de garantia de segurança devido à enorme quantidade de preparativos.

Ao fim do segundo discurso de Nícias, a narrativa primária é retomada no parágrafo Th.6.24 e o narrador primário explica que a intenção dele durante o último discurso era dissuadir os atenienses propondo imensa quantidade de armamentos, dinheiro e tropas ou que, se fosse forçado a partir em expedição, ao menos asseguraria a segurança do exército. Na sequência, o narrador primário fala a respeito do resultado que o discurso causou aos seus ouvintes: o discurso de Nícias os tornara ainda mais ávidos pela expedição, pois parecia a eles que o conselho era bom e garantia a segurança necessária.

Ὁ μὲν Νικίας τοσαῦτα εἶπε νομίζων τοὺς Ἀθηναίους τῷ πλήθει τῶν πραγμάτων ἢ ἀποτρέψειν ἢ, εἰ ἀναγκάζοιτο στρατεῦεσθαι, μάλιστα <ἀν> οὕτως ἀσφαλῶς ἐκπλεῦσαι: οἱ δὲ τὸ μὲν ἐπιθυμοῦν τοῦ πλοῦ οὐκ ἐξηρέθησαν ὑπὸ τοῦ ὀχλώδους τῆς παρασκευῆς, πολὺ δὲ μᾶλλον ὥρμηντο, καὶ τοῦναντίον περιέστη αὐτῶ: εὐ τε γὰρ παραινέσαι ἔδοξε καὶ ἀσφάλεια νῦν δὴ καὶ πολλῇ ἔσεσθαι. καὶ ἔρως ἐνέπεσε τοῖς πᾶσιν ὁμοίως ἐκπλεῦσαι: τοῖς μὲν γὰρ πρεσβυτέροις ὥς ἡ καταστρεψομένοις ἐφ' ᾧ ἔπλεον ἢ οὐδὲν ἂν σφαλεῖσαν μεγάλην δύναμιν, τοῖς δ' ἐν τῇ ἡλικίᾳ τῆς τε ἀπούσης πόθῳ ὄψεως καὶ θεωρίας, καὶ εὐέλπιδες ὄντες σωθήσεσθαι: ὁ δὲ πολὺς ὄμιλος καὶ

στρατιώτης ἔν τε τῷ παρόντι ἀργύριον οἴσειν καὶ προσκτήσεσθαι δύναμιν ὅθεν αἰδίων μισθοφορὰν ὑπάρξιν. ὥστε διὰ τὴν ἄγαν τῶν πλεόνων ἐπιθυμίαν, εἴ τῳ ἄρα καὶ μὴ ἤρεσκε, δεδιὼς μὴ ἀντιχειροτονῶν κακόνους δόξειεν εἶναι τῇ πόλει ἡσυχίαν ἦγεν. (Th.6.24)

Nícias falou isso acreditando que dissuadiria os atenienses devido à grande quantidade de dificuldades ou que, se fosse forçado a partir em expedição, assim o faria com mais segurança. No entanto, os atenienses não abandonaram o desejo pela navegação por causa da enormidade de preparativos, pelo contrário, estavam mais estimulados e o resultado foi o oposto ao que Nícias esperava, pois lhes parecia que ele tinha aconselhado acertadamente e haveria muita segurança. O desejo de realizar a expedição recaiu igualmente sobre todos: os mais velhos, convencidos de que iriam subjugar os locais para onde avançariam ou que uma força tão grande não poderia ser destruída; os jovens, devido ao desejo de partir para ver novas paisagens ou maravilhas, estavam esperançosos de que voltariam são e salvos; a grande multidão e os soldados presentes, desejosos em ganhar dinheiro e conquistar maior domínio de onde adviria soldo inesgotável. E assim, por causa do grande desejo da maioria em lançar a expedição, se a situação não agradasse a alguém, temeroso em parecer hostil à cidade por se opor à decisão, mantinha-se calado. (Th.6.24)

Segundo Nichols (2015, p. 131), a nova abordagem de Nícias não surtiu o efeito desejado porque, em vez de afastar o *éros* causado pelos ganhos e vantagens que seriam obtidos com a navegação, o exacerbou ainda mais. No seu segundo discurso, Nícias além de aumentar o desejo pela navegação ao onerar a quantidade de armamentos, ainda descreve a Sicília como uma ilha de cidades independentes e livres que lutarão contra a subjugação. Além de Naxos e Catana, que se unirão aos atenienses devido aos laços de parentesco com os leontinos, haveria mais sete cidades rivais semelhantes a Atenas no que diz respeito à organização militar.

Ainda segundo Nichols (2015, p. 131), a descrição da Sicília feita por Nícias, como uma terra distante e hostil, justifica aos olhos dos atenienses a enorme preparação necessária: a quantidade de hoplitas, arqueiros, soldados mercenários, navios, alimentos e dinheiro que o general indica como necessários parece enorme. Em Th.6.23 Nícias afirma que seria como fundar uma cidade entre estrangeiros e inimigos, o que agradava ao desejo expansionista ateniense:

[...] Se partíssemos daqui tendo à disposição um armamento que não apenas rivalize ao dos nossos inimigos – exceto em relação a sua tropa de hoplitas – mas também superior em todos os aspectos, dificilmente seríamos capazes de dominá-los ou de garantirmos a nossa segurança. É preciso admitir que vós ocupareis uma cidade em território inimigo, e é necessário que os invasores dominem o território logo que desembarquem, ou que saibam que, caso sejam derrotados, haverá muita hostilidade. [...].

Nichols (2015, p. 131) considera que Nícias age como um protagonista trágico que diz mais do que desejava, pois o objetivo de criar uma nova colônia está mais próximo do propósito ateniense, conforme Tucídides, do que auxiliar aliados e parentes (Th.6.6.1), uma vez que tentativa de Nícias em adotar uma abordagem diferente, versando sobre o tamanho da

empreitada e usando o aspecto da fundação de colônia, atraiu ainda mais os atenienses para a expedição. Após o segundo discurso de Nícias, o *éros* gerado pela possibilidade de ganhos financeiros e vantagens pessoais recai sobre todos; a enorme preparação proposta gera a ilusão de que podem partir com toda a segurança, o que acaba com a cautela e que libera o desejo. Aos olhos dos atenienses na assembleia, com a segurança “garantida”, a vitória parecia indiscutível e o *éros* estaria justificado.

Quanto à forma de ação de Nícias, um exemplo evidente de como o sucessores de Péricles não conduziram adequadamente o controle das questões atenienses, Tsakmakis (2006, p. 168-169) explica que é a de alguém que está preocupado com a atitude dos atenienses, mas o seu conhecimento do comportamento do povo é estático e superficial, pois não possui a compreensão aprofundada da dinâmica social que permitiria a ele confrontar a multidão de forma bem-sucedida e parece ignorar que o conhecimento e a aceitação das regras da comunicação política, o que é uma condição essencial para alcançar sucesso na política. Antes da expedição à Sicília, Nícias avalia de forma errônea o possível efeito do seu segundo discurso na assembleia e obtém a reação oposta à que desejava em Th.6.24. O seu medo à opinião pública prejudica suas ações e seus discursos e, ao se referir constantemente às suas dificuldades de se comunicar com os atenienses, ele parece estar enfatizando o problema em vez de resolvê-lo.

3.1.3. Th.6.68

Os atenienses afastam o exército inimigo da cidade de Siracusa para que possam invadir a cidade com segurança, por meio de um ardil. Os siracusanos, ao ficarem cientes do engodo, voltam às pressas para a cidade e se preparam para a batalha contra os atenienses. Antes da batalha, quando o exército estava a ponto de começar o ataque, Nícias faz a sua exortação aos soldados.

Th.6.68 - 'Πολλῇ μὲν παραινέσει, ὃ ἄνδρες, τί δεῖ χρῆσθαι, οἱ πάρεσμεν ἐπὶ τὸν αὐτὸν ἀγῶνα; αὐτὴ γὰρ ἡ παρασκευὴ ἱκανωτέρα μοι δοκεῖ εἶναι θάρσος παρασχεῖν ἢ καλῶς λεχθέντες λόγοι μετὰ ἀσθενοῦς στρατοπέδου. [2] ὅπου γὰρ Ἀργεῖοι καὶ Μαντινῆς καὶ Ἀθηναῖοι καὶ νησιωτῶν οἱ πρῶτοί ἐσμεν, πῶς οὐ χρὴ μετὰ τοιῶνδε καὶ τοσῶνδε ξυμμάχων πάντα τινὰ μεγάλην τὴν ἐλπίδα τῆς νίκης ἔχειν, ἄλλως τε καὶ πρὸς ἄνδρας πανδημεῖ τε ἀμυνομένους καὶ οὐκ ἀπολέκτους ὥσπερ καὶ ἡμᾶς, καὶ προσέτι Σικελιώτας, οἱ ὑπερφρονοῦσι μὲν ἡμᾶς, ὑπομενοῦσι δ' οὐ, διὰ τὸ τὴν ἐπιστήμην τῆς τόλμης ἥσσω ἔχειν. [3] παραστήτω δέ τινα καὶ τότε, πολὺ τε ἀπὸ τῆς ἡμετέρας αὐτῶν εἶναι καὶ πρὸς γῇ οὐδεμιᾷ φίλια, ἦντινα μὴ αὐτοὶ μαχόμενοι κτήσεσθε. καὶ τούναντίον ὑπομνήσκω ὑμᾶς ἢ οἱ πολέμιοι σφίσιν αὐτοῖς εὖ οἶδ' ὅτι παρακελεύονται· οἱ μὲν γὰρ ὅτι περὶ πατρίδος ἔσται ὁ ἀγών, ἐγὼ δὲ ὅτι οὐκ ἐν πατρίδι, ἐξ ἧς ἄκρατεῖν δεῖ ἢ μὴ ῥαδίως ἀποχωρεῖν· οἱ γὰρ ἱππῆς πολλοὶ ἐπικείσονται. τῆς τε οὖν ὑμετέρας αὐτῶν ἀξίας μνησθέντες ἐπέλθετε τοῖς ἐναντίοις προθύμως, καὶ τὴν παροῦσαν ἀνάγκην καὶ ἀπορίαν φοβερωτέραν ἡγησάμενοι τῶν πολεμίων.'

Th. 6.68 - Por que é necessário, homens, uma longa exortação uma vez que todos os que estamos aqui presentes estão voltados para a mesma batalha? O nosso armamento me parece ser mais adequado para dar confiança do que discursos eloquentemente proclamados junto a um exército fraco. [2] Aqui estamos nós, argivos, mantineus, atenienses e os melhores entre os habitantes das ilhas. Como não nutrir, entre tantos aliados deste tipo, uma grande esperança de vitória, ainda mais contra homens que atacam em massa e que não são tropas escolhidas como as nossas, e, ainda, contra os siceliotas, que nos desprezam, mas não resistem aos nossos ataques porque têm a habilidade inferior à ousadia? [3] Mas todos tende em mente o quanto estamos longe da nossa terra e fora do alcance de alguma terra aliada, a não ser que vós a conquisteis combatendo. E o meu conselho para vós é contrário à exortação que, estou certo, os inimigos fazem às suas tropas. Eles dizem que a batalha será pela pátria, ao passo que eu digo que não

estais em vossa pátria, mas em uma terra que deveis dominar ou, caso contrário, de onde não fugireis facilmente, pois a numerosa cavalaria do inimigo nos atacará. [4] Portanto, lembrados do vosso valor, atacai os inimigos ardorosamente, considerando a nossa presente necessidade e a nossa dificuldade que é mais temível do os nossos próprios inimigos.

Para o leitor atento de Tucídides, talvez seja difícil que o contraste da argumentação do último discurso direto de Nícias do livro em Th.6.68 e do seu discurso direto no livro 7 em Th.7.61 passe despercebido, ambos são exortações militares do general ateniense. No primeiro, a focalização em Nícias exalta a necessidade de domínio do território alheio e a inexperiência do exército inimigo, no segundo, exorta às suas tropas não temer como homens inexperientes e indica que as suas pátrias, antes seguras, agora correm perigo.

Os discursos de Nícias refletem o contexto da motivação narrativa do narrador primário entre os livros 6 e 7: à medida em que as tropas atenienses sofrem diversos reveses e derrotas na Sicília, a sua confiança vai se enfraquecendo e colocando a própria cidade de Atenas em perigo.

A importância deste último discurso de Nícias no livro 6 é vital para dar mostrar o contraste narrativo e contextual da situação ateniense durante a expedição à Sicília. Tratava-se de uma expedição que visava a dominação da ilha, no entanto, a empreitada ateniense acabou por ser encurralada e derrotada de forma devastadora. As descrição do próprio Nícias sobre a situação das tropas atenienses na carta enviada (Th.7.11-15) a Atenas relatando a desvantagem causada pelo reforço espartano que passaria a apoiar os sicilianos, define a reversão em sua essência: “[...]Acontece que nós, que parecíamos estar antes sitiando a outros, estamos sitiados, pelo menos por terra, pois não podemos adentrar no território por causa da cavalaria”.).

Rood (1998, p. 196) alega que o que mais chama a atenção no último discurso do livro 6 é o seu caráter de antecipar a reversão temática entre a situação das tropas nos livros 6 e 7, condicionando e precipitando o relato do narrador primário, pois a argumentação de que o último discurso de Nícias no livro 6 funciona como um adiantamento para a reversão temática se embasa no espelhamento entre Th.6.68 e o discurso que Nícias profere em Th.7.61 para exortar as tropas antes da última batalha na Sicília, na qual os atenienses seriam derrotados:

Por que é necessário, homens, uma longa exortação uma vez que todos os que estamos aqui presentes estão voltados para a mesma batalha? [...] Aqui estamos nós, argivos, mantíneos, atenienses e os melhores entre os habitantes das ilhas. Como não nutrir, entre tantos aliados deste tipo, uma grande esperança de vitória, ainda mais contra homens que atacam em massa e que não são tropas escolhidas como as nossas, e, ainda, contra os siceliotas, que nos desprezam, mas não resistem aos nossos ataques porque têm a habilidade inferior à ousadia? Mas todos tendem em mente o quanto estamos longe da nossa terra e fora do alcance de alguma terra aliada, a não ser que vós a conquisteis combatendo. E o meu conselho para vós é contrário à exortação que, estou certo, os inimigos fazem às suas tropas. Eles dizem que a batalha será pela pátria, ao passo que eu digo que não estais em vossa pátria, mas em uma terra que deveis dominar ou, caso contrário, de onde não fugireis facilmente, pois a numerosa cavalaria do inimigo nos atacará. [...] (Th.6.68)

Nota-se como a exortação de Nícias aos soldados se inverte nos dois discursos. Em

Th.7.61, Nícias exorta da seguinte maneira:

Soldados atenienses e aliados, o combate iminente será igualmente comum para todos em relação à salvação e à pátria de cada um, e não menos para os nossos inimigos. Se os vencermos agora com os nossos navios, cada um poderá ver a sua cidade em qualquer lugar que ela seja. É necessário não desanimar nem sofrer como os homens inexperientes, que derrotados nas primeiras batalhas têm expectativa semelhante devido ao medo de repetirem os mesmos desastres. [...]. (Th.7.61)

No discurso do livro 6, Nícias diz que a sua exortação seria o contrário daquela que os inimigos dariam às suas tropas, ainda sinalizando a possibilidade de dominação do território estrangeiro, enquanto que no discurso presente no livro 7, a exortação de Nícias às tropas é oposta, já enfatizando a possibilidade de estar em segurança cada um em sua terra natal e prevendo o risco que a derrota da expedição causaria a Atenas. A narrativa secundária de Nícias é semelhante à narrativa primária porque reflete o contexto do relato do narrador primário entre os livros 6 e 7, ou seja, a ênfase no revés do sucesso da expedição ateniense diante de um rival até então considerado inferior pela cidade de Atenas, tal como dito anteriormente. Conforme Rood (1998, p. 195-196) a caracterização autoral de Nícias, tem por finalidade insinuar o enfraquecimento da cidade de Atenas:

Tucídides usa Nícias não apenas para intensificar a incerteza contextual, mas também para insinuar a destruição da própria cidade. Antes da batalha final, Nícias argumenta que, para todos, a competição é “importante no que diz respeito à segurança e à pátria” (Th.7.61.1) - uma reversão do usual topos que apenas os invasores estão lutando em defesa de seu país. [...] E quando Nícias reafirma a ameaça a Atenas no final do seu discurso, “[...] lembrai, cada um de vós, quando estiverdes a bordo dos vossos navios, que sereis tanto a infantaria como os marinheiros dos atenienses e o que resta do grande nome da cidade de Atenas” (7.64.2), ele ecoa a afirmação de Péricles sobre a da grandiosidade do nome de Atenas - e ecoa também o aviso de Péricles de que “todas as coisas devem diminuir” (Th.2.64.3).¹³

A forma como a experiência do exército ateniense na Sicília é tratada nos dois discursos também passa por reversão, antes havia perspectiva de vitória e, por fim, as tropas se mostravam cada vez mais abatidas após sofrer inesperadas derrotas. No discurso de exortação no livro 6, Nícias usa o argumento de que a tropa, devido à sua experiência e habilidade, deve ter expectativa de vitória e acrescenta o fato de considerar que o exército inimigo não possui habilidade suficiente para vencer os atenienses.

¹³ Thucydides uses Nikias not just to intensify the climactic uncertainty, but also to intimate the destruction of the city itself. Before the final battle, Nikias argues that for all alike the contest is ‘for safety and fatherland’ (7.61.1) – a reversal of the usual topos that only those invaded are fighting in a defense of their country. [...] And when Nikias reaffirms the threat to Athens at the end of his speech, “Remember that you going onboard are the army and navy of Athens”, he echos Perikles’ celebration of Athens’ great name – and reminds us of Perikles warning that all thing “all things must diminish” (ii.64.3).

[...] Nós somos argivos, mantineus, atenienses e os melhores entre os habitantes das ilhas. Como não nutrir entre tantos aliados deste tipo, uma grande esperança, ainda mais contra homens que atacam de modo desordenado e que não são tão distintos como nós, e, ainda, contra os siceliotas, que nos desprezam, mas não resistem aos nossos ataques porque têm a habilidade inferior à ousadia. [...] (Th.6.68)

A argumentação contrária ocorre no discurso em Th.7.61 em que Nícias pede à sua tropa que não se deixe abater pelas sucessivas derrotas tal como o fariam homens inexperientes (“[...] É necessário não desanimar nem sofrer como os homens inexperientes, que derrotados nas primeiras batalhas têm expectativa semelhante devido ao medo de repetirem os mesmos desastres. [...]”).

As inversões e semelhanças nos dois discursos são significativas e enfatizam as adversidades sofridas pelos atenienses na Sicília, assim como o rebaixamento do ânimo pela batalha após as primeiras derrotas no livro 7.¹⁴

Outro aspecto que consideramos fazer parte da reversão temática, acima citada, está presente na argumentação de Tsakmakis (2013, p. 394-395) em seu artigo que trata das exortações militares na obra de Tucídides. Ele indica o contraste presente no terceiro discurso de Nícias no livro 6, sua primeira exortação militar em Th.6.68, pois o orador expressa a sua convicção de que é desnecessário proferir um longo discurso, uma vez que o aparato militar é suficiente para inspirar coragem às tropas. O contraste reside no fato de que o mesmo orador proferiria a exortação militar mais longa da obra de Tucídides (Th.7.61-64) e também proferiria a última exortação militar do relato da expedição à Sicília que ocorre quando o exército está derrotado tanto por terra como por mar (Th.7.77).

Dewald (2006, p. 152-153), em seu estudo sobre a estrutura narrativa da obra de Tucídides, também disserta a respeito da reversão temática que ocorre entre os livros 6 e 7, em trechos externos ao discurso de Nícias. A autora verifica que a observação atenta da sequência de acontecimentos demonstra dois desenvolvimentos interpretativos simultâneos e contraditórios emergindo e que o modo como estão organizados permite que ambos permaneçam em suspensão no momento da narrativa no livro 6. No nível mais óbvio da narrativa, os atenienses ainda estão no controle da situação e, de um ponto de vista, o 17º ano da guerra termina com o controle da situação nas mãos de Atenas. Entretanto, o narrador primário insere um segundo desenvolvimento mais sutil para lançar dúvida sobre todos os planos atenienses. A vitória ateniense em Th.6.63-72 é seguida de uma cena em Siracusa, na qual Hermócrates critica os erros cometidos pelos siracusanos na batalha contra os atenienses

¹⁴ A primeira derrota sofrida pelos atenienses no livro 7 foi contra o general espartano Gilipo (Th.7.3). Outras derrotas ocorreram em Th.7.21-24, 7.36-40, 7.50-56 e 7.59-71.

(Th.6.72) dos siracusanos e os aconselha a proceder de modo que traga esperança para futuras melhorias e eventual sucesso, uma crítica que posteriormente se confirma pelos eventos. Essa cena demonstra que os siracusanos têm em Hermócrates um líder adequado mesmo na derrota e que a sua aceitação do seu conselho em Th.6.73 é um sinal de que em Siracusa os atenienses se depararam com rivais à altura. Finalmente, uma cena crucial para o desfecho de Atenas na narrativa primária da expedição traz Alcibíades, que fora condenado à revelia em Atenas e passara a viver em exílio, de volta ao relato. O discurso de Alcibíades na assembleia espartana em Th.6.88-92 estimula a decisão dos peloponésios em apoiar Siracusa e em iniciar o cerco em Deceleia a fim de prejudicar os atenienses tanto em território siracusano como na própria cidade de Atenas. Gilipo, que tem grande importância no sucesso militar de Siracusa no livro 7, é escolhido como resultado das exortações de Alcibíades. Apesar do controle de Atenas da situação na Sicília não ter sido fisicamente ameaçado, a narrativa da segunda metade do livro 6 já sinaliza ao leitor atento que grandes dificuldades futuras a partir do livro 7 estariam no caminho de Atenas.

3.2. DISCURSOS DO LIVRO 7

3.2.1. Th.7.8-15

No livro 7, com o fortalecimento da tropa siracusana após a chegada do general espartano Gilipo, a tropa ateniense fica desorientada e fragilizada. Com o intuito de explicar a nova situação a Atenas, Nícias envia uma carta na qual oferece duas opções aos atenienses em Atenas: enviar reforços ou ordenar a retirada do combate em Siracusa.

Th.7.8- Ὁ δὲ Νικίας αἰσθόμενος τοῦτο καὶ ὁρῶν καθ' ἡμέραν ἐπιδιδούσαν τὴν τε τῶν πολεμίων ἰσχὺν καὶ τὴν σφετέραν ἀπορίαν, ἔπεμπε καὶ αὐτὸς ἐς τὰς Ἀθήνας ἀγγέλλων πολλάκις μὲν καὶ ἄλλοτε καθ' ἕκαστα τῶν γιγνομένων, μάλιστα δὲ καὶ τότε, νομίζων ἐν δεινοῖς τε εἶναι καί, εἰ μὴ ὥς τάχιστα ἢ σφᾶς μεταπέμψουσιν ἢ ἄλλους μὴ ὀλίγους ἀποστελοῦσιν, οὐδεμίαν εἶναι σωτηρίαν. [2] φοβούμενος δὲ μὴ οἱ πεμπόμενοι ἢ κατὰ τὴν τοῦ λέγειν ἀδυνασίαν ἢ καὶ μνήμης ἐλλιπεῖς γιγνόμενοι ἢ τῷ ὄχλῳ πρὸς χάριν τι λέγοντες οὐ τὰ ὄντα ἀπαγγέλλωσιν, ἔγραψεν ἐπιστολήν, νομίζων οὕτως ἂν μάλιστα τὴν αὐτοῦ γνώμην μηδὲν ἐν τῷ ἀγγέλῳ ἀφανισθεῖσαν μαθόντας τοὺς Ἀθηναίους βουλευσασθαι περὶ τῆς ἀληθείας. [3] Καὶ οἱ μὲν ὄχοντο φέροντες, οὓς ἀπέστειλε, τὰ γράμματα καὶ ὅσα ἔδει αὐτοὺς εἰπεῖν· ὁ δὲ τὰ κατὰ τὸ στρατόπεδον διὰ φυλακῆς μᾶλλον ἢδη ἔχων ἢ δι' ἐκουσίων κινδύνων ἐπεμέλετο.

Th.7.8 – Nícias, percebendo a situação e vendo o vigor dos inimigos e as suas próprias dificuldades aumentar diariamente, despachava com frequência a Atenas, detalhando cada um dos acontecimentos, e, principalmente nesta ocasião, por pensar estar em uma conjuntura terrível e sem salvação se os atenienses não os mandassem regressar o mais rápido possível ou se não enviassem muitos reforços. [2] Temendo que os mensageiros, seja devido à incapacidade de comunicação, por algum lapso de memória ou para agradar a multidão, não relatassem os fatos ocorridos, escreveu uma carta, acreditando assim que em nada o seu próprio julgamento seria suprimido pelo mensageiro e que os atenienses deliberariam cientes da verdade. [3] Os mensageiros que ele enviou partiram levando as cartas e tanto quanto seria necessário que eles dissessem. Nícias se ocupou dos afazeres do acampamento, especialmente da guarda que já possuía em vez de correr riscos voluntariamente.

Th.7.9- ἐν δὲ τῷ αὐτῷ θέρει τελευτῶντι καὶ Εὐετίων στρατηγὸς Ἀθηναίων μετὰ Περδίκκου στρατεύσας ἐπ' Ἀμφίπολιν Θραξὶ πολλοῖς τὴν μὲν πόλιν οὐχ εἴλεν, ἐς δὲ τὸν Στρυμόνα περικομίσας τριήρεις ἐκ τοῦ ποταμοῦ ἐπολιόρκει ὁρμώμενος ἐξ Ἰμεραίου. καὶ τὸ θέρος ἐτελεύτα.

Th.7.9 – Quando o verão estava terminando, o general ateniense Evécio atacou junto com Pérδικas e um grande número trácios, a cidade de Anfípolis; e não conseguindo tomá-la, levou trirremes ao redor do Estrímon, cercou e bloqueou a cidade a partir do rio, fazendo do Himereu a sua base. Então, o verão terminou.

Th.7.10- Τοῦ δ' ἐπιγιγνομένου χειμῶνος ἦκοντες ἐς τὰς Ἀθήνας οἱ παρὰ τοῦ Νικίου ὅσα τε ἀπὸ γλώσσης εἶρητο αὐτοῖς εἶπον, καὶ εἴ τίς τι ἐπηρώτα ἀπεκρίνοντο, καὶ τὴν ἐπιστολὴν ἀπέδοσαν. ὁ δὲ γραμματεὺς ὁ τῆς πόλεως παρελθὼν ἀνέγνω τοῖς Ἀθηναίοις δηλοῦσαν τοιάδε.

Th.7.10 – Durante o inverno seguinte, os enviados de Nícias chegaram a Atenas e entregaram a mensagem que lhes foi ordenado proferir verbalmente, responderam às perguntas e entregaram a carta. O oficial da cidade se dirigiu aos atenienses e leu a carta, na qual havia a seguinte mensagem.

Th.7.11- 'Τὰ μὲν πρότερον πραχθέντα, ὧ Ἀθηναῖοι, ἐν ἄλλαις πολλαῖς ἐπιστολαῖς ἴστε· νῦν δὲ καιρὸς οὐχ ἦσσον μαθόντας ὑμᾶς ἐν ᾧ ἐσμέν βουλεύσασθαι. [2] κρατησάντων γὰρ ἡμῶν μάχαις ταῖς πλέοσι Συρακοσίους ἐφ' οὓς ἐπέμφθημεν καὶ τὰ τεῖχη οἰκοδομησαμένων ἐν οἷσπερ νῦν ἐσμέν, ἦλθε Γύλιππος Λακεδαιμόνιος στρατιὰν ἔχων ἐκ τε Πελοποννήσου καὶ ἀπὸ τῶν ἐν Σικελίᾳ πόλεων ἔστιν ὧν. καὶ μάχῃ τῇ μὲν πρώτη νικᾶται ὑφ' ἡμῶν, τῇ δ' ὑστεραία ἱππεῦσί τε πολλοῖς καὶ ἀκοντισταῖς βιασθέντες ἀνεχωρήσαμεν ἐς τὰ τεῖχη. [3] νῦν οὖν ἡμεῖς μὲν παυσάμενοι τοῦ περιτειχισμοῦ διὰ τὸ πλῆθος τῶν ἐναντίων ἡσυχάζομεν (οὐδὲ γὰρ ξυμπάσῃ τῇ στρατιᾷ δυναίμεθ' ἂν χρήσασθαι ἀπανηλωκυίας τῆς φυλακῆς τῶν τειχῶν μέρος τι τοῦ ὀπλιτικοῦ)· οἱ δὲ παρῳκοδομήκασιν ἡμῖν τεῖχος ἀπλοῦν, ὥστε μὴ εἶναι ἔτι περιτειχίσαι αὐτούς, ἣν μὴ τις τὸ παρατείχισμα τοῦτο πολλῇ στρατιᾷ ἐπελθὼν ἔλῃ. [4] συμβέβηκέ τε πολιορκεῖν δοκοῦντας ἡμᾶς ἄλλους αὐτοὺς μᾶλλον, ὅσα γε κατὰ γῆν, τοῦτο πάσχειν· οὐδὲ γὰρ τῆς χώρας ἐπὶ πολὺ διὰ τοὺς ἱππέας ἐξερχόμεθα.

Th.7.11 – “Os fatos que ocorreram antes, atenienses, vós conheceis por muitas outras mensagens. Neste momento não deveis saber menos em que condição estamos e então deliberes. [2] Depois de derrotar, em muitas batalhas, os siracusanos, contra os quais fomos enviados e depois de construir as muralhas nas quais estamos neste exato momento, o lacedemônio Gilipo veio com um exército de peloponésios e de algumas cidades da Sicília. Apesar de, na primeira batalha, ele ter sido derrotado por nós, na batalha seguinte, fomos forçados a recuar para a muralha por numerosa cavalaria e lanceiros. [3] Agora estamos paralisados, pois desistimos da circunvalação devido à multidão dos inimigos – não poderíamos usar todo o exército porque a proteção das muralhas consome uma parte do corpo de hoplitas, contudo, eles construíram uma muralha simples próxima a nós de modo que não é mais possível que os cerquemos, a não ser que uma força com um grande exército se aproxime dela e a conquiste. [4] Acontece que nós, que parecíamos estar antes sitiando a outros, estamos sitiados, pelo menos por terra, pois não podemos adentrar no território por causa da cavalaria.

Th.7.12- 'Πεπόμφασι δὲ καὶ ἐς Πελοπόννησον πρέσβεις ἐπ' ἄλλην στρατιάν, καὶ ἐς τὰς ἐν Σικελίᾳ πόλεις Γύλιππος οἷχεται, τὰς μὲν καὶ πείσων ξυμπολεμεῖν ὅσαι νῦν ἡσυχάζουσιν, ἀπὸ δὲ τῶν καὶ στρατιάν ἔτι πεζὴν καὶ ναυτικοῦ παρασκευήν, ἣν δύνηται, ἄζων. [2] διανοοῦνται γάρ, ὥς ἐγὼ πυνθάνομαι, τῷ τε πεζῷ ἅμα τῶν τειχῶν ἡμῶν πειρᾶν καὶ ταῖς ναυσὶ κατὰ θάλασσαν. [3] καὶ δεινὸν μηδενὶ ὑμῶν δόξῃ εἶναι ὅτι καὶ κατὰ θάλασσαν. τὸ γὰρ ναυτικὸν ἡμῶν, ὅπερ κάκεῖνοι πυνθάνονται, τὸ μὲν πρῶτον ἤκμαζε καὶ τῶν νεῶν τῇ ξηρότητι καὶ τῶν πληρωμάτων τῇ σωτηρίᾳ· νῦν δὲ αἱ τε νῆες διάβροχοι τοσοῦτον χρόνον ἤδη θαλασσεύουσαι, καὶ τὰ πληρώματα ἔφθαρται. [4] τὰς μὲν γὰρ ναῦς οὐκ ἔστιν ἀνελκύσαντας διαψύξαι διὰ τὸ ἀντιπάλους τῷ πλήθει καὶ ἔτι πλείους τὰς τῶν πολεμίων οὔσας αἰεὶ προσδοκίαν παρέχειν ὥς ἐπιπλεύσονται. [5] φανεραὶ δ' εἰσὶν ἀναπειρώμεναι, καὶ αἱ ἐπιχειρήσεις ἐπ' ἐκείνοις καὶ ἀποξηρᾶναι τὰς σφετέρας μᾶλλον ἐξουσία· οὐ γὰρ ἐφορμοῦσιν ἄλλοις.

Th.7.12 – Eles também enviaram embaixadores ao Peloponeso para buscar mais reforços para o exército. Gilipo se dirigiu às cidades na Sicília para persuadi-las a se aliarem, tantas quantas agora permanecem neutras, e para trazer das outras cidades, se possível, novos reforços para a sua infantaria e para a sua frota. [2] Eles pretendem, conforme me informo, lançar um ataque simultâneo tanto com sua infantaria, contra as nossas muralhas, como por mar, com a frota. [3] Que a ninguém dentre vós pareça ser surpreendente que eles [nos ataquem] também por mar. A nossa frota, conforme eles estão cientes, no início estava no auge, tanto na solidez dos navios como na conservação da tripulação, mas agora os navios estão encharcados por já estar há muito tempo no mar e as tripulações estão deterioradas. [4] Não é possível arrastar os navios para a praia para secá-las por causa da multidão de inimigos e da ainda mais numerosa frota deles sempre à espreita de uma ocasião para nos atacar. [5] As suas manobras são visíveis e a iniciativa de ataques está nas mãos deles, principalmente porque podem manter os seus navios secos, pois não estão bloqueando outras frotas.

Th.7.13- Ἡμῖν δ' ἐκ πολλῆς ἂν περιουσίας νεῶν μόλις τοῦτο ὑπῆρχε καὶ μὴ ἀναγκαζομένοις ὥσπερ νῦν πάσαις φυλάσσειν· εἰ γὰρ ἀφαιρήσομέν τι καὶ βραχὺ τῆς τηρήσεως, τὰ ἐπιτήδεια οὐχ ἔξομεν, παρὰ τὴν ἐκείνων πόλιν χαλεπῶς καὶ νῦν ἐσκομιζόμενοι. [2] τὰ δὲ πληρώματα διὰ τόδε ἐφθάρη τε ἡμῖν καὶ ἔτι νῦν φθείρεται, τῶν ναυτῶν [τῶν] μὲν διὰ φρυγανισμόν καὶ ἀρπαγὴν καὶ ὑδρεῖαν μακρὰν ὑπὸ τῶν ἱππέων ἀπολλυμένων· οἱ δὲ θεράποντες, ἐπειδὴ ἐς ἀντίπαλα καθεστήκαμεν, αὐτομολοῦσι, καὶ οἱ ξένοι οἱ μὲν ἀναγκαστοὶ ἐσβάντες εὐθὺς κατὰ τὰς πόλεις ἀποχωροῦσιν, οἱ δὲ ὑπὸ μεγάλου μισθοῦ τὸ πρῶτον ἐπαρθέντες καὶ οἰόμενοι χρηματιεῖσθαι μᾶλλον ἢ μαχεῖσθαι, ἐπειδὴ παρὰ γνώμην ναυτικόν τε δὴ καὶ τᾶλλα ἀπὸ τῶν πολεμίων ἀνθεστῶτα ὀρῶσιν, οἱ μὲν ἐπ' αὐτομολίας προφάσει ἀπέρχονται, οἱ δὲ ὡς ἕκαστοι δύνανται (πολλὴ δ' ἡ Σικελία), εἰσὶ δ' οἱ καὶ αὐτοὶ ἐμπορευόμενοι ἀνδράποδα Ὑκκαρικὰ ἀντεμβιβάσαι ὑπὲρ σφῶν πείσαντες τοὺς τριηράρχους τὴν ἀκρίβειαν τοῦ ναυτικοῦ ἀφίρηνται.

Th.7.13 – Nós, pelo contrário, nem de longe temos essa vantagem mesmo se não fossemos forçados, como agora, a empregar todos em vigilância. Se relaxarmos ainda que pouco a vigilância, não teremos provisões, que agora são trazidas com muita dificuldade devido à proximidade da cidade dos inimigos. [2] A nossa tripulação foi arruinada, e ainda está sendo, porque nossos marinheiros, devido à coleta da madeira, à pilhagem e à captura de água em lugares distantes estão sendo mortos pela cavalaria inimiga. Os nossos escravos, agora que nos mostramos equiparados ao inimigo, estão desertando e os estrangeiros, que foram forçados a embarcar, uns se afastam para as suas cidades assim que podem, outros, que a princípio embarcaram atraídos por um grande pagamento e pensando mais em lucrar do que em lutar, quando veem, contrário às suas expectativas, a frota dos inimigos e todo o restante resistindo, desertam, cada um como pode, pois a Sicília é ampla; também há alguns que, traficando escravos, convenceram os trierarcas a embarcar escravos de Ícara em seu lugar e assim arruinaram a qualidade da frota.

Th.7.14- Ἐπισταμένοις δ' ὑμῖν γράφω ὅτι βραχεῖα ἀκμὴ πληρώματος καὶ ὀλίγοι τῶν ναυτῶν οἱ ἐξορμῶντές τε ναῦν καὶ ξυνέχοντες τὴν εἰρεσίαν. [2] τούτων δὲ πάντων ἀπορώτατον τό τε μὴ οἶόν τε εἶναι ταῦτα ἐμοὶ κωλύσαι τῷ στρατηγῷ (χαλεπαὶ γὰρ αἱ ὑμέτεραι φύσεις ἄρξαι) καὶ ὅτι οὐδ' ὀπόθεν ἐπιπληρωσόμεθα τὰς ναῦς ἔχομεν, ὃ τοῖς πολεμίοις πολλαχόθεν ὑπάρχει, ἀλλ' ἀνάγκη ἀφ' ὧν ἔχοντες ἤλθομεν τά τε ὄντα καὶ ἀπαναλισκόμενα γίνεσθαι· αἱ γὰρ νῦν οὔσαι πόλεις ξύμμαχοι ἀδύνατοι Νάξος καὶ Κατάνη. [3] εἰ δὲ προσγενήσεται ἐν ἔτι τοῖς πολεμίοις, ὥστε τὰ τρέφοντα ἡμᾶς χωρία τῆς Ἰταλίας, ὁρῶντα ἐν ᾧ τ' ἐσμέν καὶ ὑμῶν μὴ ἐπιβοηθούντων, πρὸς ἐκείνους χωρήσαι, διαπεπολεμήσεται αὐτοῖς ἀμαχεὶ ἐκπολιορκηθέντων ἡμῶν [ὁ πόλεμος]. [4] Ὑπὸ τούτων ἐγὼ ἡδὶω μὲν ἂν εἶχον ὑμῖν ἕτερα ἐπιστέλλειν, οὐ μέντοι χρησιμώτερά γε, εἰ δεῖ σαφῶς εἰδότας τὰ ἐνθάδε βουλευσασθαι. καὶ ἅμα τὰς φύσεις ἐπιστάμενος ὑμῶν, βουλομένων μὲν τὰ ἥδιστα ἀκούειν, αἰτιωμένων δὲ ὕστερον, ἦν τι ὑμῖν ἀπ' αὐτῶν μὴ ὁμοῖον ἐκβῆ, ἀσφαλέστερον ἡγησάμην τὸ ἀληθὲς δηλῶσαι.

Th.7.14 – Eu escrevo para que vós que sabeis que o vigor da tripulação dura pouco tempo e que poucos são os marinheiros que podem colocar o barco em movimento e remar em ritmo adequado. [2] O mais difícil de tudo é que eu, na posição de estrategista, não consigo impedir isso, pois a vossa conduta é difícil de controlar e que não podemos tripular novamente os navios, o que para os nossos inimigos é possível em muitos locais, mas a tripulação que trouxemos precisa atender as nossas necessidades e compensar nossas perdas, pois agora as cidades que são nossas aliadas Naxos e Catana, não estão aptas a nos ajudar neste aspecto. [3] Se algum outro benefício suceder aos nossos inimigos, como por exemplo, as regiões a Itália, que nos fornecem provisões, vendo em que situação estamos e que vós não estais nos auxiliando, se aliarem a eles [nossos inimigos], a guerra terminará sem combate para eles porque seremos forçados a capitular. [4] Eu poderia ter vos enviar outras notícias mais agradáveis do que essas, porém certamente não mais úteis se é necessário que vós delibereis sabendo mais claramente sobre o que está acontecendo aqui. Ao mesmo tempo, ciente da vossa conduta, pois desejais ouvir o que for mais agradável e acusais a quem vos informou caso algo não corresponda ao que desejais, eu considere ser mais seguro mostrar a verdade.

Th.7.15- Καὶ νῦν ὥς ἐφ' ἃ μὲν ἤλθομεν τὸ πρῶτον καὶ τῶν στρατιωτῶν καὶ τῶν ἡγεμόνων ὑμῖν μὴ μεμπτῶν γεγενημένων, οὕτω τὴν γνώμην ἔχετε· ἐπειδὴ δὲ Σικελία τε ἅπασα ξυνίσταται καὶ ἐκ Πελοποννήσου ἄλλη στρατιὰ προσδόκιμος αὐτοῖς, βουλευέσθε ἤδη ὥς τῶν γ' ἐνθάδε μὴδὲ τοῖς παροῦσιν ἀνταρκούντων, ἀλλ' ἢ τούτους μεταπέμπειν δέον ἢ ἄλλην στρατιὰν μὴ ἐλάσσω ἐπιπέμπειν καὶ πεζὴν καὶ ναυτικὴν καὶ χρήματα μὴ ὀλίγα, ἐμοὶ δὲ διάδοχόν τινα, ὥς ἀδύνατός εἰμι διὰ νόσον νεφρῖτιν παραμένειν. [2] ἀξιῶ δ' ὑμῶν ξυγγνώμης τυγχάνειν· καὶ γὰρ ὅτ' ἐρρώμην πολλὰ ἐν ἡγεμονίαις ὑμᾶς εὖ ἐποίησα. ὅτι δὲ μέλλετε, ἅμα τῷ ἥρι εὐθὺς καὶ μὴ ἐς ἀναβολὰς πράσσετε, ὥς τῶν πολέμιων τὰ μὲν ἐν Σικελίᾳ δι' ὀλίγου ποριουμένων, τὰ δ' ἐκ Πελοποννήσου σχολαίτερον μὲν, ὅμως δ', ἢν μὴ προσέχητε τὴν γνώμην, τὰ μὲν λήσουσιν ὑμᾶς, ὥσπερ καὶ πρότερον, τὰ δὲ φθήσονται.'

Th.7.15 – E agora, que por causa daquilo contra o qual primeiro viemos nem os vossos soldados nem os comandantes devem ser censurados, considerai o seguinte: toda a Sicília está reunida e outro exército do Peloponeso, é aguardado por eles. Deliberai imediatamente, pois não poderemos resistir aos inimigos presentes, mas é necessário ou chamar de volta o nosso contingente ou enviar outro exército não menos: infantaria, frota, muito dinheiro e enviar um sucessor para mim, pois não estou apto a permanecer por causa da doença nos rins. [2] Creio ser justo obter o vosso perdão porque, quando eu era sadio, realizei muitos bons serviços a vós como comandante. O que decidirdes, fazei logo no início da primavera e agi sem atraso porque os nossos inimigos, dentro em pouco, buscarão reforços, alguns na Sicília, outros no Peloponeso, e, apesar desses últimos se demorarem, se não prestardes atenção, vos passarão despercebidos, como antes, ou vos ultrapassarão.”

A sucessão de vitórias atenienses tem uma virada por ocasião do reforço lacedemônio que chega logo no princípio da narrativa do livro 7 (Th.7.2) e da primeira derrota para Gilipo (Th.7.6) e, a partir desse momento, a narrativa passa a indicar de forma mais evidente a futura reversão e a derrota do poderio ateniense que viria a ser concretizada no final do livro 7 com o fracasso da expedição à Sicília. Conforme Rood (1998, p. 184), o aspecto da reversão do poderio naval entre Atenas e Siracusa predominante nos estágios finais da campanha na Sicília no livro 7 é filtrado por meio da focalização centrada em Nícias após a chegada do general lacedemônio Gilipo:

[...] antes e após a chegada de Demóstenes, é a percepção do desespero ateniense através da percepção de Nícias, transmitida mediante os seus pensamentos, mediante a carta que ele escreve aos atenienses e dos discursos que ele faz antes e depois da derrota decisiva de Atenas na Sicília, as suas percepções complementam a descrição das causas do desespero ateniense e confere um tom distinto. Os raciocínios de Nícias são o veículo para riqueza temática da reversão que se estabelece no final do livro 7 e tal reversão é central na análise histórica de Tucídides relativa à derrota de Atenas na Sicília. [...].¹⁵

Outro aspecto da caracterização que define Nícias em seu discurso secundário representado na carta é explicado por Nichols (2015, p. 146-147) ao enfatizar que, na carta enviada aos atenienses, Nícias consulta os conterrâneos para saber como proceder diante da nova situação da frota da Sicília, apesar de os comandantes estarem imbuídos de plena autoridade durante a expedição (Th.6.26.1) e de Nícias estar sozinho no comando após a morte de Lâmaco (Th.6.101.6) e a fuga de Alcibíades (Th.6.53.1). Faz-se necessário uma rápida ação na Sicília, mas Nícias não consegue agir sem o consentimento do governo ateniense por temer a reação que as suas decisões causariam na *pólis*.

A carta de Nícias revela seu medo de voltar para casa sem uma vitória, além do temor do seu julgamento em Atenas após o seu retorno, na medida em que omite o fracasso da expedição, referindo-se aos sucessos na Sicília ao mesmo tempo em que descreve a situação em que se encontram. Nichols (2015, p. 146-147) define que o medo do general não é fortuito ao retomar um trecho que trata de um momento da narrativa na qual o general ateniense demonstrava a sua opinião contrária em continuar a batalha contra os lacedemônios no livro 5:

¹⁵ [...] both before and after Demosthenes' arrival, it is Nikias' Reading of the Athenians' despair, conveyed through his thoughts, through the letter he writes to the Athenians at home, and through the speeches he makes before and after Athens' decisive defeat, that supplements the narrative's description of the causes of their despair, and gives it a distinctive tone. [...] Nikias speeches and perceptions are in large part the vehicle for the wealth of thematic reversals at the end of the book vii and these reverses are central to Thucydides' historical analysis of the importance of Athens' defeat in Sicily. [...]

trata-se do trecho Th.5.46.4 (“[...] pois ele temia retornar sem ter cumprido a sua missão e ser exposto a calúnias, como de fato aconteceu, visto que fora considerado responsável por firmar o tratado com os lacedemônios. [...]”).

Na carta, como Nichols (2015, p. 147-8) aponta, Nícias descreve a condição cada vez mais precária das tropas na Sicília e mesmo assim evita dizer claramente que a expedição é uma causa perdida e que a única opção é convocar o exército de volta. Em vez disso ele estimula a decisão da cidade ao fazer supor que os cidadãos atenienses em Atenas estão livres para deliberar e tomar a decisão: ou chamar o exército de volta ou enviar uma força adicional e mais dinheiro. Anteriormente, Tucídides elogiou Péricles (Th.2.65.9) por ser capaz de instigar medo quando as pessoas estavam excessivamente confiantes e por instigar confiança quando estavam desencorajadas. Nícias, de forma contrastante, não obtém êxito, pois está motivado mais pelo medo que tem dos destinatários do que por possuir autoconfiança de fato e, como resultado da argumentação da carta, os atenienses repetem sua decisão anterior de atacar a Sicília e enviam uma nova expedição gerando ainda mais ônus financeiro e civil para a cidade já fragilizada.

Hornblower (2008, p. 557-558) argumenta que a opção de Tucídides em embutir o conteúdo da carta conforme é lida em voz alta na assembleia ateniense, em vez de fazê-lo quando estava sendo elaborada por Nícias, pode ser definido como uma estratégia de *delay* da narrativa. Uma das razões é que a leitura da carta seria de certa forma aproximada ao discurso direto para persuadir os atenienses, e assim seria uma escolha natural apresentar o conteúdo dela como se fosse apresentada pelo próprio Nícias. Na disposição da carta tal como Tucídides a apresentou, a focalização em Nícias como narrador secundário é reforçada sendo apresentado como o condutor de um discurso direto, mesmo quando seria esperado um discurso indireto (que não teria tanto impacto dramático na narrativa). Tucídides faz com que o momento da leitura da carta se assemelhe à desastrosa tentativa de Nícias no livro 6 de dissuadir a assembleia nos seus dois primeiros discursos diretos.¹⁶

A forma como o autor ateniense apresenta a atuação de Nícias, como um agente ativo do relato em território siciliano, demonstra que os mesmo erros cometidos anteriormente no livro 6 persistem ao longo da narrativa da derrota ateniense na Sicília no livro 7. O medo e a falta de confiança que Nícias sente em relatar sua opinião de maneira clara diante da assembleia,

¹⁶ Os discursos Th.6.20-23 e Th.7.10-15 aspectos muito semelhantes. Ambos falham em persuadir acerca da ideia em questão (no primeiro a intenção era que a expedição não fosse enviada e o segundo era de que a expedição fosse chamada de volta a Atenas). Ambos aumentam os gastos da cidade com as suas execuções.

são enfatizados pelo narrador primário ao inserir estrategicamente o discurso do narrador secundário de modo semelhante a um discurso direto, mesmo que Nícias não estivesse presente na assembleia.

3.2.2. Th.7.48-50

Após o fracasso na tentativa de tomada de Epípolas e com o exército cada vez mais fragilizado, os estrategos atenienses deliberaram sobre o plano de ação diante do contexto no qual se encontravam. Demóstenes opinou que era necessário de partirem sem demora e não desperdiçarem os recursos financeiros nas terras de Siracusa, mas nas da Ática. A opinião de Nícias, que prevaleceu, foi contrária e as tropas não partiram de Siracusa.

Th.7.48- Καὶ ὁ μὲν Δημοσθένης τοιαῦτα ἐγίνωσκεν· ὁ δὲ Νικίας ἐνόμιζε μὲν καὶ αὐτὸς πόνηρα σφῶν τὰ πράγματα εἶναι, τῷ δὲ λόγῳ οὐκ ἐβούλετο αὐτὰ ἀσθενῇ ἀποδεικνύναι, οὐδ' ἐμφανῶς σφᾶς ψηφίζομένους μετὰ πολλῶν τὴν ἀναχώρησιν τοῖς πολεμίοις καταγγέλτους γίγνεσθαι· [2] λαθεῖν γὰρ ἀποκτείναντες ἄν, ὅποτε βούλονται, τοῦτο ποιοῦντες πολλῶ ἦσσαν. τὸ δὲ τι καὶ τὰ τῶν πολεμίων, ἀφ' ὧν ἐπὶ πλεον ἢ οἱ ἄλλοι ἡσθάνετο αὐτῶν, ἐλπίδος τι ἔτι παρεῖχε πονηρότερα τῶν σφετέρων ἔσεσθαι, ἣν καρτερῶσι προσκαθήμενοι· χρημάτων γὰρ ἀπορία αὐτοὺς ἐκτροχῶσειν, ἄλλως τε καὶ ἐπὶ πλεον ἤδη ταῖς ὑπαρχούσαις ναυσὶ θαλασσοκρατούντων. καὶ ἦν γάρ τι καὶ ἐν ταῖς Συρακούσαις βουλόμενον τοῖς Ἀθηναίοις τὰ πράγματα ἐνδοῦναι, ἐπεκηρυκεύετο ὡς αὐτὸν καὶ οὐκ εἶα ἀπανίστασθαι. [3] ἃ ἐπιστάμενος τῷ μὲν ἔργῳ ἔτι ἐπ' ἀμφοτέρω ἔχων καὶ διασκοπῶν ἀνεῖχε, τῷ δ' ἐμφανεῖ τότε λόγῳ οὐκ ἔφη ἀπάξειν τὴν στρατιάν. εὖ γὰρ εἰδέναι ὅτι Ἀθηναῖοι σφῶν ταῦτα οὐκ ἀποδέξονται, ὥστε μὴ αὐτῶν ψηφισαμένων ἀπελθεῖν. καὶ γὰρ οὐ τοὺς αὐτοὺς ψηφιεῖσθαι τε περὶ σφῶν [αὐτῶν] καὶ τὰ πράγματα ὥσπερ καὶ αὐτοὶ ὀρῶντας καὶ οὐκ ἄλλων ἐπιτιμήσει ἀκούσαντας γνῶσεσθαι, ἀλλ' ἐξ ὧν ἂν τις εὖ λέγων διαβάλλοι, ἐκ τούτων αὐτοὺς πείσεσθαι. [4] τῶν τε παρόντων στρατιωτῶν πολλοὺς καὶ τοὺς πλείους ἔφη, οἳ νῦν βοῶσιν ὡς ἐν δεινοῖς ὄντες, ἐκεῖσε ἀφικομένους τάναντία βοήσεσθαι ὡς ὑπὸ χρημάτων καταπροδόντες οἱ στρατηγοὶ ἀπῆλθον. οὐκ οὐκ βούλεσθαι αὐτὸς γε ἐπιστάμενος τὰς Ἀθηναίων φύσεις ἐπ' αἰσχυρᾷ τε αἰτία καὶ ἀδίκῳ ὑπ' Ἀθηναίων ἀπολέσθαι μᾶλλον ἢ ὑπὸ τῶν πολεμίων, εἰ δεῖ, κινδυνεύσας τοῦτο παθεῖν ἰδίᾳ. [5] τὰ τε Συρακοσίων ἔφη ὅμως ἔτι ἦσσω τῶν σφετέρων εἶναι· καὶ χρήμασι γὰρ αὐτοὺς ξενοτροφοῦντας καὶ ἐν περιπολίοις ἅμα ἀναλίσκοντας καὶ ναυτικὸν πολὺ ἔτι ἐνιαυτὸν ἤδη βόσκοντας τὰ μὲν ἀπορεῖν, τὰ δ' ἔτι ἀμυχανήσειν· δισχίλια τε γὰρ τάλαντα ἤδη ἀνηλωκέναι καὶ ἔτι πολλὰ προσοφείλειν, ἦν τε καὶ ὅτι οὖν ἐκλίπῃσι τῆς νῦν παρασκευῆς τῷ μὴ δίδοναι τροφήν, φθερεῖσθαι αὐτῶν τὰ πράγματα, ἐπικουρικὰ μᾶλλον ἢ δι' ἀνάγκης ὥσπερ τὰ σφέτερα ὄντα. [6] τρίβειν οὖν ἔφη χρῆναι προσκαθημένους καὶ μὴ χρήμασιν, ὧν πολὺ κρείσσους εἰσὶ, νικηθέντας ἀπιέναι.

Th.7.48 – Demóstenes assim opinou; Nícias, entretanto, embora pensasse que a situação deles era precária, não queria mostrar fraqueza nem, aos inimigos, que a maioria votava pela retirada, pois teriam muito mais chances de passar despercebidos, quando quisessem, haveria menos chances fazendo isso. [2] Além disso, a situação dos inimigos, conforme a informação que ele sabia mais do que os outros, oferecia ainda alguma esperança de que seria mais precária do que a deles se o cerco se intensificasse, pois lhes causaria dificuldades devido ao esgotamento de recursos, especialmente com a frota, agora que dominavam por mar. Havia em Siracusa uma facção disposta a se submeter aos atenienses e que lhe enviava um arauto exortando que não partisse. [3] Ciente disso, apesar de na realidade oscilar entre as duas possibilidades e as considerar, conteve-se, e no discurso que proferiu, recusou-se a conduzir a partida do exército e que tinha pleno conhecimento de que os próprios atenienses não aceitariam tal manobra se não votassem eles mesmos o retorno, pois aqueles que votariam sobre a sua situação não teriam conhecimento por verem si mesmos os fatos, tal como eles próprios [na Sicília] viam e não ouviriam censuras dos outros; pelo contrário, a partir dessa situação algum hábil orador o acusaria de modo astuto, e por esse orador os atenienses seriam persuadidos. [4] Nícias disse que muitos soldados ali presentes, a maioria, que agora afirmavam estar em situação terrível, chegando a Atenas afirmariam o contrário, ou seja, que os generais receberam propina para os trair e se retiraram. Ele, ciente da conduta dos atenienses, não desejava ser morto por causa de uma acusação injusta e vergonhosa, mas preferiria, se necessário, arriscar-se a morrer pelas mãos dos inimigos. [5] Nícias dizia que a situação dos siracusanos era ainda pior do que a deles, pois em relação ao dinheiro, por manter simultaneamente tropas mercenárias e postos fortificados, além de manter há um ano uma grande frota, estavam em dificuldades financeiras e logo estariam sem recursos; até agora já haviam gastado dois mil talentos e ainda deveriam gastar muito mais, e se perdessem o que quer que fosse da força presente, por não poder oferecer manutenção, a causa deles estaria arruinada, especialmente por dependerem de mercenários e não, como no caso dos atenienses, da necessidade. [6] Ele disse que era necessário que continuassem o cerco e que não partissem derrotados por questões financeiras, no qual eram muito mais fortes.

Th.7.49- Ὁ μὲν Νικίας τοσαῦτα λέγων ἰσχυρίζετο, αἰσθόμενος τὰ ἐν ταῖς Συρακούσαις ἀκριβῶς καὶ τὴν τῶν χρημάτων ἀπορίαν καὶ ὅτι ἦν αὐτόθι πολὺ τὸ βουλούμενον τοῖς Ἀθηναίοις γίγνεσθαι τὰ πράγματα καὶ ἐπικηρυκευόμενον πρὸς αὐτὸν ὥστε μὴ ἀπανίστασθαι, καὶ ἅμα ταῖς 2γούν ναυσὶ μᾶλλον ἢ πρότερον ἐθάρσησε κρατήσκειν. ὁ δὲ Δημοσθένης περὶ μὲν τοῦ προσκαθῆσθαι οὐδ' ὀπωσοῦν ἐνεδέχετο· εἰ δὲ δεῖ μὴ ἀπάγειν τὴν στρατιὰν ἄνευ Ἀθηναίων ψηφίσματος, ἀλλὰ τρίβειν αὐτοῦ, ἔφη χρῆναι ἢ ἐς τὴν Θάψον ἀναστάντας τοῦτο ποιεῖν ἢ ἐς τὴν Κατάνην, ὅθεν τῷ τε πεζῷ ἐπὶ πολλὰ τῆς χώρας ἐπιόντες θρέψονται πορθοῦντες τὰ τῶν πολεμίων καὶ ἐκείνους βλάψουσι, ταῖς τε ναυσὶν ἐν πελάγει καὶ οὐκ ἐν στενοχωρίᾳ, ἢ πρὸς τῶν πολεμίων μᾶλλον ἐστὶ, τοὺς ἀγῶνας ποιήσονται, ἀλλ' ἐν εὐρυχωρίᾳ, ἐν ἣ τὰ τε τῆς ἐμπειρίας χρήσιμα σφῶν ἔσται καὶ ἀναχωρήσεις καὶ ἐπίπλους οὐκ ἐκ βραχέος καὶ περιγραπτοῦ 3ὀρμώμενοί τε καὶ καταίροντες ἔξουσιν. τό τε ζῦμπαν εἰπεῖν, οὐδενὶ τρόπῳ οἱ ἔφη ἀρέσκειν ἐν 4τῷ αὐτῷ ἔτι μένειν, ἀλλ' ὅτι τάχιστα ἤδη ἐξανίστασθαι καὶ μὴ μέλλειν. καὶ ὁ Εὐρυμέδων αὐτῷ ταῦτα ξυνηγόρευεν. ἀντιλέγοντος δὲ τοῦ Νικίου ὄκνοσις καὶ μέλλησις ἐνεγένετο καὶ ἅμα ὑπόνοια μὴ τι καὶ πλέον εἰδὼς ὁ Νικίας ἰσχυρίζεται. καὶ οἱ μὲν Ἀθηναῖοι τούτῳ τῷ τρόπῳ διεμέλλησάν τε καὶ κατὰ χώραν ἔμενον.

Th.7.49 – Nícias falou isso com confiança, sabendo com precisão da situação em Siracusa, da dificuldade financeira e que havia ali uma grande facção desejosa em se submeter aos atenienses que enviava mensagens a ele para que não partisse. Ao mesmo tempo, mais do que antes, ele tinha confiança no sucesso ao menos com os navios. [2] Mas Demóstenes não aceitava de modo algum manter o cerco; entretanto se fosse necessário não retirar o exército sem o voto dos atenienses, mas permanecer na Sicília, ele disse ser necessário fazer o seguinte: levantar acampamento e se afastar ou para Tapsos ou para Catana, de onde iriam com a infantaria por longas extensões de terra pilhando o território dos inimigos para se alimentar e os prejudicar. Em relação aos navios, realizariam os combates em alto mar e não em um espaço estreito onde seria mais favorável aos inimigos, mas em espaço aberto no qual as suas habilidades seriam vantajosas, pois poderiam recuar e atacar movendo-se em espaço não cercado e não estariam imobilizados; [3] em suma, ele disse que de modo algum aprovaria que permanecessem no mesmo lugar, mas que partissem o mais rápido possível e que não adiassem. Eurímedon concordou com a sua proposta. [4] Nícias discordou, houve hesitação e retardo; ao mesmo tempo surgiu a suspeita de que Nícias estava confiante por saber mais [do que dizia] e os atenienses, desse modo, deixaram-se atrasar e permaneceram no local.

Th.7.50- Ὁ δὲ Γύλιππος καὶ ὁ Σικανὸς ἐν τούτῳ παρήσαν ἐς τὰς Συρακούσας, ὁ μὲν Σικανὸς ἀμαρτῶν τοῦ Ἀκράγαντος (ἐν Γέλα γὰρ ὄντος αὐτοῦ ἔτι ἢ τοῖς Συρακοσίοις στάσις [ἐς] φιλία ἐξεπεπτώκει)· ὁ δὲ Γύλιππος ἄλλην τε στρατιὰν πολλὴν ἔχων ἦλθεν ἀπὸ τῆς Σικελίας καὶ τοὺς ἐκ τῆς Πελοποννήσου τοῦ ἥρος ἐν ταῖς ὀλκάσιν ὀπλίτας ἀποσταλέντας, ἀφικομένους ἀπὸ τῆς Λιβύης ἐς Σελινούντα. [2] ἀπενεχθέντες γὰρ ἐς Λιβύην, καὶ δόντων Κυρηναίων τριήρεις δύο καὶ τοῦ πλοῦ ἡγεμόνας, καὶ ἐν τῷ παράπλῳ Εὐεσπερίταις πολιορκουμένοις ὑπὸ Λιβύων ξυμμαχήσαντες καὶ νικήσαντες τοὺς Λίβυς, καὶ αὐτόθεν παραπλεύσαντες ἐς Νέαν πόλιν Καρχηδονιακὸν ἐμπόριον, ὅθεν περ Σικελία ἐλάχιστον δυοῖν ἡμερῶν καὶ νυκτὸς πλοῦν ἀπέχει, καὶ ἀπ' αὐτοῦ περαιωθέντες ἀφίκοντο ἐς Σελινούντα. [3] καὶ οἱ μὲν Συρακοῖσι εὐθὺς αὐτῶν ἐλθόντων παρεσκευάζοντο ὡς ἐπιθησόμενοι κατ'ἀμφοτέρα αὐθις τοῖς Ἀθηναίοις καὶ ναυσὶ καὶ πεζῷ· οἱ δὲ τῶν Ἀθηναίων στρατηγοὶ ὀρῶντες στρατιὰν τε ἄλλην προσγεγενημένην αὐτοῖς καὶ τὰ ἐαυτῶν ἅμα οὐκ ἐπὶ τὸ βέλτιον χωροῦντα, ἀλλὰ καθ' ἡμέραν τοῖς πᾶσι χαλεπώτερον ἴσχοντα, μάλιστα δὲ τῇ ἀσθενείᾳ τῶν ἀνθρώπων πιεζόμενα, μετεμέλοντό τε πρότερον οὐκ ἀναστάντες καὶ ὡς αὐτοῖς οὐδὲ ὁ Νικίας ἔτι ὁμοίως ἐνηντιοῦτο, ἀλλ' ἢ μὴ φανερῶς γε ἀξίων ψηφίζεσθαι, προεῖπον ὡς ἐδύναντο ἀδηλότατα ἔκπλουν ἐκ τοῦ στρατοπέδου πᾶσι, καὶ παρασκευάσασθαι ὅταν τις σημήνῃ. [4] καὶ μελλόντων αὐτῶν, ἐπεὶ δὲ ἐτοῖμα ἦν, ἀποπλεῖν ἢ σελήνῃ ἐκλείπει· ἐτύγγανε γὰρ πασσέληνος οὕσα. καὶ οἱ Ἀθηναῖοι οἱ τε πλείους ἐπισχεῖν ἐκέλευον τοὺς στρατηγοὺς ἐνθύμιον ποιούμενοι, καὶ ὁ Νικίας (ἦν γὰρ τι καὶ ἄγαν θειασμῷ τε καὶ τῷ τοιούτῳ προσκείμενος) οὐδ' ἂν διαβουλευσάσθαι ἔτι ἔφη πρὶν, ὡς οἱ μάντις ἐξηγοῦντο, τρεῖς ἐννέα ἡμέρας μεῖναι, ὅπως ἂν πρότερον κινηθεῖν. καὶ τοῖς μὲν Ἀθηναίοις μελλήσασι διὰ τοῦτο ἡ μονὴ ἐγγένητο.

Th.7.50 – Enquanto isso, Gilipo e Sicano estavam em Siracusa. Sicano falhou em Agrigento, pois, enquanto ainda estava em Gela, a revolta dos siracusanos havia sido controlada. Gilipo, entretanto, partiu com outro grande exército da Sicília e também com os hoplitas que haviam sido enviados em barcos de transporte do Peloponeso na primavera e que chegaram da Líbia a Selinunte. [2] Eles foram levados para a Líbia e os cirenaicos lhes deram duas trirremes e pilotos para a navegação. No trajeto, se aliaram aos evespéritas, então sitiados pelos líbios, derrotaram-nos [aos líbios] e de lá mesmo navegaram para Neapolis, um mercado cartaginês, justamente pela rota mais curta para a Sicília – uma navegação de dois dias e duas noites – de onde atravessaram e chegaram a Selinunte. [3] Os siracusanos, quando os hoplitas chegaram, se preparam novamente de modo a se posicionarem, tanto por mar como por terra. Os generais atenienses, vendo que outro exército auxiliava os inimigos, enquanto a sua própria situação não caminhava para melhor, mas diariamente piorava para todos, afligindo a saúde dos

homens, se arrependeram de não ter se retirado antes. Como Nícias não mais resistia como antes, mas considerava ser necessário não votar abertamente, os generais ordenaram do modo mais secreto possível a todos que partissem do acampamento e que se preparassem assim que alguém desse o sinal. [4] Contudo, quando estavam a ponto de partir, a lua, que estava cheia, desapareceu. A maioria dos atenienses, inquietos, exortaram aos generais que aguardassem e Nícias, que era excessivamente propenso a superstição e outras formas de adivinhação, se recusou a discutir sobre a retirada e mesmo realizá-la antes de esperar vinte e sete dias, conforme haviam os adivinhos prescrito. Tal foi a razão pela qual os atenienses retardaram a partida.

Neste contexto, o medo de Nícias, característica constante na sua focalização, faz com que o seu modo de ação e deliberação continue prejudicial ao exército e à expedição. O próprio narrador primário afirma que Nícias estava dividido entre apoiar a retirada e defender a permanência em território inimigo, mas optou pela segunda opção por temer o julgamento que receberia em Atenas, se tomasse uma decisão sem o consentimento da assembleia e, também, devido à sua falha na Sicília, tal como relatado em Th.7.48:

[...] Havia em Siracusa uma facção disposta a se submeter aos atenienses e que lhe enviava um arauto exortando que não partisse. Ciente disso, apesar de na realidade oscilar entre as duas possibilidades e as considerar, conteve-se, e no discurso que proferiu, recusou-se a conduzir a partida do exército. Ele tinha pleno conhecimento que os próprios atenienses não aceitariam tal manobra se não votassem eles mesmos o retorno, pois aqueles que votariam sobre a sua situação não teriam conhecimento por verem si mesmos os fatos, tal como eles próprios [na Sicília] viam e não ouviriam censuras dos outros; pelo contrário, a partir dessa situação algum hábil orador o acusaria de modo astuto, e por esse orador os atenienses seriam persuadidos. Nícias disse que muitos soldados ali presentes, a maioria, que agora afirmavam estar em situação terrível, chegando a Atenas afirmariam o contrário, ou seja, que os generais receberam propina para trai-los e se retiraram. Ele, ciente da conduta dos atenienses, não desejava ser morto por causa de uma acusação injusta e vergonhosa, mas preferiria, se necessário, arriscar-se a morrer pelas mãos dos inimigos. [...]

Hornblower (2008, p. 566) chama a atenção para a antecipação do medo de Nícias em relação à natureza dos atenienses na carta em Th.7.14 (“[...] Ao mesmo tempo, ciente da vossa conduta, pois desejais ouvir o que for mais agradável e acusais a quem vos informou caso algo não ocorra de modo semelhante à deliberação, eu considerarei ser mais seguro mostrar a verdade. [...]”) e para reiteração do medo no trecho Th.7.48, no qual o narrador apresenta a focalização indireta, em Nícias: [...] Ele, ciente da conduta dos atenienses, não desejava ser morto por causa de uma acusação injusta e vergonhosa, mas preferiria, se necessário, arriscar-se a morrer pelas mãos dos inimigos. [...]”. Nícias teme tanto os atenienses no seu território natal quanto os que formam o seu próprio exército na Sicília: o narrador primário enfatiza como o caráter ateniense torna Nícias um líder limitado pelo seu medo tanto em casa como em campo de batalha.

A caracterização de Nícias como alguém limitado pelo seu medo, a ponto de prejudicar a sua ação em campo de batalha e na sua comunicação com os seus próprios concidadãos, torna-se cada mais evidente na narrativa na medida em que, no livro 7, a reversão se torna mais manifesta. No parágrafo Th. 7.47.1-2, o relato do narrador primário retrata o profundo abatimento e as condições adversas do exército ateniense na Sicília, o que ajuda para salientar o erro da decisão de Nícias em não apoiar a retirada antes mesmo de incluir a sua focalização secundária no parágrafo seguinte. Eis o parágrafo supracitado:

Οἱ δὲ τῶν Ἀθηναίων στρατηγοὶ ἐν τούτῳ ἐβουλευόντο πρὸς τε τὴν γεγενημένην ξυμφορὰν καὶ πρὸς τὴν παροῦσαν ἐν τῷ στρατοπέδῳ κατὰ πάντα ἀρρωστίαν. τοῖς τε γὰρ ἐπιχειρήμασιν ἐώρων οὐ κατορθοῦντες καὶ τοὺς στρατιώτας ἀχθομένους τῇ μονῇ: νόσῳ τε γὰρ ἐπιέζοντο κατ' ἀμφοτέρα, τῆς τε ὥρας τοῦ ἐνιαυτοῦ ταύτης οὕσης ἐν ἣ ἄσθενοῦσιν ἄνθρωποι μάλιστα, καὶ τὸ χωρίον ἅμα ἐν ᾧ ἐστρατοπεδεύοντο ἐλῶδες καὶ χαλεπὸν ἦν, τὰ τε ἄλλα ὅτι ἀνέλπιστα αὐτοῖς ἐφαίνετο. [...]

Os generais atenienses estavam deliberando, na ocasião, tanto a respeito do desastre ocorrido, como do abatimento predominante no campo. Viram que não tinham sucesso na expedição e que os soldados estavam esgotados de ali permanecerem. Além disso, eles eram afetados por enfermidades que tinham dupla origem, a estação do ano era aquela na qual os homens estavam mais suscetíveis a doenças e o local onde acampavam era pantanoso e insalubre; a situação geral lhes parecia ser irremediável. [...]

Rood (1998, p. 164-165) aponta a contradição presente no discurso de Nícias em Th.7.48-50, pois nos relembra que o general ateniense apresentou o argumento em Th.6.20 de que as cidades na Sicília não necessitavam de mudança política. Contudo, o próprio Nícias, que havia argumentado em seu discurso no livro 6 (Th.6.20) sobre a dificuldade de manipular a política siracusana, opina de modo contrário ao que havia aconselhado durante a assembleia entre os generais na Sicília.

A atitude contraditória de Nícias gera como efeito interno no relato do narrador primário a permanência das tropas atenienses em território siciliano, quando ainda havia possibilidade de fuga, e, na sequência lógica, é um dos fatores que colaboram com a derrota de Atenas na ilha. O que se pode observar no livro em Th.7.48-50 é a inversão do comportamento de Nícias, motivado pelo seu medo do julgamento que sofreria em Atenas, que antes defendia a ideia de não dispendar os bens da cidade em uma guerra desnecessária, agora defendia a permanência na Sicília e a continuidade da guerra.

O narrador primário introduz a focalização em Demóstenes no livro 7 e explica que este, após chegar a Siracusa com um novo exército que fora pedido por Nícias em sua carta, tomou a decisão de realizar um ataque imediato à cidade:

[...] ὁ δὲ Δημοσθένης ἰδὼν ὡς εἶχε τὰ πράγματα καὶ νομίσας οὐχ οἷόν τε εἶναι διατρίβειν οὐδὲ παθεῖν ὅπερ ὁ Νικίας ἔπαθεν (ἀφικόμενος γὰρ τὸ πρῶτον ὁ Νικίας φοβερὸς, ὡς οὐκ εὐθὺς προσέκειτο ταῖς Συρακούσαις, ἀλλ' ἐν Κατάνῃ διεχέιμαζεν, ὑπερώφη τε καὶ ἔφθασεν αὐτὸν ἐκ τῆς Πελοποννήσου στρατιᾷ ὁ Γύλιππος ἀφικόμενος, ἦν οὐδ' ἂν μετέπεμψαν οἱ Συρακόσιοι, εἰ ἐκεῖνος εὐθὺς ἐπέκειτο: ἱκανοὶ γὰρ αὐτοὶ οἰόμενοι εἶναι ἅμα τ' ἂν ἔμαθον ἥσους ὄντες καὶ ἀποτετελιγμένοι ἂν ἦσαν, ὥστε μὴδ' εἰ μετέπεμψαν ἔτι ὁμοίως ἂν αὐτοὺς ὠφελεῖν) , ταῦτα οὖν ἀνασκοπῶν ὁ Δημοσθένης, καὶ γινώσκων ὅτι καὶ αὐτὸς ἐν τῷ παρόντι τῇ πρώτῃ ἡμέρᾳ μάλιστα δεινότητός ἐστι τοῖς ἐναντίοις, ἐβούλετο ὅτι τάχος ἀποχρήσασθαι τῇ παρούσῃ τοῦ στρατεύματος ἐκπλήξει. καὶ ὁρῶν τὸ παρατεῖχισμα τῶν Συρακοσίων, ᾧ ἐκώλυσαν περιτείχισαι σφᾶς τοὺς Ἀθηναίους, ἀπλοῦν ὃν καί, εἰ κρατήσῃ τις τῶν τε Ἐπιπολῶν τῆς ἀναβάσεως καὶ αὐθις τοῦ ἐν αὐταῖς στρατοπέδου, ῥαδίως ἂν αὐτὸ ληφθέν (οὐδὲ γὰρ ὑπομείναι ἂν σφᾶς οὐδένα), ἠπείγετο ἐπιθέσθαι τῇ πείρᾳ, καὶ οἱ ξυντομωτάτην ἤγειτο διαπολέμῃσιν: ἢ γὰρ κατορθώσας ἔξειν Συρακούσας, ἢ ἀπάξειν

τὴν στρατιὰν καὶ οὐ τρίψεσθαι ἄλλως Ἀθηναίους τε τοὺς ξυστρατευομένους καὶ τὴν
ξύμπασαν πόλιν. (Th.7.42.3-5)

[...] Demóstenes estava ciente da situação e convicto de que não deveria adiar a ação ou passar pelo mesmo que Nícias havia passado. Nícias, logo que chegou, inspirava terror; porém como não atacou os siracusanos de imediato, mas invernou em Catana, foi desprezado e Gilipo se antecipou a ele ao chegar do Peloponeso com um exército que os siracusanos não teriam pedido se Nícias tivesse atacado logo de início. Os siracusanos acreditariam serem capazes de lidar com Nícias sozinhos e teriam descoberto a sua inferioridade quando estivessem cercados por muralhas, de modo que, mesmo que tivessem pedido auxílio, não lhes seria útil. Então Demóstenes, avaliando a situação e julgando que também ele era mais intimidador aos olhos do inimigo no momento de sua chegada, desejava rapidamente tirar proveito da consternação inspirada pelo seu exército. Constando que o contraforte dos siracusanos, com o qual haviam impedido os atenienses de os cercarem, era simples e que se alguém controlasse a subida para Epípolas e lá instalasse um acampamento, facilmente tomaria o contraforte (pois ninguém resistiria a quem o fizesse), ansiava tentar um ataque. Ele considerava esse o modo mais fácil de levar a guerra a cabo: ou atingira o seu objetivo em tomar Siracusa ou retiraria o exército e não desgastaria, no caso de resultado contrário, os atenienses, os aliados e toda a cidade de Atenas. [...]. (Th.7.42.3-5)

Após a derrota no combate, o narrador primário introduz novamente a focalização de Demóstenes durante a conferência entre os generais atenienses mostrando a oposição de opiniões entre Nícias e Demóstenes quanto à necessidade da imediata retirada da Sicília. Os atenienses talvez tivessem conseguido sair da Sicília se seguissem o conselho de Demóstenes em Th.7.47.3-4:

[...] τῷ οὖν Δημοσθένει οὐκ ἑδόκει ἔτι χρῆναι μένειν, ἀλλ' ἄπερ καὶ διανοηθεὶς ἐς τὰς Ἐπιπολὰς διεκινδύνευσεν, ἐπειδὴ ἔσφαλτο, ἀπιέναι ἐψηφίζετο καὶ μὴ διατρίβειν, ἕως ἔτι τὸ πέλαγος οἶόν τε περαιοῦσθαι καὶ τοῦ στρατεύματος ταῖς γούν ἐπελθούσαις ναυσὶ κρατεῖν. καὶ τῇ πόλει ὠφελιμώτερον ἔφη εἶναι πρὸς τοὺς ἐν τῇ χώρᾳ σφῶν ἐπιτειχίζοντας τὸν πόλεμον ποιεῖσθαι ἢ Συρακοσίους, οὓς οὐκέτι ῥᾶδιον εἶναι χειρώσασθαι: οὐδ' αὖ ἄλλως χρήματα πολλὰ δαπανῶντας εἰκὸς εἶναι προσκαθῆσθαι.

[...] Demóstenes, portanto, julgava que não deveriam mais permanecer na Sicília, pelo contrário, visto que o plano que o induzira a arriscar o ataque a Epípolas havia falhado, votou pela retirada imediata, enquanto ainda era possível atravessar o mar e, pelo menos, vencer com os navios que vieram que se juntaram a eles em reforço. Afirmava ser mais útil combater aqueles que construíam fortificações hostis na Ática do que contra os siracusanos, que não eram fáceis de serem submetidos, além de não parecer certo que continuassem o cerco gastando grande quantidade de recursos financeiros.

Nícias havia defendido a ideia de não desperdiçar os recursos atenienses de forma desnecessária no primeiro discurso na assembleia em Atenas e havia defendido a mesma ideia em Th.6.47, após o engodo dos segestanos quanto aos recursos financeiros disponíveis em Segesta ser confirmado:

Καὶ Νικίου μὲν ἦν γνώμη πλεῖν ἐπὶ Σελينوῦντα πάσῃ τῇ στρατιᾷ, ἐφ' ὅπερ μάλιστα ἐπέμφθησαν, καὶ ἦν μὲν παρέχωσι χρήματα παντὶ τῷ στρατεύματι Ἐγεσταῖοι, πρὸς ταῦτα βουλευέσθαι, εἰ δὲ μή, ταῖς ἐξήκοντα ναυσίν, ὅσασπερ ἤτήσαντο, ἀξιοῦν δίδοναι αὐτοὺς τροφήν, καὶ παραμείναντας Σελινουντίους ἢ βία ἢ ξυμβάσει διαλλάξαι αὐτοῖς, καὶ οὕτω παραπλεύσαντας τὰς ἄλλας πόλεις καὶ ἐπιδείξαντας μὲν τὴν δύναμιν

τῆς Ἀθηναίων πόλεως, δηλώσαντας δὲ τὴν ἐς τοὺς φίλους καὶ ξυμμάχους προθυμίαν, ἀποπλεῖν οἴκαδε, ἦν μὴ τι δι' ὀλίγου καὶ ἀπὸ τοῦ ἀδοκίτου ἢ Λεοντίνους οἰοί τε ὧσιν ὠφελῆσαι ἢ τῶν ἄλλων τινὰ πόλεων προσαγαγέσθαι, καὶ τῇ πόλει δαπανῶντας τὰ οἰκεῖα μὴ κινδυνεύειν. (Th.6.47)

Era a opinião de Nícias que eles deveriam seguir para Selinunte com todo o exército, principal razão pela qual foram enviados e, se os segestanos fornecessem dinheiro para toda a tropa, deliberariam conforme a situação. Caso contrário, deveriam exigir que os segestanos fornecessem manutenção para os 60 navios que haviam requisitado e, permanecendo ali, deveriam reconciliar os selinúncios com os segestanos por força ou por acordo. Depois deveriam navegar ao longo das outras cidades, demonstrando zelo aos amigos e aliados e então, retornar para Atenas a não ser que rápida e inesperadamente pudessem ajudar os leontinos ou aliá-los a alguma outra cidade e não expor ao risco a cidade de Atenas gastando os seus próprios recursos. (Th.6.47)

No momento em que o general ateniense defendeu essa ideia no trecho Th.6.47, a narrativa ainda não estava enfatizando o revés tal como era o caso em Th.7.48. Se no trecho do livro 6, Nícias apresenta uma inação, além do desejo de manter intacta a sua fama de portador de boa-sorte, que o afasta do caráter aventureiro e ambicioso dos atenienses, tal como representado na assembleia em que a expedição foi aprovada, no trecho do livro 7 a inação também está presente, talvez de forma ainda mais prejudicial e motivada pelo medo aos próprios concidadãos, pois dessa vez, todo o exército estava em risco se não se retirasse de Siracusa o quanto antes.

Na opinião de Nichols (2015, p. 138-139), a submissão à necessidade de Nícias choca a identidade de liberdade ateniense. A derrota na Sicília representaria o limite da liberdade de ação diante dos rivais, além da perda de vidas e de recursos. Nícias estava ciente de que, se ordenasse a retirada da Sicília, os atenienses o culpariam em vez de admitir tais limitações, assim como condenaram os generais responsáveis por não conquistar a Sicília na expedição anterior (Th.4.65.3). Nícias se mostra prejudicial à expedição e à própria cidade de Atenas porque deveria agir de modo independente da sua cidade a fim de servi-la e tomar a decisão de partir, trazendo o exército em segurança para casa. Contudo, tal atitude requereria uma independência ou liberdade da sua cidade que ele não possuía devido ao medo que nutria pelo julgamento do *demos*. Em Th.6.26, tal como também argumentamos acima, a assembleia havia garantido aos generais plenipotência para tomar decisões acerca de todo o armamento e de toda a expedição em geral para que tomassem a decisão que parecesse ser a mais adequada. A dificuldade de Nícias em lidar com o *demos* e manipulá-lo aumenta o seu medo pela retirada, pois suas tentativas retóricas são sempre falhas como se pode ver nos seus discursos anteriores e na sua focalização secundária em geral. Nícias recusa a proposta de Demóstenes em se retirar da Sicília pois possui informantes dentro da cidade e tem a certeza de que a retirada seria inaceitável para os atenienses caso partissem sem que o assunto tivesse sido votado pela própria

cidade. Ele temia ser julgado por homens incapazes de conhecer a situação na Sicília tão claramente quanto os que viram a situação de fato.

Nichols (2015, p. 148-149) alega que Nícias não leva em conta a possibilidade de que ele próprio ou Demóstenes obteriam o sucesso ao se defender diante da cidade com a decisão da retirada. Em vez disso, se recusa a tomar a tal iniciativa e prefere arriscar a própria vida em território inimigo. Contudo, a preferência de Nícias pelo que pensa ser uma morte mais digna não está de acordo com o fato de não ser um homem que atua apenas no campo privado, mas ser um general que deve zelar pela vida dos soldados. Então, novamente, ele prefere a solução mais segura para si mesmo ao lidar com os atenienses e o faz usando o pretexto de ter feito uma escolha mais honrosa. Quando finalmente a situação ateniense piora a ponto de aceitar a retirada, ocorre um eclipse lunar interpretado pelos videntes como um sinal de que não deveriam partir antes de 27 dias.

Nícias (descrito pelo narrador primário como excessivamente ligado a adivinhações) obedece aos videntes e adia a retirada (Th.7.50), o que dá tempo aos siracusanos de preparar o ataque. Adiou a retirada por tanto tempo que a única escolha que lhe restara era arriscar as suas tropas em outra batalha que, conforme a sequência lógica da narrativa primária, terminaria com a derrota ateniense.

Tucídides, segundo Rood (1998, p. 187-188), apresenta Nícias como portador da função de representar uma retórica falha; a sua caracterização não deve ter como ponto focal um possível julgamento moral quanto à personagem em si. A retórica falha se apresenta no discurso indireto em questão porque, em vez de servir como um estímulo positivo aos outros generais atenienses na Sicília, Nícias suscita aos outros generais atenienses na Sicília o mesmo temor que sentia, já que ambos haviam passado por experiência semelhante que ele temia.¹⁷

O seu comportamento, tal como retratado, mais uma vez enfatiza o declínio dos líderes atenienses, a sua inabilidade em controlar a mutabilidade do *demos*, o que para Rood (1998, p. 187-188) é central na análise de Tucídides da expedição à Sicília porque está se tornando mais difícil distinguir os atenienses em casa dos atenienses em campo.

¹⁷ Demóstenes, em Th.3.98.5, após a derrota dos atenienses na Etólia, mostrou o mesmo temor, pois por ocasião da derrota, o exército se retirou para Naupacto e, logo em seguida, retornou para Atenas. Contudo, Demóstenes preferiu não voltar a Atenas, mas sim permanecer em Naupacto por causa do julgamento dos cidadãos atenienses. Euríloco em Th.4.65.3 fora condenado a pagar uma multa devido à suspeita de receber suborno ao travar o tratado de paz com os siceliotas durante a primeira invasão à Sicília.

3.2.3. Th.7.60.5-64; 69

Após a decisiva vitória marítima dos siracusanos, como nunca acontecera antes, os atenienses estavam perplexos e aguardam ainda mais derrotas para o futuro. Com o fortalecimento das tropas de Siracusa e de seus aliados, os atenienses acuados e tinham como única opção tentar fugir com o restante dos navios e das tropas que restaram. Diante de tal exército desencorajado, Nícias exorta os seus soldados com palavras que encerram em si mesmas a fragilidade da expedição ateniense.

Th.7.60.5- ὁ δὲ Νικίας, ἐπειδὴ τὰ πολλὰ ἐτοῖμα ἦν, ὁρῶν τοὺς στρατιώτας τῷ τε παρὰ τὸ εἰωθὸς πολὺ ταῖς ναυσὶ κρατηθῆναι ἀθυμοῦντας καὶ διὰ τὴν τῶν ἐπιτηδείων σπάνιν ὥς τάχιστα βουλομένους διακινδυνεύειν, συγκαλέσας ἅπαντας παρεκελεύσατό τε πρῶτον καὶ ἔλεξε τοιάδε.

Th.7.60.5 – [...] Nícias, quando quase tudo estava preparado, vendo que os soldados estavam desanimados pelo fato sem precedentes de terem sido derrotados na batalha naval e porque devido à baixa quantidade de mantimentos desejavam se arriscar o mais rápido possível, quando tudo estava iminente, convocou a todos e os exortou da seguinte forma.

Th.7.61- Ἴνδρες στρατιῶται Ἀθηναίων τε καὶ τῶν ἄλλων ξυμμάχων, ὁ μὲν ἀγὼν ὁ μέλλων ὁμοίως κοινὸς ἅπασιν ἔσται περὶ τε σωτηρίας καὶ πατρίδος ἐκάστοις οὐχ ἥσσον ἢ τοῖς πολεμίοις· ἦν γὰρ κρατήσωμεν νῦν ταῖς ναυσίν, ἔστι τῷ τὴν ὑπάρχουσάν που οἰκείαν πόλιν ἐπιδεῖν. [2] ἀθυμεῖν δὲ οὐ χρή οὐδὲ πάσχειν ὅπερ οἱ ἀπειρότατοι τῶν ἀνθρώπων, οἱ τοῖς πρώτοις ἀγῶσι σφαλέντες ἔπειτα διὰ παντὸς τὴν ἐλπίδα τοῦ φόβου ὁμοίαν ταῖς ξυμφοραῖς ἔχουσιν. [3] ἀλλ' ὅσοι τε Ἀθηναίων πάρεστε, πολλῶν ἤδη πολέμων ἔμπειροι ὄντες, καὶ ὅσοι τῶν ξυμμάχων, ξυστρατευόμενοι αἰεὶ, μνήσθητε τῶν ἐν τοῖς πολέμοις παραλόγων, καὶ τὸ τῆς τύχης κἂν μεθ' ἡμῶν ἐλπίσαντες στήναι καὶ ὡς ἀναμαχοῦμενοι ἀξίως τοῦδε τοῦ πλήθους, ὅσον αὐτοὶ ὑμῶν αὐτῶν ἐφορᾶτε, παρασκευάζεσθε.

Th.7.61 – “Soldados atenienses e aliados, a batalha iminente será para todos igualmente importante no que diz respeito à segurança e à pátria de cada um e será não menos importante do que para os nossos inimigos. Se vencermos agora com a frota será possível a todos ver a sua cidade onde quer que seja. [2] É necessário não desanimar nem sofrer como os homens inexperientes que, derrotados nos primeiros confrontos, têm expectativa semelhante de repetirem os mesmos desastres. [3] Mas, dentre vós presentes que sois atenienses, já experientes em muitas guerras, e dentre os que sois nossos aliados, sempre nossos companheiros nas campanhas, lembrai-vos dos muitos eventos inesperados nas guerras e esperançosos que o acaso possa se colocar a nosso favor a fim de recomeçar a luta de modo digno desta multidão que vedes, preparai-vos.

Th.7.62- Ὅτι δὲ ἀρωγὰ ἐνείδομεν ἐπὶ τῇ τοῦ λιμένος στενότητι πρὸς τὸν μέλλοντα ὄχλον τῶν νεῶν ἔσεσθαι καὶ πρὸς τὴν ἐκείνων ἐπὶ τῶν καταστροφμάτων παρασκευὴν, οἷς πρότερον ἐβλαπτόμεθα, πάντα καὶ ἡμῖν νῦν ἐκ τῶν παρόντων μετὰ τῶν κυβερνητῶν ἐσκεμμένα ἡτοίμασται. [2] καὶ γὰρ τοξόται πολλοὶ καὶ ἀκοντισταὶ ἐπιβήσονται καὶ ὄχλος, ὃ ναυμαχίαν μὲν ποιούμενοι ἐν πελάγει οὐκ ἂν ἐχρώμεθα διὰ τὸ βλάπτειν ἂν τὸ τῆς ἐπιστήμης τῇ βαρύτητι τῶν νεῶν, ἐν δὲ τῇ ἐνθάδε ἡναγκασμένη ἀπὸ τῶν νεῶν πεζομαχίᾳ πρόσφορα ἔσται. [3] ἡŷρηται δ' ἡμῖν ὅσα χρὴ ἀντιναυπηγῆσαι, καὶ πρὸς τὰς τῶν ἐπωτίδων αὐτοῖς παχύτητας, ὥπερ δὴ μάλιστα ἐβλαπτόμεθα, χειρῶν σιδηρῶν ἐπιβολαί, αἱ στήσουσι τὴν πάλιν ἀνάκρουσιν τῆς προσπεσούσης νεῶς, ἣν τὰ ἐπὶ τούτοις οἱ ἐπιβάται ὑπουργῶσιν. [4] ἐς τοῦτο γὰρ δὴ ἡναγκάσμεθα ὥστε πεζομαχεῖν ἀπὸ τῶν νεῶν, καὶ τὸ μήτε αὐτοὺς ἀνακρούεσθαι μήτ' ἐκείνους ἐὰν ὠφέλιμον φαίνεται, ἄλλως τε καὶ τῆς γῆς, πλὴν ὅσον ἂν ὁ πεζὸς ἡμῶν ἐπέχη, πολεμίας οὔσης.

Th.7.62 – As vantagens que vemos diante da estreiteza do porto contra a multidão de navios que estarão presentes e contra a aparelhagem dos inimigos nos conveses – que inicialmente nos prejudicaram – foram resolvidas por nós depois de discutido entre os pilotos, dadas as circunstâncias do momento. [2] De fato, muitos arqueiros e lanceiros, embarcarão, além de uma multidão que não deveríamos empregar em uma batalha naval porque prejudicariam a nossa habilidade por causa do peso nos navios, mas será conveniente na batalha terrestre que seremos forçados a travar a bordo dos navios. [3] Descobrimos tudo quanto foi preciso para contra-atacar com nossos navios e, sobretudo em razão da espessura dos esporões deles (precisamente o que mais nos prejudicou), providenciamos arpéus para ataques que os impedirão de recuar caso se lancem contra nós e os soldados a bordo se mostrarem úteis. [4] Fomos forçados a tal extremo de lutar uma batalha [semelhante a uma] terrestre nos navios e é evidente que não é vantajoso a nós recuar nem permitir que o inimigo realize tal manobra, especialmente sendo o litoral hostil, exceto a porção que a nossa infantaria ocupa.

Th.7.63- Ὅν χρη μεμνημένους διαμάχεσθαι ὅσον ἂν δύνησθε καὶ μὴ ἐξωθεῖσθαι ἐς αὐτήν, ἀλλὰ ξυμπεσοῦσης νηὶ νεῶς μὴ πρότερον ἀξιοῦν ἀπολύεσθαι ἢ τοὺς ἀπὸ τοῦ πολεμίου καταστρώματος ὀπλίτας ἀπαράξητε. [2] καὶ ταῦτα τοῖς ὀπλίταις οὐχ ἦσσαν τῶν ναυτῶν παρακελεύομαι, ὅσῳ τῶν ἄνωθεν μᾶλλον τὸ ἔργον τοῦτο· ὑπάρχει δ' ἡμῖν ἔτι νῦν γε τὰ πλείω τῷ πεζῷ ἐπικρατεῖν. [3] τοῖς δὲ ναύταις παραινῶ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ τῷδε καὶ δέομαι μὴ ἐκπεπληχθαί τι ταῖς ξυμφοραῖς ἄγαν, τήν τε παρασκευὴν ἀπὸ τῶν καταστρωμάτων βελτίω νῦν ἔχοντας καὶ τὰς ναῦς πλείους, ἐκείνην τε τὴν ἡδονὴν ἐνθυμεῖσθαι ὡς ἀξία ἐστὶ διασώσασθαι, οἱ τέως Ἀθηναῖοι νομιζόμενοι καὶ μὴ ὄντες ἡμῶν τῆς τε φωνῆς τῇ ἐπιστήμῃ καὶ τῶν τρόπων τῇ μιμήσει ἐθαυμάζεσθε κατὰ τὴν Ἑλλάδα, καὶ τῆς ἀρχῆς τῆς ἡμετέρας οὐκ ἔλασσαν κατὰ τὸ ὠφελεῖσθαι ἔς τε τὸ φοβερὸν τοῖς ὑπηκόοις καὶ τὸ μὴ ἀδικεῖσθαι πολὺ πλέον μετείχετε. [4] ὥστε κοινωνοὶ μόνοι ἐλευθέρως ἡμῖν τῆς ἀρχῆς ὄντες δικαίως [ἂν] αὐτήν νῦν μὴ καταπροδίδετε, καταφρονήσαντες δὲ Κορινθίων τε, οὓς πολλάκις νενικήκατε, καὶ Σικελιωτῶν, ὧν οὐδ' ἀντιστῆναι οὐδεὶς ἕως ἡκμαζε τὸ ναυτικὸν ἡμῖν ἡξίωσεν, ἀμύνασθε αὐτούς, καὶ δείξατε ὅτι καὶ μετ' ἀσθενείας καὶ ξυμφορῶν ἡ ὑμετέρα ἐπιστήμη κρείσσων ἐστὶν ἐτέρας εὐτυχούσης ῥώμης.

Th.7.63 – É preciso que vos lembreis disso tanto quando puderdes para combater com afinco e para que não sejais empurrados para o litoral, mas quando um navio abordar o outro, não deveis desatracar antes de haverdes varrido os hoplitas do convés do inimigo. [2] Eu exorto isso aos hoplitas não menos do que aos marinheiros, pois, principalmente àqueles que estão no convés compete essa tarefa, e, além disso, ainda somos superiores em muitos aspectos com a nossa infantaria. [3] Aos marinheiros eu exorto e, exatamente, também suplico, não se deixarem assustar por causa dos nossos desastres, uma vez que o equipamento que temos nos conveses é melhor e os navios mais numerosos, a pensarem - àqueles até agora considerados atenienses, mesmo não sendo, naquela satisfação digna de ser preservada, pois devido ao conhecimento do nosso idioma e da imitação dos nossos modos - que tendes sido admirados por toda a Hélade, e que tendes partilhado as vantagens do nosso império não menos do que nós no que concerne ao temor dos territórios a nós subjugados e no que concerne à proteção contra injustiças. [4] Vós, únicos parceiros do nosso império como homens livres, agora sede justos e não abri mão dessa satisfação, mas desprezando os coríntios, que houvestes vencido com frequência, e os siceliotas, nenhum dos quais, quando a nossa frota estava no auge, pensou se opor a nós, os afastai e mostrai que mesmo em meio à fraqueza e ao desastre a vossa habilidade é superior à força e à boa-sorte dos vossos oponentes.

Th.7.64- τούς τε Ἀθηναίους ὑμῶν πάλιν αὖ καὶ τάδε ὑπομιμνήσκω, ὅτι οὔτε ναῦς ἐν τοῖς νεωσοίοις ἄλλας ὁμοίας ταῖσδε οὔτε ὀπλιτῶν ἡλικίαν ὑπελίπετε, εἴ τε ξυμβήσεται τι ἄλλο ἢ τὸ κρατεῖν ὑμῖν, τούς τε ἐνθάδε πολεμίους εὐθὺς ἐπ' ἐκεῖνα πλευσομένους καὶ τοὺς ἐκεῖ ὑπολοίπους ἡμῶν ἀδυνάτους ἐσομένους τούς τε αὐτοῦ καὶ τοὺς ἐπελθόντας ἀμύνασθαι. καὶ οἱ μὲν ἂν ὑπὸ Συρακοσίοις εὐθὺς γίγνοισθε, οἷς αὐτοὶ ἴστε οἷα γνώμη ἐπήλθετε, οἱ δὲ ἐκεῖ ὑπὸ Λακεδαιμονίοις. [2] ὥστε ἐν ἐνὶ τῷδε ὑπὲρ ἀμφοτέρων ἀγῶνι καθεστῶτες καρτερήσατε, εἴπερ ποτέ, καὶ ἐνθυμεῖσθε καθ' ἐκάστους τε καὶ ξύμπαντες ὅτι οἱ ἐν ταῖς ναυσὶν ὑμῶν νῦν ἐσόμενοι καὶ πεζοὶ τοῖς Ἀθηναίοις εἰσὶ καὶ νῆες καὶ ἡ ὑπόλοιπος πόλις καὶ τὸ μέγα ὄνομα τῶν Ἀθηνῶν, περὶ ὧν, εἴ τίς τι ἕτερος ἐτέρου προφέρει ἢ ἐπιστήμη ἢ εὐψυχία, οὐκ ἂν ἐν ἄλλῳ μᾶλλον καιρῷ ἀποδειξάμενος αὐτός τε αὐτῷ ὠφέλιμος γένοιτο καὶ τοῖς ξύμπασιν σωτήριος.'

Th.7.64 – Aos atenienses entre vós. Quero eu lembrar-vos mais uma vez que não deixastes outros navios semelhantes a estes nas docas, nem hoplitas em idade militar na cidade. Se o resultado for outro que não a vossa vitória, os nossos inimigos daqui logo se dirigirão para Atenas e os atenienses que permanecem lá serão incapazes de expulsar e contra-atacar os invasores. Logo, vós que estais aqui, cairiam em poder dos siracusanos - sabeis claramente pelo qual motivo os atacastes – e os atenienses em Atenas cairiam em poder dos lacedemônios. [2] Como ambas as partes dependem desta única batalha naval, sede firmes e lembrai, cada um de vós, que, quando estiverdes a bordo dos vossos navios, sereis tanto a infantaria como os marinheiros dos atenienses e o que resta do grande nome da cidade de Atenas. Levando isso em conta, se algum de vos superais o outro em algo, seja em habilidade ou em coragem, não terá outra ocasião melhor para fazê-lo, contribuindo com a sua própria vantagem e com a salvação de todos.”

Th.7.69 - Καὶ οἱ μὲν τῶν Συρακοσίων στρατηγοὶ καὶ Γύλιππος τοιαῦτα καὶ αὐτοὶ τοῖς σφετέροις στρατιώταις παρακελεύσάμενοι ἀντεπλήρουν τὰς ναῦς εὐθύς ἐπειδὴ καὶ τοὺς Ἀθηναίους ἡσθάνοντο. [2] ὁ δὲ Νικίας ὑπὸ τῶν παρόντων ἐκπεπληγμένος καὶ ὀρῶν οἷος ὁ κίνδυνος καὶ ὡς ἐγγὺς ἦδη [ἦν], ἐπειδὴ καὶ ὅσον οὐκ ἔμελλον ἀνάγεσθαι, καὶ νομίσας, ὅπερ πάσχουσιν ἐν τοῖς μεγάλοις ἀγῶσι, πάντα τε ἔργῳ ἔτι σφίσιν ἐνδεᾶ εἶναι καὶ λόγῳ αὐτοῖς οὐπω ἱκανὰ εἰρῆσθαι, αὐθις τῶν τριηράρχων ἓνα ἕκαστον ἀνεκάλει, πατρόθεν τε ἐπονομάζων καὶ αὐτοὺς ὀνομαστὶ καὶ φυλὴν, ἀξιῶν τό τε καθ' ἑαυτόν, ᾧ ὑπῆρχε λαμπρότητός τι, μὴ προδιδόναι τινὰ καὶ τὰς πατρικὰς ἀρετάς, ὧν ἐπιφανεῖς ἦσαν οἱ πρόγονοι, μὴ ἀφανίζειν, πατρίδος τε τῆς ἐλευθερωτάτης ὑπομιμνήσκων καὶ τῆς ἐν αὐτῇ ἀνεπιτάκτου πᾶσιν ἐς τὴν δίαίταν ἐξουσίας, ἄλλα τε λέγων ὅσα ἐν τῷ τοιούτῳ ἦδη τοῦ καιροῦ ὄντες ἄνθρωποι οὐ πρὸς τὸ δοκεῖν τινὶ ἀρχαιολογεῖν φυλαζάμενοι εἵποιν ἄν, καὶ ὑπὲρ πάντων παραπλήσια ἔς τε γυναῖκας καὶ παῖδας καὶ θεοὺς πατρώους προφερόμενα, ἀλλ' ἐπὶ τῇ παρούσῃ ἐκπλήξει ὠφέλιμα νομίζοντες ἐπιβοῶνται. [3] Καὶ ὁ μὲν οὐχ ἱκανὰ μᾶλλον ἢ καὶ ἀναγκαῖα νομίσας παρηγήσθαι, ἀποχωρήσας ἤγε τὸν πεζὸν πρὸς τὴν θάλασσαν καὶ παρέταξεν ὡς ἐπὶ πλεῖστον ἐδύνατο, ὅπως ὅτι μεγίστη τοῖς ἐν ταῖς ναυσὶν ὠφελία ἐς τὸ θαρσεῖν γίγνοιτο. [4] ὁ δὲ Δημοσθένης καὶ Μένανδρος καὶ Εὐθύδημος (οὗτοι γὰρ ἐπὶ τὰς ναῦς τῶν Ἀθηναίων στρατηγοὶ ἐπέβησαν) ἄραντες ἀπὸ τοῦ ἑαυτῶν στρατοπέδου εὐθύς ἔπλεον πρὸς τὸ ζευγμα τοῦ λιμένος καὶ τὸν παραλειφθέντα διέκπλουν, βουλόμενοι βιάσασθαι ἐς τὸ ἔξω.

Th.7.69 – Gilipo e os generais siracusanos também, depois de exortarem os seus soldados e quando perceberam que os atenienses faziam o mesmo, equiparam os navios imediatamente. [2] Por sua vez, Nícias, abatido pela situação e vendo tamanho perigo que agora já era iminente, quando estava a ponto de zarpar e pensando como costuma ocorrer durante as grandes batalhas, que tudo o que fizera por eles ainda estava incompleto e que o que falaram os generais não fora o suficiente, chamava novamente em voz alta cada um dos trierarcas, chamando-os pelo nome do pai, seus próprios nomes e pelo de sua tribo, impelindo cada um que, se tivessem alcançado alguma glória, não traissem as virtudes paternas; se tivessem ancestrais ilustres, não diminuíssem o seu renome; ele também os lembrou da pátria, a mais livre de todas, e da liberdade irrestrita de todos no seu estilo de vida. Então dizia todas as outras coisas que os homens falaria na ocasião em que não evitassem de expressar algo que parecesse ser antiquado, como algo a respeito às esposas, aos filhos e aos deuses pátrios, mas no assombro do momento dizendo em voz alta aquilo que acredita ser útil. [3] Depois de considerar que os havia exortado não o suficiente, mas apenas o necessário, se retirou e guiou a infantaria perfilada em direção ao mar de modo a cobrir a maior área possível, para que incutisse grande

audácia àqueles nos navios. [4] Demóstenes, Menandro e Eutidemo – generais dos navios atenienses – levantaram os seus acampamentos e, com o intuito de forçar a saída, logo navegaram para a barreira do porto em direção ao espaço que havia ficado vazio, a fim de forçar a passagem em direção ao mar.

Hornblower (2008, p. 673) afirma que o foco nos discursos de Nícias no livro 7 é “quase exclusivo” quando se trata das personagens atenienses. O autor aponta para o fato de que o último discurso no direto livro 6 (Th.6.89-92) é o de Alcibíades. Após a carta de Nícias, no início do livro 7, que é apresentada de modo a se assemelhar a um discurso direto, Tucídides desenvolve apenas focalizações indiretas. No momento que antecede a batalha que culminaria na derrota ateniense, ou seja, o momento decisivo no livro 7 que começaria a consolidar a reversão temática, Tucídides inclui dois discursos de Nícias – (o discurso exortativo mais longo de toda a obra – Th.7.61-64 e outro indireto após a exortação - Th.7.69), além de um discurso direto do general siracusano Th.7.66-68, Gilipo. Pode-se notar aqui como o narrador primário faz uso dos discursos diretos dos narradores secundários para enfatizar a reversão temática que culmina na sua derrocada da expedição ateniense. Neste ponto, é interessante enfatizar que a argumentação de Nícias demonstra a reversão quando chega ao ponto de exortar aos seus concidadãos na Sicília em seu discurso no trecho 7.64 “[...] sede firmes e lembrai, cada um de vós, que, quando estiverdes a bordo dos vossos navios, sereis tanto a infantaria como os marinheiros dos atenienses e o que resta do grande nome da cidade de Atenas.”

O narrador primário insere, após os dois discursos exortativos, o longo relato da última batalha (Th.7.70-72) que culminaria na derrota final da frota ateniense. Trata-se do relato, até então, mais detalhado nos livros 6 e 7 no que diz respeito à um combate e termina com a ênfase no sofrimento dos atenienses em campo de batalha. O narrador primário evidencia a derrota ateniense como até então não houvera feito, uma vez que à medida em que o relato dos livros 6 e 7 vai chegando à conclusão, o narrador primário passa a demonstrar mais claramente a reversão tanto na sua focalização primária como na focalização secundária de Nícias. Eis o parágrafo Th.7.72, no qual Tucídides evidencia a consternação ateniense após a derrota:

Γενομένης δ' ἰσχυρᾶς τῆς ναυμαχίας καὶ πολλῶν νεῶν ἀμφοτέροις καὶ ἀνθρώπων ἀπολομένων οἱ Συρακόσιοι καὶ οἱ ξύμμαχοι ἐπικρατήσαντες τὰ τε ναύαγια καὶ τοὺς νεκροὺς ἀνείλοντο, καὶ ἀποπλεύσαντες πρὸς τὴν πόλιν τροπαῖον ἔστησαν, οἱ δ' Ἀθηναῖοι ὑπὸ μεγέθους τῶν παρόντων κακῶν νεκρῶν μὲν πέρι ἢ ναυαγίων οὐδὲ ἐπενόουν αἰτῆσαι ἀναίρεσιν, τῆς δὲ νυκτὸς ἐβουλεύοντο εὐθὺς ἀναχωρεῖν. Δημοσθένης δὲ Νικία προσελθὼν γνώμην ἐποιεῖτο πληρώσαντας ἔτι τὰς λοιπὰς τῶν νεῶν βιάσασθαι, ἣν δύνωνται, ἅμα ἔφ' τὸν ἔκπλουν, λέγων ὅτι πλείους ἔτι αἱ λοιπαὶ εἰσι νῆες χρήσιμαί σφίσι καὶ τοῖς πολεμίοις· ἦσαν γὰρ τοῖς μὲν Ἀθηναίοις περίλοιποι ὥς ἑξήκοντα, τοῖς δ' ἐναντίοις ἑλάσσους ἢ πενήκοντα. καὶ ξυγχωροῦντος Νικίου τῇ γνώμῃ καὶ βουλομένων πληροῦν αὐτῶν οἱ ναῦται οὐκ ἤθελον ἐσβαίνειν διὰ τὸ καταπεπληχθᾶν τε τῇ ἡσση καὶ μὴ ἂν ἔτι οἶσθαι κρατῆσαι.

Após uma vigorosa batalha naval e muitas perdas de navios e homens para ambos os lados, os siracusanos e os seus aliados foram vitoriosos. Recolheram os seus destroços e os corpos dos seus soldados, depois retornaram para a cidade e ergueram um troféu. Os atenienses, por sua vez, estavam tão afetados pela extensão da calamidade sofrida que não pensaram em pedir permissão para recolher os corpos e os destroços, mas decidiram partir imediatamente. Demóstenes, no entanto, se dirigiu a Nícias e propôs

que tripulassem o restante dos navios para que forçassem a sua fuga por mar, se pudessem, durante o amanhecer, afirmando que a quantidade de navios restante em bom estado era maior para eles do que para os inimigos, pois aos atenienses restavam cerca de 60 navios e aos inimigos menos de 50. Nícias concordou com a opinião e desejou tripular os navios, mas os marinheiros se recusaram a embarcar pois estavam prostrados pela derrota e por acreditarem que não teriam chance de vitória.

O trecho em que o narrador justifica o motivo da recusa dos marinheiros em embarcar para iniciar uma nova tentativa de fuga por mar, em Th.7.72, resume o ápice da reversão no que tange a motivação da armada (“[...] mas os marinheiros se recusaram a embarcar, pois estavam prostrados pela derrota e por acreditarem que não teriam chance de vitória”). Uma frota que partiu gloriosamente e acreditando que o único desfecho possível seria a vitória, se tornou uma tropa terrestre em fuga em pleno território inimigo.

O discurso indireto de Nícias em Th.7.69, no qual buscava usar argumentos baseados no passado glorioso e na manutenção na honra dos ancestrais, se choca diretamente com a derrota avassaladora sofrida pelos atenienses relatada pelo narrador primário. Rood (1998, p. 193), explica que, na medida em que a narrativa primária de Tucídides da destruição da força ateniense chega ao fim, a focalização direta em Nícias (Th.7.63.3-4) é responsável pelo aumento do fator emocional ao reproduzir o tom e o conteúdo do elogio de Péricles em que este havia chamado a vida em Atenas de prazerosa, havia discutido o modo de vida dos atenienses e afirmado que a cidade era digna de ser admirada (Th.2.37). Ao fazer os estrangeiros na frota partilharem tal concepção, Nícias tenta tornar a força homogênea - uma imagem irreal de Atenas no contexto da narrativa siciliana. Em seu discurso indireto aos aliados na frota, antes da batalha final, Nícias evoca as concepções do discurso fúnebre de Péricles em que este celebra o grande nome de Atenas e também avisa que “tudo deve diminuir” (Th.2.64.3), a semelhança com o discurso de Péricles construída no discurso de Nícias enfatiza a derrocada de Atenas e a reversão do contexto indicado pelo narrador primário: Péricles era um líder eficiente de uma cidade próspera, enquanto Nícias, era representante dos líderes inferiores de uma cidade fragilizada pela onerosidade de gastos, pela morte de cidadãos em guerras constantes e pela tragédia anunciada que seria a iminente derrota do exército na Sicília. O trecho Th.7.63 exemplifica isso:

[...] Aos marinheiros eu exorto e, exatamente, também suplico, não se deixarem assustar por causa dos nossos desastres, uma vez que o equipamento que temos nos conveses é melhor e os navios mais numerosos, a pensarem - àqueles até agora considerados atenienses, mesmo não sendo, naquela satisfação digna de ser preservada, pois devido ao conhecimento do nosso idioma e da imitação dos nossos modos - que tendes sido admirados por toda a Hélade, e que tendes partilhado as vantagens do nosso império não menos do que nós no que concerne ao temor dos territórios a nós subjugados e no que concerne à proteção contra injustiças. Vós, únicos parceiros do nosso império como homens livres, agora sede justos e não abri

mão dessa satisfação, mas desprezando os coríntios, que houvestes vencido com frequência, e os siceliotas, nenhum dos quais, quando a nossa frota estava no auge, pensou se opor a nós, os afastai e mostrai que mesmo em meio à fraqueza e ao desastre a vossa habilidade é superior à força e à boa-sorte dos vossos oponentes.

O discurso indireto de Nícias em Th.7.69, para Rood (1998, p. 193), apresenta os mesmos ecos de Péricles e o sentido de perda e reversão sentido na derrota próxima de Atenas se intensifica quando Nícias começa o seu encorajamento:

[...] Contudo, Nícias, abatido pela situação e vendo tamanho perigo que agora já era iminente, quando estava a ponto de zarpar e pensando como costuma ocorrer durante as grandes batalhas, que tudo o que fizera por eles ainda estava incompleto e que o que falaram pelos generais não foi o suficiente, chamava novamente em voz alta cada um dos trierarcas, chamando-os pelo nome do pai, seus próprios nomes e pelo de sua tribo, impelindo cada um que, se tivessem alcançado alguma glória, não traissem as virtudes paternas; se tivessem ancestrais ilustres, não diminuíssem o seu renome; ele também os lembrou da pátria, a mais livre de todas, e da liberdade irrestrita de todos no seu estilo de vida, mas então dizia aquilo que os homens fariam na ocasião em que não evitassem de expressar algo que parecesse ser antiquado, como algo a respeito às esposas, aos filhos e aos deuses pátrios, mas no assombro do momento dizendo em voz alta aquilo que acredita ser útil. Depois de considerar que os havia exortado não o suficiente, mas apenas o necessário, se retirou e guiou a infantaria perfilada em direção ao mar de modo a cobrir a maior área possível, para que incutisse grande audácia àqueles nos navios. Demóstenes, Menandro e Eutidemo – generais dos navios atenienses – levantaram os seus acampamentos e, com o intuito de forçar a saída, logo navegaram para a barreira do porto em direção ao espaço que havia ficado vazio, a fim de forçar a passagem em direção ao mar. [...]

Rood (1998, p.196-197) explica que a percepção da conclusão iminente continua quando o narrador primário externo descreve a resposta dos atenienses em Atenas no início do livro 8 em que muitos detalhes são exatamente os previstos em Th.7.64 com semelhanças em relação ao discurso direto de Nícias (“Aos atenienses entre vós quero lembrar mais uma vez que não deixastes outros navios nas docas semelhantes a estas, nem hoplitas em idade militar na cidade [...]). A resposta dos atenienses na *pólis* foi a seguinte:

Ἐς δὲ τὰς Ἀθήνας ἐπειδὴ ἡγγέλθη, ἐπὶ πολὺ μὲν ἠπίσταντο καὶ τοῖς πάντι τῶν στρατιωτῶν ἐξ αὐτοῦ τοῦ ἔργου διαπεφευγόσι καὶ σαφῶς ἀγγέλλουσι, μὴ οὕτω γε ἄγαν πανσυνδὶ διεφθάρθαι: ἐπειδὴ δὲ ἔγνωσαν, χαλεποὶ μὲν ἦσαν τοῖς ξυμπροθυμηθεῖσι τῶν ῥητόρων τὸν ἔκπλουν, ὥσπερ οὐκ αὐτοὶ ψηφισάμενοι, ὠργίζοντο δὲ καὶ τοῖς χρησμολόγοις τε καὶ μάντεσι καὶ ὁπόσοι τι τότε αὐτοὺς θειάσαντες ἐπήλπισαν ὡς λήγονται Σικελίαν. πάντα δὲ πανταχόθεν αὐτοὺς ἐλύπει τε καὶ περιεστήκει ἐπὶ τῷ γεγεννημένῳ φόβῳ τε καὶ κατάπληξιν μεγίστην δὴ. ἅμα μὲν γὰρ στερόμενοι καὶ ἰδίᾳ ἕκαστος καὶ ἡ πόλις ὀπλιτῶν τε πολλῶν καὶ ἱππέων καὶ ἡλικίας οἷαν οὐχ ἑτέραν ἐώρων ὑπάρχουσαν ἐβαρύνοντο: ἅμα δὲ ναῦς οὐχ ὁρῶντες ἐν τοῖς νεωσοῖκοις ἱκανὰς οὐδὲ χρήματα ἐν τῷ κοινῷ οὐδ' ὑπηρεσίας ταῖς ναυσὶν ἀνέλπιστοι ἦσαν ἐν τῷ παρόντι σωθῆσεσθαι, τοὺς τε ἀπὸ τῆς Σικελίας πολέμιους εὐθὺς σφίσιν ἐνόμιζον τῷ ναυτικῷ ἐπὶ τὸν Πειραιᾶ πλευσεῖσθαι, ἄλλως τε καὶ τοσοῦτον κρατήσαντας, καὶ τοὺς αὐτόθεν πολέμιους τότε δὴ καὶ διπλασίως πάντα παρεσκευασμένους κατὰ κράτος ἤδη καὶ ἐκ γῆς καὶ ἐκ θαλάσσης ἐπικεῖσεσθαι, καὶ τοὺς ξυμμάχους σφῶν μετ' αὐτῶν ἀποστάντας.[...] – (Th.8.1-2)

Quando a notícia chegou a Atenas, por muito tempo se recusaram a crer nos soldados que haviam fugido do cenário de guerra e que relatavam os fatos claramente, pois uma destruição tão completa não era crível. Entretanto, uma vez convencidos, se revoltaram contra os oradores que os encorajaram a lançar a expedição – como se eles próprios não tivessem votado a questão – e também com os decifradores de oráculos, com os adivinhos e com quantos tivessem profetizado a eles alguma falsa esperança quando enviaram a expedição à Sicília. Tudo, por toda parte, os afligia, o medo os cercava ante o acontecimento e grande era a consternação. Ao mesmo tempo haviam perdido, cada homem em âmbito particular, assim como a cidade, muitos hoplitas, cavaleiros e tropas jovens, não vendo outra força como aquela para a substituir, e, por isso, estavam angustiados. Também não viam navios suficientes em seus estaleiros, nem dinheiro no tesouro comum, nem tripulação para os navios e, por isso, naquele momento, estavam sem garantia de segurança. Eles acreditavam que os inimigos na Sicília os atacariam com a frota contra o Pireu, especialmente depois de obterem tamanha vitória, e que os inimigos na Ática, neste momento, agora duplamente equipados, atacariam com vigor por terra e por mar, e que os seus próprios aliados desertariam para o lado inimigo. [...] – (Th.8.1-2)

3.2.4. Th.7.76-77

Os atenienses, extremamente abatidos após a derrota na batalha (Th.7.69-71), se recusaram a tentar fugir com os navios que lhes restavam e, por causa disso, partiram por terra a fim de se retirarem de Siracusa. Em seu último discurso exortativo, Nícias apela para a esperança de que os deuses se apiedarão da sua situação e exorta aos atenienses que restaurem o grande nome de Atenas, que agora é uma cidade fragilizada.

Th.7.76- Ὅρων δὲ ὁ Νικίας τὸ στράτευμα ἄθυμοῦν καὶ ἐν μεγάλῃ μεταβολῇ ὄν, ἐπιπαριῶν ὥς ἐκ τῶν ὑπαρχόντων ἐθάρσυνέ τε καὶ παρεμυθεῖτο, βοῇ τε χρώμενος ἔτι μᾶλλον ἐκάστοις καθ' οὓς γίγνοιτο ὑπὸ προθυμίας καὶ βουλόμενος ὥς ἐπὶ πλεῖστον γεγωνίσκων ὠφελεῖν τι.

Th.7.76 – Nícias, vendo as tropas abatidas e em grande consternação, avançava por entre as fileiras encorajando e exortando os soldados tanto quanto possível na circunstância, gritando ainda mais por causa do seu ardor, conforme se aproximava de cada uma das fileiras e, desejando que a sua voz tivesse o maior alcance possível a fim de oferecer alguma ajuda.

Th.7.77- 'Καὶ ἐκ τῶν παρόντων, ὃ Ἀθηναῖοι καὶ ξύμμαχοι, ἐλπίδα χρὴ ἔχειν (ἤδη τινὲς καὶ ἐκ δεινότερων ἢ τοιῶνδε ἐσώθησαν), μὴδὲ καταμέμφεσθαι ὑμᾶς ἄγαν αὐτοὺς μήτε ταῖς ξυμφοραῖς μήτε ταῖς παρὰ τὴν ἀξίαν νῦν κακοπαθίαις. [2] καὶ γὰρ τοι οὐδενὸς ὑμῶν οὔτε ῥώμῃ προφέρων (ἀλλ' ὁρᾶτε δὴ ὡς διάκειμαι ὑπὸ τῆς νόσου) οὔτ' εὐτυχία δοκῶν που ὕστερός του εἶναι κατὰ τὸν ἴδιον βίον καὶ ἐς τὰ ἄλλα, νῦν ἐν τῷ αὐτῷ κινδύνῳ τοῖς φαυλοτάτοις αἰωροῦμαι· καίτοι πολλὰ μὲν ἐς θεοὺς νόμιμα δεδιήτημαι, πολλὰ δὲ ἐς ἀνθρώπους δίκαια καὶ ἀνεπίφθονα. [3] ἀνθ' ὧν ἡ μὲν ἐλπίς ὁμῶς θρασεῖα τοῦ μέλλοντος, αἱ δὲ ξυμφοραὶ οὐ κατ' ἀξίαν δὴ φοβοῦσιν. τάχα δὲ ἂν καὶ λωφῆσειαν· ἱκανὰ γὰρ τοῖς τε πολεμίοις ἡτύχηται, καὶ εἴ τῳ θεῶν ἐπίφθονοι ἐστρατεύσαμεν, ἀποχρώντως ἤδη τετιμωρήμεθα.[4] ἤλθον γὰρ που καὶ ἄλλοι τινὲς ἤδη ἐφ' ἐτέρους, καὶ ἀνθρώπεια δράσαντες ἀνεκτὰ ἔπαθον. καὶ ἡμᾶς εἰκὸς νῦν τὰ τε ἀπὸ τοῦ θεοῦ ἐλπίζειν ἡπιώτερα ἔξειν (οἴκτου γὰρ ἀπ' αὐτῶν ἀξιώτεροι ἤδη ἐσμέν ἢ φθόνου), καὶ ὁρῶντες ὑμᾶς αὐτοὺς οἷοι ὀπλῖται ἅμα καὶ ὅσοι ξυντεταγμένοι χωρεῖτε μὴ καταπέπληχθε ἄγαν, λογίζεσθε δὲ ὅτι αὐτοὶ τε πόλις εὐθύς ἐστε ὅποι ἂν καθέζησθε καὶ ἄλλη οὐδεμία ὑμᾶς τῶν ἐν Σικελίᾳ οὔτ' ἂν ἐπιόντας δέξαιτο ῥαδίως οὔτ' ἂν ἰδρυθέντας που ἐξαναστήσειεν. [5] τὴν δὲ πορείαν ὥστ' ἀσφαλῆ καὶ εὐτακτον εἶναι αὐτοὶ φυλάξατε, μὴ ἄλλο τι ἡγησάμενος ἕκαστος ἢ ἐν ᾧ ἂν ἀναγκασθῇ χωρίῳ μάχεσθαι, τοῦτο καὶ πατρίδα καὶ τεῖχος κρατήσας ἔξειν. [6] σπουδὴ δὲ ὁμοίως καὶ νύκτα καὶ ἡμέραν ἔσται τῆς ὁδοῦ· τὰ γὰρ ἐπιτήδεια βραχέα ἔχομεν, καὶ ἦν ἀντιλαβώμεθά του φιλίου χωρίου τῶν Σικελῶν (οὔτοι γὰρ ἡμῖν διὰ τὸ Συρακοσίῳν δέος ἔτι βέβαιοι εἰσίν), ἤδη νομίζετε ἐν τῷ ἐχυρῷ εἶναι. προπέπεμπται δ' ὡς αὐτούς, καὶ ἀπαντὰν εἰρημένον καὶ σιτία ἄλλα κομίζειν. [7] 'Τό τε ξύμπαν γινώτε, ὃ ἄνδρες στρατιῶται, ἀναγκαῖόν τε ὃν ὑμῖν ἀνδράσιν ἀγαθοῖς γίνεσθαι ὡς μὴ ὄντος χωρίου ἐγγὺς ὅποι ἂν μαλακισθέντες σωθείητε καί, ἦν νῦν διαφύγητε τοὺς πολεμίους, οἳ τε ἄλλοι τευξόμενοι ὧν ἐπιθυμεῖτε που ἐπιδεῖν καὶ οἱ Ἀθηναῖοι τὴν μεγάλῃν δύναμιν τῆς πόλεως καίπερ πεπτωκυῖαν ἐπανορθώσοντες· ἄνδρες γὰρ πόλις, καὶ οὐ τεῖχη οὐδὲ νῆες ἀνδρῶν κεναί.'

Th.7.77 – “Atenienses e aliados, mesmo nas presentes condições, é necessário ter esperança (alguns homens já foram salvos em situações piores que esta) e não se culpar em demasia nem pelos desastres, nem pelos sofrimentos de agora, imerecidos. [2] Eu próprio, que não supero nenhum de vós em vigor (mas vedes como soffro por causa da minha doença) nem pareço ser inferior em boa fortuna no que diz respeito à minha vida particular e ao resto, agora estou exposto ao mesmo perigo que os mais inferiores [entre vós]. Embora, tenha passado a minha vida oferecendo culto devido aos deuses e, aos homens, ações justas e irrepreensíveis. [3] Contrária à essa situação, minha esperança no futuro permanece confiante e os nossos desastres não me assustam mais do que deveriam; talvez se tornem mais suportáveis, pois os

nossos inimigos já tiveram boa fortuna o suficiente, e se nos tornamos invejados pelos deuses por termos feito uma expedição, já fomos punidos o bastante. [4] Alguns homens atacaram os seus rivais e, após agirem como é próprio da natureza humana, sofreram o que lhes é tolerável. Agora é razoável que espereis obter dos deuses situações mais favoráveis, pois neste momento somos mais dignos de lamento do que de inveja. Vendo a si mesmos, que qualidade de hoplitas sois e a quantidade disposta em fileira ao marcharem, não temais em demasia, mas refleti que vós mesmos serão de imediato uma cidade onde vos assentardes e que nenhuma outra cidade da Sicília resistiria a um ataque vosso, nem vos expulsaria após assentados. [5] Deveis cuidar da marcha para que ela seja confiante e ordenada, e que cada um de vós tenha apenas em mente que o local onde for forçado a lutar, depois de o conquistares, será tanto a vossa pátria como a vossa fortaleza. [6] A rapidez da marcha deverá ser a mesma de dia e de noite, pois temos pouco mantimento; se conseguirmos alcançar o território aliado entre os sículos, que devido ao temor contra os siracusanos permanecem nossos aliados confiáveis, então, podeis crer que estais em segurança. Uma mensagem foi enviada com antecedência a eles dizendo para nos encontrar e fornecer novo mantimento. [7] Sabei tudo, soldados atenienses: é necessário tornar-vos homens valentes, pois, se fordes covardes, não há território próximo onde podeis vos refugiar; se agora escapardes ao inimigo, os restantes de vós obtereis aquilo que desejais ver e os atenienses restaurarão o grande poder da cidade ainda que abatido. Em verdade, são os homens que formam uma cidade, não muralhas nem navios desprovidos de homens.”

No final do parágrafo Th.7.75, antes do último discurso direto de Nícias no livro 7, na exortação durante a retirada por terra, o narrador primário introduz no relato o ânimo do acampamento ateniense:

[...] μέγιστον γὰρ δὴ τὸ διάφορον τοῦτο [τῷ] Ἑλληνικῷ στρατεύματι ἐγένετο, οἷς ἀντὶ μὲν τοῦ ἄλλους δουλωσομένους ἦκειν αὐτοὺς τοῦτο μᾶλλον δεδιότας μὴ πάθωσι ξυνέβη ἀπιέναι, ἀντὶ δ' εὐχῆς τε καὶ παιάνων, μεθ' ὧν ἐξέπλεον, πάλιν τούτων τοῖς ἐναντίοις ἐπιφημίσμασιν ἀφορμασθαι, πεζοὺς τε ἀντὶ ναυβατῶν πορευομένους καὶ ὀπλιτικῷ προσέχοντας μᾶλλον ἢ ναυτικῷ. ὅμως δὲ ὑπὸ μεγέθους τοῦ ἐπικρεμαμένου ἔτι κινδύνου πάντα ταῦτα αὐτοῖς οἷστὰ ἐφαίνετο.

[...] Este foi, de fato, o maior revés que já ocorreu a um exército helênico, que, em vez de escravizar os outros, agora se retirava temeroso de lhe acontecer o mesmo; e, em vez de preces e peãs, em meio dos quais havia partido, agora se retirava entre imprecações; partia como infantaria em vez de marinheiros e confiava mais em hoplitas do que em homens do mar. E, no entanto, por causa da vastidão dos perigos que pendia sobre eles, tudo isso lhe parecia suportável.

Em Th.7.77, a focalização secundária de Nícias ajusta-se diretamente com a focalização do narrador primário, uma vez que o general, ciente do desânimo da tropa, exorta os soldados a ter esperança no futuro e na boa vontade dos deuses por considerar que esses já os castigaram o suficiente. Tal discurso não seria convincente a fugitivos assolados pelas condições citadas no trecho acima. Contudo, o mais importante no discurso de Nícias é o fato de estar inserido durante a fuga que se encerra em Th.7.85, momento em que o narrador relata que o exército ateniense, em sua totalidade, sucumbiu diante do inimigo. A argumentação de Nícias e o seu tom desenganado no discurso, tal como inserido por Tucídides, enfatiza o sentido trágico da reversão usado pelo narrador primário no relato da fuga e aprisionamento do exército ateniense.

Nesta última exortação, Nícias faz o inverso do que fizera no primeira do livro 6 (Th.6.68) e profere palavras baseadas no acaso diante de um exército com o moral baixo após tantas derrotas inesperadas.

Hornblower (2008, p. 716) afirma nos seus comentários sobre o discurso em questão no livro 7: “Os primeiros quatro parágrafos têm caráter semiteológico. Não é fácil, mesmo após tentar adotar uma mentalidade religiosa da Grécia clássica, imaginar-se sendo realmente encorajado por eles”.

Nícias, na primeira exortação militar que ocorre no livro 6, argumenta com base concreta no poderio militar:

[...] O nosso armamento me parece ser mais adequado para dar confiança do que discursos eloquentemente proclamados junto a um exército fraco. Aqui estamos nós, argivos, mantineus, atenienses e os melhores entre os habitantes das ilhas. Como não nutrir, entre tantos aliados deste tipo, uma grande esperança de vitória, ainda mais contra homens que atacam em massa e que não são tropas escolhidas como as nossas,

e, ainda, contra os siceliotas, que nos desprezam, mas não resistem aos nossos ataques porque têm a habilidade inferior à ousadia? [...] (Th. 6.68)

Nas últimas exortações do livro 7 (Th.7.77) Nícias faz uso de meios de persuasão mais abstratos tal como o grande nome da cidade de Atenas e a possível mudança da sorte para tentar incutir confiança aos soldados abatidos após tantas derrotas. Abaixo citamos um exemplo dessa passagem:

[...] Contrária à essa situação, minha esperança no futuro permanece confiante e os nossos desastres não me assustam mais do que deveriam; talvez se tornem mais suportáveis, pois os nossos inimigos já tiveram boa fortuna o suficiente, e se nos tornamos invejados pelos deuses por termos feito uma expedição, já fomos punidos o bastante. Alguns homens atacaram os seus rivais e, após agirem como é próprio da natureza humana, sofreram o que lhes é tolerável. Agora é razoável que espereis obter dos deuses situações mais favoráveis, pois neste momento somos mais dignos de lamento do que de inveja. [...]. (Th.7.77)

O último discurso de Nícias no relato siciliano fecha o ciclo dos livros 6 e 7 porque traz um tema debatido pelo general em seus primeiros discursos apresentados no relato siciliano, por ocasião da assembleia que decidiria os preparativos da expedição: o acaso (*týche*).

A última exortação militar é crucial para concluir a reversão do poderio ateniense na Sicília, pois, no segundo discurso do livro 6, Nícias afirma que não deveria contar com a sorte, mas com a força de um exército adequado (“[...] Por temer tal resultado [a possibilidade de derrota] e por saber que devemos deliberar bem, e ainda por cima ter muito boa sorte – [...] – desejo partir o menos possível dependente do acaso, mas com preparativos seguros de modo razoável. [...] -Th.6.23), e no último discurso do livro 7 afirma que deve contar com o acaso.

4. CONCLUSÃO

A caracterização da personagem Nícias nos livros 6 e 7 enfatiza o medo que a opinião pública lhe inspirava e efeito paralisador (apontado como inação por parte dos seus rivais políticos, entre eles Alcibíades) como característica constante em sua forma atuação diante da assembleia e diante das tropas atenienses. A análise textual à luz dos conceitos narratológicos ao nível da narrativa e focalização permite compreender a dinâmica elaborada entre narrador primário e o narrador secundário na figura do general ateniense.

Rood (1998, p. 184-185), a focalização em Nícias no livro 6 ilustra seu julgamento lúcido em meio a um público hostil na assembleia e a sua inabilidade de comunicá-lo aos outros. Todavia, o foco pessoal se intensifica no livro 7, pois, a partir da carta enviada a Atenas, a focalização é destacada em relação às outras personagens da narrativa. Tanto antes como após a chegada de Demóstenes, é a focalização de Nícias acerca do desespero dos atenienses, transmitido por meio dos seus pensamentos, da carta que escreve aos atenienses em casa e dos discursos que faz antes e após a derrota decisiva de Atenas, que complementa a descrição narrativa das causas do desespero deles.

No livro 6, Nícias é apresentado, de acordo com o modo como o narrador primário insere a sua focalização secundária, como um general cujo medo diante opinião pública e o desejo de manter a sua boa reputação interferem tanto na sua ação em território inimigo como na sua capacidade como orador, o que causa mais prejuízos do que benefícios para a cidade de Atenas. Ao tentar, desde seu primeiro discurso no livro 6, dissuadir a assembleia em relação ao envio da expedição, o que ele obtém é o efeito contrário e ainda oferece argumentos para o seu rival Alcibíades reforçar a ideia de que a expedição seria factível e apropriada. Quando Nícias busca outra forma de abordagem diante da audiência ávida em navegar, forma essa que tem por objetivo assustar devido à quantidade de preparativos e gastos necessários, a sua tentativa se mostra falha e onera ainda mais as perdas civis e financeiras que a cidade sofreria.

Enquanto o seu primeiro discurso exortativo do livro 6 (Th.6.68) insinua de modo sutil a futura derrota do exército ateniense na Sicília, no livro 7, a sua focalização e as suas ações demonstram como estas mesmas características da personagem são o meio pela qual o narrador primário apresenta e enfatiza a reversão temática. Os argumentos de Nícias são constantemente endossados pelo narrador primário e vice-versa, o que torna a sua caracterização ainda mais importante. O narrador primário caracterizou Nícias por meio da sua focalização constante e enfatizou a sua inação na Sicília nos livros 6 e 7 (já previamente indicada desde o livro 5 pelo narrador primário). A focalização predominante, principalmente a partir do livro 7, garante a

atenção na reversão que está presente de modo sutil no último discurso de Nícias no livro 6. No livro 7, o medo diante dos seus concidadãos continua a ser predominante na sua caracterização, o que se torna ainda mais prejudicial a Atenas e aos atenienses.

A personagem Nícias representa a voz ao mesmo tempo lúcida e incapaz de expressar as suas ideias diante dos seus concidadãos. O adjetivo lúcida, de alguma forma ressalta, um ponto contrastante na caracterização da personagem, pois à lucidez do general ateniense faltava a capacidade de usar e expressar adequadamente às pessoas ao seu redor. A sua lucidez de nada lhe valeu uma vez somada à sua atitude de inação por medo da opinião pública.

No contexto da assembleia do livro 6 e do seu discurso exortativo a integridade da cidade e dos cidadãos ainda não estava ameaçada, enquanto no livro 7 ocorre o contrário. O general ateniense poderia ter ordenado a retirada do exército ou deixado claro em Atenas por meio da carta e de outras mensagens a derrota iminente, mas preferiu não usar sua plenipotência garantida em assembleia, onerando ainda mais a cidade em termos financeiros e sociais ao indicar falsa possibilidade de vitória e pedir reforços na carta em vez de dizer claramente que não havia mais como vencer. A inação de Nícias causada pelo temor da reação dos atenienses faz com que o general não seja franco ao dizer qual a era situação das tropas no livro 7, o que prejudica, além da integridade do exército, a própria cidade de Atenas. O general ateniense que avisara nos seus primeiros discursos do livro 6 sobre a necessidade de não onerar a cidade no momento em que ela estava se reestabelecendo da praga e de uma guerra em Th.6.12, torna-se o causador dos problemas que ele buscava evitar desde o princípio da narrativa.

Para Rood (2016, p. 167-168), a caracterização de Nícias serviu como um fio condutor para indicar a mudança da sorte ateniense e futura derrota indicada pela prolepse em Th.2.65. A retórica e a construção do personagem Nícias nos livros 6 e 7 transmite aos leitores o sentido de perda e de reversão, uma vez que a semelhança entre narrador primário externo e narrador secundário interno, com a validação da narrativa primária pelo personagem Nícias, visa reforçar essa mensagem. O espelhamento entre Nícias como narrador secundário e Tucídides como narrador primário serve como reforço do foco narrativo de Tucídides ao narrar como a deterioração da política ateniense propiciou a derrota na Sicília e o enfraquecimento da própria cidade de Atenas.

A discussão apresentada na análise dos discursos de Nícias leva a crer que a construção desta personagem e da sua inserção como narrador secundário em diversos momentos importantes na obra de Tucídides têm a função de auxiliar e proporcionar a sequência lógica do relato do narrador.

A medida em que a retórica de Nícias se mostra falha e causa danos à expedição e à cidade, a balança do poder vai pendendo de Atenas para Siracusa. A medida em que Nícias falha, o narrador primário indica o enfraquecimento de Atenas por meio da focalização no general ateniense, indicação que culmina em seu último discurso do livro 7 (Th.7.77), após a destruição da grande frota e da derrota do exército, que se baseia em argumentos vagos, tais como “obter dos deuses situações mais favoráveis” e na restauração do “grande poder da cidade [de Atenas] ainda que abatido”, Nícias representa a ideia da deterioração geral exposta no contexto dos livros 6 e 7, o que não representa um julgamento moral focado em sua própria personalidade enquanto personagem. Ele representa, por meio da focalização proeminente que o narrador primário lhe confere, o declínio e a iminente derrota da cidade de Atenas na expedição à Sicília.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Prólogo e introdução de Manuel Alexandre Júnior; Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ARNASON, J. P.; RAAFLAUB, K. A; WAGNER, P. **The Greek Polis and the Invention of Democracy – A Politico-Cultural Transformation and its Interpretations**. Wiley-Blackwell, 2013.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000.

CONNOR, W. R. **Thucydides**. New Jersey: Princeton University Press, 1987

DE JONG, I. J. F. **Space in ancient greek literature - Studies en ancient greek narratives – volume three**. Boston: Brill, 2012.

DE JONG, I. J. F; NUNLIST, R. **Time in ancient greek literature - Studies en ancient greek narratives – volume two**. Boston: Brill, 2007.

DE JONG, I. J. F; NUNLIST, R.; BOWIE, A. **Narrators, Narratees and Narratives in Ancient Greek Literature – Studies en ancient greek narratives – volume one**. Boston: Brill, 2004.

DE JONG, I. J. F; SULLIVAN, J. P. **Modern theory & classical literature**. Boston: Brill, 1994.

DEWALD, C. J. **Thucydides' War Narrative**. Berkeley: University of California Press, 2006.

GRETHLEIN, Jonas. “Future Past”: time and teleology in (ancient) historiography. **History and Theory**, v. 53, n. 3, p. 309-330, 2014.

_____. Experientiality and “narrative reference,” with thanks to Thucydides 1. **History and Theory**, v. 49, n. 3, p. 315-335, 2010.

GRIBBLE, D. Individuals in Thucydides. In **Brill's Companion to Thucydides**. RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A. **Brill's companion to Thucydides**. Boston: Brill, 2006, p. 439-468.

_____. Narrator interventions in Thucydides. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 118, p. 41-67, 1998. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/632230>. Acesso em 19 de junho de 2015.

GUILLEMETTE, L; LÉVESQUE, C. **La narratologie**. Disponível em: <http://www.signosemio.com/genette/narratologie.asp>. Acesso em 30 de junho de 2015.

HORNBLOWER, S; **A commentary on Thucydides – Volume III Books 5.25-8.108**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

JAY, M. **Intention and Irony: the missed encounter between Hayden White and Quentin Skinner**. *History and Theory*, Vol. 52 (2013), p. 32-48.

KIRBY, John T. Narrative structure and technique in Thucydides VI-VII. **Classical Antiquity**, v. 2, n. 2, p. 183-211, 1983. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25010796>. Acesso em 25 de maio de 2015.

LALLOT, Jean et al. **The Historical Present in Thucydides**. Boston: Brill, 2011.

LAMARI, A. A. Making meaning: cross-references and their interpretation in Thucydides' Sicilian Narrative. In: TSAKMAKIS, A; Tamiolaki, M. In: **Thucydides between history and literature**. Berlin/Boston: Hubert & Co. GmbH & Co. KG, 2013, p. 288-296.

LATEINER, D. **Nícias' Inadequate Encouragement (Thucydides 7.69.2)**. *Classical Philology*, Vol. 80, Nº 3 (Jul., 1985), p. 201-213). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/269855>. Acesso em 05 de julho de 2015.

LEE, C; MORLEY, N. **A Handbook to the Reception of Thucydides**. West Sussex: Wiley Blackwell, 2015

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, S. **Greek-English lexicon**. 9ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MORRISON, J. V.; Interaction Of Speech and Narrative in Thucydides. In: RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A. **Brill's companion to Thucydides**. Boston: Brill, 2006, p. 251-278.

MYNOTT, J. **THUCYDIDES - The War of the Peloponnesians and the Athenians**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

NICHOLS, M. P. **Thucydides and the Pursuit of Freedom**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2015.

PAVLOU, M. Attributive Discourse in the Speeches in Thucydides. In: TSAKMAKIS, A; Tamiolaki, M. In: **Thucydides between history and literature**. Berlin/Boston: Hubert & Co. GmbH & Co. KG, 2013, p. 409-433.

RAWLINGS III, H. R. **The structure of Thucydides's history**. New Jersey: Princeton University Press, 1981.

RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A. **Brill's companion to Thucydides**. Boston: Brill, 2006.

ROMILLY, J. **Raison et histoire chez Thucydide**. Paris: Belle Lettre, 1956

ROOD, T. Thucydides. In: DE JONG, I. J. F; NUNLIST, R.; BOWIE, A. **Narrators, Narratees and Narratives in Ancient Greek Literature – Studies in ancient greek narratives – volume one**. Boston: Brill, 2004, p. 115-128.

_____. Thucydides. In: TEMMERMAN, D; BOAS, E; **Characterization in Ancient Greek Literature – Studies in ancient greek narrative – volume 4**. Boston: Brill, 2016, p. 153-171.

_____. Polybius. In: DE JONG; NUNLIST, R; BOWIE, A. (ed.). **Narrators, narratees, and narratives in ancient Greek literature. Studies in ancient Greek narrative, volume I**. Leiden; Boston: Brill, 2004, p. 147-164.

_____. **Thucydides. Narrative and explanation**. Oxford: OUP, 1998.

SEBASTIANI, B. B. **A ironia do fracasso: Nícias e Tucídides, Aníbal e Políbio**. 2015 (artigo ainda inédito cedido pelo autor).

_____. **O olhar sobre si mesmo, ou fracasso e lucidez nos textos de Tucídides e Políbio**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 24, p. 243-255, 2014.

_____. **O problema da verdade em Tucídides**. In: WERNER, C.; LOPES, A. D.; WERNER, E. (Org.). **Tecendo narrativas: unidade e episódio na literatura grega antiga**. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2015, v. 1, p. 201-221.

SOARES, M. T. M. **Ekphrasis e enargeia na historiografia de Tucídides e no pensamento filosófico de Paul Ricoeur**. Talia dixit, Extremadura, v. 6, p. 1-23, 2011.

STAHL, H. P. Narrative unity and consistency of thought: composition of event sequences in Thucydides. In: RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A. **Brill's companion to Thucydides**. Boston: Brill, 2006, p. 301-304.

TEMMERMAN, D; BOAS, E; **Characterization in Ancient Greek Literature – Studies in ancient greek narrative – volume 4, 2016**.

TRITLE. Democracy and war. In: ARNASON, J. P.; RAAFLAUB, K. A; WAGNER, P. **The Greek Polis and the Invention of Democracy – A Politico-Cultural Transformation and its Interpretations**. Wiley-Blackwell, 2013, p. 298-326.

TSAKMAKIS, A. Leaders, crowds, and the power of the image: Political communication in Thucydides. In: RENGAKOS, A; TSAKMAKIS, A. **Brill's companion to Thucydides**. Boston: Brill, 2006, p. 161-186.

TSAKMAKIS, A.; TAMIOLAKI, M. **Thucydides between history and literature**. Berlin/Boston: Hubert & Co. GmbH & Co. KG, 2013.

TSAKMAKIS, A.; THEMOSTOKLEOUS. C. Textual Structure and Modality in Thucydides' Military Exhortations. In: **Thucydides between history and literature**. Berlin/Boston: Hubert & Co. GmbH & Co. KG, 2013, p. 391-408.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução do texto grego, prólogo e notas introdutórias de Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

_____. **Thucydidis Historiae**: iterum recognovit brevique adnotatione critica instruxit. Henricus Stuart Jones. Oxford: Oxford University Press, 1942.

WESTLAKE, H. D. **Nícias in Thucydides**. *The Classical Quaterly*. Vol. 35, nº 1/2 (Jan.- Apr., 1941), p. 58-65. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/637190>. Acesso em 25 de maio de 2015.